

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

NELMA SILVA MILHOMEM

**IMAGENS DO PATRIARCADO EM “BURITI”,
DE GUIMARÃES ROSA**

BELÉM

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

NELMA SILVA MILHOMEM

**IMAGENS DO PATRIARCADO EM “BURITI”,
DE GUIMARÃES ROSA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em Letras do
Instituto de Letras e Comunicação como parte
dos requisitos para a obtenção do grau de
mestre em Estudos Literários.

Orientador:

Prof. Dr. Sílvio Holanda

BELÉM

2008

*Para Nelson (in memorian),
Maria de Nazaré
e Manaíra*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Silvio Holanda, pelo companheirismo e pela maneira com que nos tem conduzido pelos mistérios e labirintos da obra de Guimarães Rosa;

Aos Prof. Dr. Luiz Heleno Montoril del Castilo (UFPa), Prof^a. Dra. Maria do Socorro Simões (UFPa) e à Prof^a. Dra. Telma Borges (UNIMONTES) pelas valiosas contribuições ao trabalho na etapa de qualificação e defesa desta dissertação.

Aos pesquisadores e escritores devotados ao eterno questionamento sobre a literatura e sobre o mundo, em especial àqueles cuja leitura e interpretação das obras selecionadas para o este estudo me foram essenciais no aprendizado da literatura e da teoria literária;

Ao Sandro, pela carinhosa atenção e ajuda.

A todos os colegas e amigos que, de alguma forma, contribuíram com o meu crescimento humano e intelectual na vivência e no conhecimento;

Às bibliotecárias da Biblioteca Setorial Albeniza de Carvalho e Chaves, do Instituto de Letras e Comunicação da UFPa.

À Universidade Federal do Pará;

À CAPES, pela concessão da bolsa que possibilitou este estudo.

A neutralização da experiência corrente da linguagem é, ao mesmo tempo, suspensão da experiência cotidiana e decisão de interrogar pelo sentido do próprio destino. Ao tornar possível a questão crucial (o que é o que é), o analfabetismo nos devolve a uma perplexidade diante do destino do que nos afastara a falsa sabedoria dos dicionários. Perplexidade que nos apresenta o destino, não como *problema* suscetível de uma resolução intelectual, nem como *mistério*, que transcende irremediavelmente os recursos do entendimento, mas como *enigma*, como um texto obscuro e hermético a ser decifrado.

(Bento Prado Jr., *Alguns ensaios*)

SUMÁRIO

RESUMO	007
RÉSUMÉ	008
INTRODUÇÃO	009
1. ALGUNS PRINCÍPIOS TEÓRICOS	014
1.1. Pressupostos para o estudo da recepção das obras em foco	014
1.2. Diálogos entre História, Teoria literária e Literatura.....	024
1.3. A ficcionalização do paraíso.....	031
2. HISTÓRIA E ESTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA	043
2.1. Algumas estórias sobre a nossa História.....	043
2.2. Signos do patriarcado luso-brasileiro em “Buriti”	050
2.3. O mulato, o agregado e a vassalagem no Buriti Bom.....	059
3. OUTRAS LEITURAS DE “BURITI”	066
3.1. A cordialidade do patriarca brasileiro.....	066
3.2. O feminino em "Buriti"	073
3.3. Amor e erotismo na noite do sertão.....	080
3.4. Literatura, natureza e sociedade.....	084
CONSIDERAÇÕES FINAIS	090
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	098

RESUMO

Este trabalho tem como escopo o estudo novela “Buriti” / *Noites do Sertão* (1956), de Guimarães Rosa, com ênfase nos aspectos da obra em que o tema do patriarcado no Brasil é discutido, com base em referências historiográficas e etnossociológicas contidas em obras como *Casa Grande & Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e de outros estudos pertinentes ao assunto provenientes do trabalho de intelectuais brasileiros contemporâneos de Guimarães Rosa e de outros mais recentes. Tendo em vista a análise das linguagens ficcional, estética e documental da literatura rosiana, buscou-se também fundamentação no estudo da recepção pela crítica no período entre 1970 e 2007, nas diversas perspectivas sob as quais não apenas a novela em pauta, mas o conjunto da obra de Guimarães Rosa tem sido estudado, no intuito de apreender as diversas dimensões em que as questões ligadas às instituições patriarcais no Brasil são ressignificadas, a fim de compreendê-las como contribuições narrativas sobre uma fase sensível da vida brasileira — a primeira metade do século XX. E, sobretudo, como uma forma de escritura na qual Guimarães Rosa exercita um viés particularmente arguto da sua criação: a rememoração historiográfica aliada a um tipo de narrativa que, nesta pesquisa, convencionou-se chamar de *fusão dos horizontes histórico e estético*, numa perspectiva que propõem ao leitor numerosos questionamentos sobre o tempo, a arte e a literatura brasileira desse período. Problemas que este estudo pretendeu, de alguma forma, entender e atualizar, sob um enfoque crítico, em face da importância da literatura para a iluminação de novas dimensões ainda ocultas da vida brasileira, em especial da obra rosiana.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Buriti, patriarcado, história, literatura, cultura.

RÉSUMÉ

Il s'agit, d'abord, d'analyser la réception critique de l'oeuvre " Buriti", nouvelle qui fait partie du récit "Noites do Sertão", de Guimarães Rosa, publié en 1956, à partir des études réalisés par quelques des plus importantes analystes de l'oeuvre rosienne dans la période de 1970 à 2007. On propose aussi une brève interprétation des aspects liés à la présence du patriarcat dans le contexte de production du récit à partir des études ethnologiques, anthropologiques et sociologiques faites par la génération d'écrivains connue comme "les interprètes du Brésil", entre lesquelles se mettent en relief Gilberto Freyre et Sérgio Buarque de Holanda avec les oeuvres *Casa Grande e Senzala* (1933) et *Raizes do Brasil* (1936), respectivement, au delà d'autres études plus récents — on déstaque ici celles de Luis costa Lima — en vue d'approcher les langages de la science et de l'art chez l'univers littéraire. On présente, enfin, quelques conclusions basées en principes de l'Ésthétique de la Réception qui en servu comme référence théorique par le travail d'analyse des éléments plus essentiels qui ont été examinés par la critique littéraire brésilienne de la période citée qui nous ont permis d'arriver à une compréhension plus riche du récit rosien vers la culture et la société brésilienne.

INTRODUÇÃO

Apesar da distância que separa seus respectivos tempos de produção, os ensaios *Casa Grande & Senzala* (1933) de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e a novela “Buriti” / *Noites do Sertão* (1956) de Guimarães Rosa, constituem-se como preciosas referências para as possibilidades de conhecimento de uma fase da vida brasileira marcada pelo advento da nossa modernidade na qual se plasmaram as grandes questões políticas e culturais construtoras de uma narrativa capaz de integrar a natureza e a sociedade em uma síntese de valores locais e universais, tarefa que somente os olhares da arte e da ciência podem, conjuntamente, realizar, sem, no entanto, jamais lograr esgotá-la, em face da complexidade dos temas envolvidos.

Objetivando iniciar neste curso de mestrado uma investigação que pretende ainda estender-se a um leque mais amplo de abrangência do conjunto da obra rosiana, particularmente no âmbito da ficcionalização de aspectos ligados às relações patriarcais no Brasil, priorizou-se, nesta etapa, estudar alguns aspectos preliminares capazes de esclarecer nuances do diálogo entre a novela “Buriti” e os ensaios *Casa Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, com base também em estudos mais recentes dentre os quais destacamos os de Luiz Costa Lima, de Luiz Roncari e de Kathrin Rosenfield como três das mais penetrantes leituras das obras de Gilberto Freyre e Guimarães Rosa, no sentido de encontrar as perguntas às quais a literatura produzida nas primeiras décadas do século XX procurou responder diante dos impasses vividos pela sociedade desse tempo.

Em vista da densidade dos problemas que envolvem a interação entre aquelas três linguagens — documental, ficcional e estética, optou-se por um método de leitura capaz de aproximar alguns conceitos fundamentais à identificação de suas interfaces, a fim de penetrar nos sentidos de literatura, de narrativa, de cultura, de nacionalidade, de sociedade, entre outros, no Brasil republicano — quando se inicia a desestruturação do modelo patriarcal colonial e a transição para a modernidade do país, temas que subjazem, com grande força coesiva, ao contexto das obras em estudo e que constituem um dos principais focos deste trabalho. Essa abordagem ancora-se, portanto, na reflexão mais específica sobre os seguintes problemas:

1. A explicitação do contexto sócio-histórico que favoreceu o advento do modernismo latino-americano e brasileiro da primeira metade do século XX e que

ensejou o alto grau de apuramento lingüístico, filosófico e estético responsável pela renovação da linguagem literária, com Guimarães Rosa no gênero narrativo, e com Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda no gênero ensaio¹, e pela redefinição da visão sobre brasilidade e sobre a literatura brasileira delas decorrentes.

2. A recepção crítica dessas obras no intervalo entre 1970 e 2007 a respeito dos temas que mais se aproximam da abordagem proposta por esta pesquisa, isto é, a interpretação de aspectos das linguagens ficcional e ensaística como produtos de um entrecruzamento que mistura em suas imagens os signos de uma cultura — signos esses que traduzem elementos do contexto de enunciação e os atualizam em novas significações, para o leitor atual.

A dissertação desdobra-se em três capítulos, dos quais o primeiro reporta-se aos pressupostos teóricos que serviram de base à arquitetura filosófica da Estética da Recepção, com seus princípios na fenomenologia de Martin Heidegger, na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e nas teses sobre a historiografia e recepção da literatura de Hans Robert Jauss.

O segundo capítulo traz uma leitura intertextual entre *Casa Grande & Senzala, Raízes do Brasil*, a novela “Buriti” e a crônica historiográfica registrada na obra de outros intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX. Para isso, foi necessária uma breve retrospectiva da história da formação da cultura brasileira do ponto de vista dos pressupostos das ciências humanas que vigoravam no final do século XIX e início do século XX no pensamento europeu e que, absorvidos no Brasil pelas correntes filosóficas e estéticas contemporâneas, levaram, algumas vezes, a interpretações reducionistas sobre a nossa formação sócio-econômica e cultural, reducionismo que, no caso de *Casa Grande & Senzala*, teve o poder de forjar um mito sobre o país segundo uma noção idílica sobre a colonização brasileira, conforme análise de Luiz Costa Lima² e de outros importantes analistas da obra de Gilberto Freyre.

Finalmente, o terceiro capítulo é dedicado ao estudo da recepção crítica das obras selecionadas à luz dos estudos e leituras elencados nesta pesquisa — entre os quais destacamos os de Antonio Candido, Benedito Nunes, Luiz Costa Lima, Luiz

¹ Gênero que “requer comunicabilidade e leveza da expressão, tanto quanto agilidade, agudeza e concisão no jogo do argumento”, cf. Madeira, Marcos Emir. In: VIANNA, Oliveira. *Ensaaios inéditos*. Campinas: Unicamp, 1991. Apresentação, p. 7.

² LIMA, Luiz Costa. “A versão solar do patriarcalismo”. In: *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 235-6.

Roncari e Kathrin Rosenfield, voltados à interpretação da obra rosiana, em particular; e os de Darcy Ribeiro, Alfredo Bosi, Caio Prado Jr. e Roberto DaMatta e ainda Luiz Costa Lima, a propósito de *Casa Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*. O capítulo se encerra com uma análise extensiva às relações entre a linguagem ficcional e a ensaística, com destaque para os procedimentos literários com que a novela de Guimarães Rosa contribui para o rejuvenescimento da moderna prosa brasileira. E, embora cientes das grandes lacunas que ainda persistirão no escopo geral deste trabalho, pretendemos levar seus eventuais leitores a uma reflexão sobre as seguintes questões de base:

a) a apresentação de certas facetas do discurso literário brasileiro moderno como constituindo aspectos de uma fala mais livre e independente dos condicionantes históricos, políticos e culturais que o mantiveram vinculado, até o século passado, a um olhar estrangeiro, mas que, posteriormente, alcançou sua plena maturidade, sem deixar de ser, simultaneamente, regionalista e universal, tal como o demonstram as obras de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, na retórica do ensaio e de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, na prosa de ficção, ao se debruçarem sobre os temas da vida sertaneja como objeto de conhecimento dessa fase particularmente significativa da vida brasileira que foi a passagem do Império para a República, na virada do século XIX.

Vale reiterar a importância da geração de escritores regionalistas da primeira metade do século XX no trabalho de criação de uma literatura e de uma produção intelectual humanista reveladora de uma profunda reflexão sobre o Brasil e os brasileiros e no engajamento de poetas, romancistas e cientistas de diversas áreas do conhecimento no trato das questões sociais contemporâneas, na perspectiva de estudar a realidade brasileira em seus múltiplos aspectos, de uma forma despojada dos artificialismos e dos jogos estilísticos e, sobretudo, pautando-se, preferencialmente, nos parâmetros conceituais da melhor tradição da pesquisa em humanidades da Europa e dos Estados Unidos das primeiras décadas do século XX.

b) a influência das relações patriarcais sobre a vida pública, privada e íntima da família brasileira nesse período e o modo como são apresentadas no âmbito dos discursos literário, histórico, sociológico e etnográfico, a fim de que seja possível deslindar, em cada tipo de escritura, as diferentes abordagens e visões de mundo de cada autor, narrador e personagem, também como leitores e criadores do seu próprio tempo.

c) por fim, o aprofundamento de aspectos da *fusão dos horizontes histórico e estético* — noção que consiste, no caso do *corpus* deste trabalho, na dissecação dos meandros das narrativas em que os autores desvelam as relações patriarcais no Brasil das primeiras décadas do século XX, numa perspectiva que persegue a coesão entre o substrato literário, a densidade histórica e as concepções estéticas sobre a cultura brasileira.

Isto posto, é necessário que se façam alguns esclarecimentos preliminares a respeito dos parâmetros teóricos utilizados para a realização deste estudo. O principal pressuposto é o de que entendemos o texto literário e sua recepção como produtos da interação entre leitura e leitor cuja experiência estética não prescinde de sua contextualização da obra e da compreensão das trocas entre a vivência biográfica — e, portanto, histórica — de autores e leitores, o que remete, em linhas gerais, às seguintes noções: a) o do *efeito estético* como um produto do ato de leitura condicionado pelo texto; b) o da *recepção* como um momento condicionado pela leitura, num ato de concretização de sentidos textuais que se realiza na forma de um duplo horizonte: “o horizonte interno do texto, implicado pela obra, e o mundivivencial trazido pelo leitor de um determinado tempo histórico”³. Esses conceitos se reportam, por sua vez, tanto ao contexto de produção das obras quanto ao das sucessivas gerações de leitores, no sentido de explicitar o ato de leitura como resultado dessa interação. Citemos aqui E. D. Hirsch Jr.:

O *sentido* [de uma obra] designa aquilo que permanece estável na recepção de um texto [...] A *significação* designa o que muda na recepção [...] O *sentido* é singular; a *significação*, que coloca o sentido em relação a uma situação, é variável, plural, aberta e, talvez, infinita. O *sentido* é o objeto da interpretação; a *significação* é o objeto da aplicação do texto ao contexto da sua recepção⁴.

Assim, fixou-se como um dos principais propósitos deste trabalho a abordagem dos temas históricos, sociológico, etnográficos e ficcionais numa perspectiva que permitiu abranger duas ordens de fatores suplementares como bases para a construção de uma hermenêutica literária: primeiro, a recepção, pela crítica literária e pela historiografia, dos fatos políticos referentes à passagem do século XIX para o XX, no Brasil e no mundo, que deram ensejo à nossa primeira experiência de autonomia política e na qual foi ambientada também grande parte da produção da

³ JAUSS, Hans Robert. “A *estética da recepção: colocações gerais*”. In: LIMA, Luiz Costa (org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 73.

⁴ HIRSCH JR., E. D. *apud* COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria — literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 86.

literatura rosiana da primeira fase. É também esse o momento do que se convencionou chamar de *a interpretação do Brasil*, nascida com os primórdios do pensamento crítico sobre a realidade brasileira da primeira metade do século XX, fenômeno que se materializou por meio da produção acadêmica, jornalística e literária de registro crítico dessa realidade.

A análise dos aspectos estéticos dessas obras, a diversidade de gêneros presentes nas duas narrativas, a visibilidade desses temas e a sua expressividade através da linguagem e dos demais elementos da forma narrativa são aspectos relevantes para a compreensão daquilo que de novo a sua releitura veio introduzir nas concepções críticas e teóricas sobre a literatura brasileira dos anos 30-60 do século passado. Também em consonância com o princípio da intertextualidade, buscou-se contemplar diferentes abordagens sobre alguns aspectos comuns, tais como as que se debruçam sobre a análise do espaço narrativo na novela rosiana e no ensaio freyreano como, por exemplo, as de Luiz Costa Lima e Kathrin Rosenfield, no intuito de promover uma interpretação pluralista das obras em foco.

1. ALGUNS PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em versos as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história se fosse em versos o que era em prosa) — diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.

(Aristóteles, *Poética*)

1.1. Pressupostos para o estudo da recepção das obras em foco

Em *Verdade e Método*⁵, Hans-Georg Gadamer descreveu o princípio da história do *efeito* — que visava evidenciar a realidade histórica no próprio ato da compreensão [de um texto] — como uma aplicação da lógica da pergunta e da resposta textual à tradição histórica do cânone literário. Tomando como paradigma conceitual a tese de Collingwood segundo a qual “só se pode entender um texto quando se compreendeu a pergunta para a qual ele se constitui uma resposta”⁶, Gadamer explicava que a pergunta reconstruída não pode mais inserir-se em seu horizonte original, pois este é sempre abarcado por aquele do nosso presente, uma vez que “o entendimento é sempre um processo de fusão de tais horizontes supostamente existentes por si mesmos”⁷.

Mas as perguntas históricas, diz o teórico, não existem por si mesmas, sendo resultado daquilo que foi constituído pela tradição. Para Hans Robert Jauss, a tradição na arte pressupõe uma relação dialógica do presente com o passado, em decorrência da qual a obra do passado somente nos pode responder e “dizer alguma coisa” se “aquele que hoje a contempla houver colocado a pergunta que a traz de volta do seu isolamento”⁸, ou, dito de outra forma, se o leitor atual souber ouvir as vozes do passado que se escondem nas entrelinhas do discurso literário.

De modo que se pode buscar essa pergunta — contida na trajetória da evolução literária — com base em uma perspectiva funcional como corporificação de uma função social cujas possibilidades se revelam de forma plena “quando a

⁵ GADAMER, Hans-Georg apud JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994, p. 37.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 37.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 47.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 40.

experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre o seu comportamento social" (cf. a tese XII da proposta para a escritura de uma nova história da literatura⁹).

Dessas reflexões, buscamos extrair, para a composição de um método comparativo de leitura das obras em tela, as relações entre as perguntas e as respostas fornecidas por seus autores aos problemas que surgiram em um horizonte histórico do qual eles foram intérpretes privilegiados e a hermenêutica proposta por parte da recepção crítica de suas obras, no período entre 1970 e 2007, no qual se situa a publicação de uma gama importante de ensaios, teses e artigos sobre as mesmas, selecionados na revisão da bibliografia deste trabalho.

Algumas das relações que surgem na novela "Buriti" podem ser lidas como atos de ruptura com certas abordagens teórico-críticas tradicionais — o que tentaremos explicitar no decorrer da dissertação — por efeito de uma espécie de transgressão do chamado realismo regionalista da geração de 1930 ou de uma releitura moderna do contexto do sertão, em que se aborda a prática de um *paternalismo esclarecido* como uma forma de atualização do perfil do homem de poder — o que se convencionou chamar, no corpo teórico particular deste trabalho, de *a fusão dos horizontes histórico e estético* empreendida pela ficção rosiana com base em concepções etnossociológicas daquele momento da vida intelectual brasileira, cujos desdobramentos e influências sobre a realidade nacional contemporânea ainda solicitam a continuidade de estudos visto que sobrevivem em várias de nossas instituições sociais, inclusive a família. Senão, vejamos:

A família patriarcal, remanescente dos arquétipos luso-castelhanos do medievo europeu, refletindo a imagem tutelar do poderoso senhor proprietário de homens, de animais e de terras como alguém capaz de lidar, com grande sabedoria, com o imenso poder de que gozava, em uma estrutura de perfil escravocrata, foi preconizada por Oliveira Vianna e, posteriormente, ressignificada nos estudos de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, em perspectivas distintas, interpretadas posteriormente com especial acuidade por Luiz Costa Lima. Para este crítico, por exemplo, a importância do ensaio de Gilberto Freyre reside, principalmente, na abordagem de duas dimensões fundamentais do processo da colonização brasileira: a primeira, o pioneirismo em relação ao estudo da intimidade

⁹ GADAMER, Hans-Georg *apud* JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994, p. 50.

da família e da influência de determinações sociais [o patriarcado] e culturais [o paternalismo] na formação do caráter do homem brasileiro; a segunda, na criação de uma “linguagem isomorfa à nossa formação no sentido da sua resistência ao estabelecimento de limites para seus operadores conceituais”¹⁰; operadores — e aí ele pontua um dos equívocos da tese freyreana — cunhados sobre a noção de uma plasticidade metafórica que acaba por funcionar como um embuste lingüístico para a fundamentação da tese da democracia racial e justificar fatores considerados determinantes ao êxito da colonização portuguesa nos trópicos — êxito que teria consistido, segundo Gilberto Freyre, em um “equilíbrio de antagonismos” no cerne de uma gênese cultural modalizadora da influência eurocêntrica.

Essas assertivas foram rediscutidas posteriormente pela crítica no sentido de mostrar que a suposta harmonização de raças e culturas que teria, segundo Gilberto Freyre, lastreado o hibridismo da sociedade brasileira pós-colonial e suavizado os choques culturais, não teve como consequência natural uma correspondente via de participação do povo no plano político. De modo que, por meio do mito do *patriarca esclarecido*, Gilberto Freyre teria criado um simulacro da simpatia ou da cordialidade do homem de mando que nada tem a ver com o legado do colonizador, e que continuaria válido, no atual estágio de conservadorismo da sociedade brasileira, como fator de legitimação de uma formação social originalmente aristocrática.

Nessa perspectiva, Luiz Costa Lima constrói um aforismo segundo o qual “a mão que manda nada tem a ver com a voz que fala”, para nos dizer que “a voz que fala pode-se desligar da mão que manda desde que esteja segura de que seu mando não está ameaçado”¹¹, pretendendo com isso provavelmente esclarecer essa espécie de falha do caráter nacional que, em vista de assegurar a preservação da assimetria do poder acaba por provocar uma perigosa distorção das relações democráticas. Essa hipótese foi aqui adotada em vista da oportunidade de esclarecimento de algumas vias de investigação na temática de “Buriti” e, embora nessa novela e no conjunto da obra de Guimarães Rosa, a “casa-grande”, símbolo da centralização do poder da família patriarcal, já não tenha a mesma configuração que possui do ensaio freyreano — uma vez que a novela foi ambientada no Brasil pós-colonial, já sem a presença da senzala e do eito — ela sobreviveu como casa de fazenda ou de engenho, mantendo seu numeroso séqüito de agregados

¹⁰ LIMA, Luiz Costa. “A versão solar do patriarcalismo”. In: *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 219.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 235-6

remanescentes do modelo agro-escravocrata, como sugere a presença das "mulheres da cozinha", em "Buriti".

Fundamentando-se numa análise comparativa entre as duas obras, o crítico desenvolve suas análises fundamentais no sentido de dizer que, apesar da inegável contribuição do antropólogo para os estudos da colonização portuguesa do Brasil, suas teses sobre a formação da sociedade brasileira são bastante questionáveis na medida em que oferecem uma versão quase tão idílica quanto a da literatura de informação sobre o Brasil dos primeiros séculos, comprometida com uma visão pitoresca e, portanto, bastante idealizada da realidade do país, onde o ensaísta desliza confusamente de conceitos étnico-culturalistas para outros de linhagem naturalista-evolucionista, que vincula seu pensamento ao conservadorismo epistemológico contra o qual ele, em tese, se insurgira, a partir dos estudos de antropologia cultural realizados sob a tutela de Franz Boas, seu mestre e orientador.

Nessa querela, portanto, entendemos que Luiz Costa Lima compartilha da avaliação de Antonio Candido sobre a obra do pernambucano:

Casa-grande é uma ponte entre o naturalismo dos velhos intérpretes da nossa sociedade, como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e mesmo Oliveira Vianna e os pontos de vista mais especificamente sociológicos que se importariam a partir de 1940. Digo isto em virtude da preocupação do autor com os problemas de fundo biológico (raça, aspectos sexuais da vida familiar, equilíbrio ecológico, alimentação), que serviram de esteio a um tratamento inspirado na antropologia cultural dos norte-americanos por ele divulgada em nosso país¹².

Luiz Costa Lima também chama a atenção para o fato de que a narrativa de *Casa Grande & Senzala* "se mantém agregada ao solar patriarcal"¹³ [num trocadilho que associa a narrativa aos membros aparentados do patriarca] para afirmar a prevalência do enfoque freyreano na dimensão privada da família brasileira, na medida em que aquilo que neste surge como fatores de democratização são, na verdade, valores "que se restringem e se adaptam ao [restrito] círculo da família patriarcal"¹⁴. A ausência da exploração do caráter público dessas práticas vem assim contribuir para a formação de uma mítica sobre a democracia brasileira: isto porque, explica o crítico, a inexistência de condições favoráveis à formação de estratos

¹² CANDIDO, Antonio. "O significado de *Raízes do Brasil*". In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 10.

¹³ LIMA, Luiz Costa. "A versão solar do patriarcalismo". *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 229.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 227.

sociais médios na economia desse período não permitiu a expansão da relativa harmonia entre a casa grande e a senzala defendida por Gilberto Freyre, como via de emancipação política e, muito menos, econômico-política, da sociedade colonial.

Kathrin Rosenfield também faz eco a essa idéia, afirmando que subsiste na obra rosiana um antagonismo entre a vida sertaneja real e o imaginário patriarcal da *Casa Grande*, pois "Rosa simplesmente inverte a perspectiva, contemplando pelo avesso a lógica da estabilidade precária analisada por Gilberto Freyre"¹⁵, modificando a posição dos olhares que contemplam a vigência do poder patriarcal na casa-grande e no espaço público da vida sertaneja. Pois enquanto o narrador rosiano observa, no *Grande Sertão*, as relações de poderio que se estabelecem fora do espaço senhorial, na truculenta vida jagunça, na obra de Gilberto Freyre os conflitos entre as duas dimensões da sociedade brasileira do período têm como ponto de fuga a casa do patriarca, o engenho, a fazenda, "a vida girando em torno de três núcleos [interativos]: o patriarcado, a interpenetração de etnias e culturas e a realidade climática"¹⁶. Quanto ao olhar do narrador em "Buriti", embora centrado na casa do patriarca, não ocupa uma posição fixa pois, através de recursos narrativos modernos com o do fluxo de consciência¹⁷ e o do monólogo interior de vários personagens, dá voz a diferentes pontos de vista sobre as relações familiares e sobre o universo patriarcal dentro e fora da casa de Liodoro.

Alguns aspectos da formação brasileira estudados por Gilberto Freyre são, por outro lado, destacados pelo antropólogo Roberto DaMatta como contendo uma visão perspicaz sobre o processo de decadência do patriarcado no Brasil com a chegada da modernidade urbana e seus conseqüentes deslocamentos na hierarquia social

que relativizaram o peso das famílias, dos parentes, dos agregados, dos amigos, dos compadres, nas elites patriarcais, privilegiando os partidos políticos e as ideologias basilares da vida republicana, num tipo de sociabilidade marcada pela necessidade de abolir a velha oposição entre a casa e a rua, o conhecido e o anônimo, a vida íntima e a pública, quando tudo passa a ser governado por leis universais, válidas para todos, em todos os lugares¹⁸.

Assim, o impacto sofrido pela família patriarcal é imenso: a porta da casa deve agora abrir-se para a rua, encerrando a problemática separação entre o familiar e o

¹⁵ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 172.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 172.

¹⁷ Sobre o assunto, ver "Fluxo da consciência como Método Ficcional". In: CARVALHO, Alfredo Leme Coelho. *Foco narrativo e fluxo de consciência*. São Paulo: Pioneira, 1981, p. 51-8.

¹⁸ DaMATTA, Roberto *apud* HAAD, Carlos. Entrelivros, São Paulo, v. 1, n. 8, dez. 2005, p. 36.

estranho, já que o poder da via pública passa a ocupar aquele antes dominado apenas pelo núcleo familiar. Mas os estudos de Gilberto Freyre que tratam dos problemas da formação da cultura brasileira apresentam algumas interfaces importantes com as obras de Rosa ambientadas no período de 1889-1930 [*Sagarana*, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*], correspondente à primeira fase do Brasil republicano que, não por acaso, também ecoa nesses livros concebidos, segundo vários de seus intérpretes mais recentes, no contexto do *getulismo*.

Contudo, o que nos importa principalmente observar, nesse panorama — já que aqui se trata de uma investigação no campo dos estudos literários, envolvendo aspectos pertinentes tanto ao campo da teoria quanto ao da história da literatura — é aquilo que diz respeito à especificidade do seu discurso: a riqueza ficcional dentro de um processo narrativo que traduz certas conquistas e avanços da linguagem literária brasileira, a partir do modernismo, e que, tanto na novela quanto nos ensaios, com suas nuances de realismo, naturalismo, romantismo e modernismo, são presentificadas no nosso imaginário e na nossa maneira particular de nos identificarmos enquanto povo, e aí talvez resida, além do interesse puramente literário, um outro, de natureza cultural, que justifica o aprofundamento dessa dimensão da pesquisa.

Assim, o aspecto da literatura rosiana que tem sido destacado pela crítica especializada é o valor da sua linguagem como tradução de uma visão política do escritor em cujo hibridismo — que amalgama elementos da etimologia culta, da oralidade popular e de fontes literárias e filosóficas eruditas — produz inusitadas construções por meio da recriação (neologismos) ou da fragmentação dos elementos lingüísticos como forma de resistência à banalização da língua promovida pela cultura de massa e pela ruptura com posições tipificadas do tipo vanguarda e reação (esquerda x direita) que, de certa forma, predominou na produção artística do seu contexto cultural de enunciação, pois sua escritura plasma uma nova estrutura morfo-sintático-semântica capaz de incorporar um novo sentido da relação homem/mundo que vai além de uma redução ideológica pautada pela representação da guerra entre dominantes e dominados.

Contudo, alguns temas foram aqui discutidos visando ressaltar a intertextualidade dos dois gêneros: o *ensaio*, baseado num certo tipo de perspectivação da realidade que é, em tese, *documental*; e a *novela*, que se constrói

com base em um imaginário pessoal, ao sabor da livre criação do escritor, o que, entretanto, não pode ser visto apenas como produto da sua capacidade pessoal de fabulação, uma vez que esta é também um produto de suas vivências, memórias, fantasias, etc., sendo, desse modo, também documental. Tais formas de representação aglutinam em suas respectivas linguagens duas linhas de forças, divergentes mas suplementares, através das quais procuramos, então, melhor definir os vestígios de rememoração, de ficcionalidade e de testemunho que pudessem estabelecer um plano comparativo entre as obras. Retomemos, então, para subsidiar esse nível da análise, algumas noções propostas por Luiz Costa Lima, em referência a um artigo de Paul Valéry:

Recusa-se ao texto literário o seu caráter de documento, o ser prova de alguma verdade. Por outro lado, insinua-se que essa negação deriva da sua natureza ficcional. Ou, em outros termos: o texto de intenção literária se cumpre segundo todas as regras do *teatro mental* e, por isso mesmo, afasta de si os princípios a que se subordina o documento. [...] Ao falar em *caráter não documental* da literatura, [o autor, Paul Valéry] diz que não pretende afirmar que o texto, ao se tornar ou se pretender literário, automaticamente se despoje da qualidade de documento¹⁹.

O crítico procura, então, esclarecer estas idéias explicando que "qualquer gesto, qualquer manifestação e, portanto, também qualquer texto, envolve uma abordagem documental, e isto porque atesta uma pluralidade de coisas"²⁰, ou seja, que é, inapelavelmente, testemunhal ou documental, uma característica que, além do mais, está incorporada a tudo o que o homem toca, sendo, portanto, de variação infinita. Assim, não seria improcedente falar-se na inevitabilidade documental de tudo o que o olhar humano atinge — uma propriedade por certo resultante da relação que ele mantém com os signos, pois signo algum é capaz de se esgotar em si mesmo, de se auto-enclausurar, porque a alegoria, menos que o resultado de uma tática expressiva, é uma propriedade sempre pronta a aparecer onde as palavras se combinem. As alegorizações permanentemente criadas testemunham que todo produto humano significa além do propósito com que foi concebido e que todo signo, enfim, documenta algo desconhecido e inesperado: "o que faço documenta não só o que sei, mas, também, o que desconheço"²¹.

Ao defender a noção do caráter não-documental da literatura, o projeto teórico

¹⁹ VALÉRY, Paul *apud* LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 191-2.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 192.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 191-3.

declarado de Luiz Costa Lima, em *O controle do imaginário*²², é a defesa da tese de que “o veto ao imaginário, com a conseqüente domesticação do substrato ficcional, tem sido uma força presente no Ocidente desde os primeiros sinais da afirmação da individualidade moderna, já em fins da Idade Média”²³. Sobre essa questão, Roland Barthes já afirmava, em 1968:

O autor é um personagem moderno, produto, sem dúvida, da sociedade, na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo ou, como se diz mais nobremente, da pessoa humana²⁴.

Ou seja, antes do advento da noção moderna de autoria como prerrogativa do artista individual, a atividade artística ocidental ocorria de forma anônima, como registro documental das ações humanas ou como representação da divindade, a partir do conceito de *imitatio* inerente ao modelo canônico da criação poética, vinculado a temas teológicos, nos quais a principal função da arte era a disseminação dos valores civis e religiosos e seus dogmas, no que já se manifestava, então, a interdição à livre expressão do artista, mantida na Antigüidade pela estética platônica e reforçada, depois, pelos códigos artísticos medievais instituídos pela Igreja e que a modernidade veio suplantar. Contudo, da emancipação da burguesia e do artista como produtor individual decorre a sua submissão aos valores da nova classe hegemônica e o controle do seu *teatro mental* pelos novos ocupantes do poder com vistas à sua manutenção. Lembremo-nos, entretanto, que essa tese já fora defendida pela teoria literária desde as primeiras décadas do século XX, na reinterpretação da *mimèsis* aristotélica:

pretensa imitação da realidade, que tende a ocultar o objeto imitante em proveito do objeto imitado, [a *mimèsis*] está, tradicionalmente, associada ao realismo, e o realismo ao romance, o romance ao individualismo, o individualismo à burguesia, e esta ao capitalismo²⁵.

Nesse sentido, a crítica da *mimèsis* feita pela teoria literária corresponde à crítica da ideologia burguesa da *ilusão referencial* segundo a qual a literatura realista moderna seria um mero fantoche a serviço da realidade [burguesa]. Para a lingüística e para a teoria literária de base estruturalista e formalista, a literatura, mesmo a mais realista, constituiria apenas uma forma particular de discurso, com

²² LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

²³ *Idem*. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 189.

²⁴ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 50.

²⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 106.

suas regras e convenções próprias, o que, em última análise, representou uma tentativa de desconstrução da ideologia burguesa cujas bases uma teoria de cunho eminentemente antiidealista como o formalismo russo visava solapar.

Na esteira deste raciocínio, Luiz Costa Lima, ao postular a negação do caráter documental da literatura, busca legitimar a *ficcionalidade* como a verdadeira especificidade do discurso literário: este, embora lastreado em bases histórico-culturais, não constituiria parte essencial do *teatro mental* do escritor. Em outras palavras, sem negar a importância dos elementos contextuais da obra e da biografia do autor para o esclarecimento de aspectos da *materialidade documental* do texto, o crítico os considera, entretanto, secundários, quando se trata da “análise da realidade conceitualizável do discurso literário”²⁶.

Mas, perguntamo-nos: ao defender o que considera a *natureza ficcional* da *literatura*, em detrimento do seu aspecto documental, ele não estaria, somente, atualizando a velha cizânia doutrinária do conceito de *mimèsis*, cujo critério é, em Aristóteles, a *verossimilhança* em relação ao *sentido natural* [*imitatio naturae*], enquanto que, entre nos teóricos modernos, ela passou a representar a verossimilhança em relação ao sentido cultural [*doxa*, a opinião, a cultura]? Pois Aristóteles também postulava a mudança da interpretação da *mimèsis* [*Poética*, cap. III] que se torna, em seu entendimento, uma noção geral para todos os modos poéticos [dramático, épico e à narrativa simples], o que levou à banalização do termo como designativo de toda a atividade artística como imitação [*Poética*, Cap. IV]. Mas o conceito de *mimèsis*, em Aristóteles, migrou, depois, da noção de *imitação da natureza* [das ações humanas] para o de *logos*, *muthos* e *lexis* [escrita usada para narrar poeticamente essas ações] ou, ainda, da natureza [*eikos*] para a literatura, para a ideologia e para a cultura.

O dilema entre natureza e cultura, como se vê, já existia em Aristóteles, que escrevia, no início do cap. IX da *Poética*: “o papel do poeta é dizer não o que ocorreu realmente, mas o que poderia ter ocorrido na ordem do verossímil ou do necessário”²⁷. Desse modo, a antonímia de *eikos* [o verossímil] torna-se *apithanon* [o inverossímil, não-persuasivo] e a *mimèsis* encontra-se nitidamente reorientada para a retórica e a *doxa*, a opinião. Como insistirão os teóricos, a *mimèsis* não está, pois, naquilo que pode ocorrer na ordem do possível, mas o que é aceitável pela opinião

²⁶ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 200.

²⁷ ARISTÓTELES, *Poética* (1451a 36). In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 105.

comum, o que é *endoxal* e não *paradoxal*, o que corresponde ao código e às normas do consenso social.²⁸

Luiz Costa Lima constrói, assim, a hipótese do *veto ao imaginário* presente nos postulados da tese da *domesticação do ficcional* vinculando-a à expressão literária da América Latina do século XIX e que consiste em afirmar que, no continente latino-americano em geral, e no Brasil, em particular, desde o século XIX, à condenação do *estatuto da ficcionalidade*, essencial ao texto literário, correspondeu a oferta ao escritor, pelos poderes constituídos, de um lastro de salvação: o *caráter documental* da obra de ficção. Segundo o crítico

Próprio de uma formação de compromisso é passar-se a ver algo da maneira como se supõe ser a desejada por alguém mais poderoso que fantasmalmente dirige a nossa própria compreensão.²⁹

Tal característica já fora apontada por Antonio Candido, no ensaio "Literatura e subdesenvolvimento"³⁰, como um indicador socioeconômico da realidade latino-americana, claramente expresso em sua literatura a partir da noção de *país novo* — consignada por Mário Vieira de Melo que predominou até a década de 1930 e correspondente à "consciência amena do atraso" — do qual as elites brasileiras derivaram uma auto-imagem fetichizada que se atribuía enormes possibilidades de progresso futuro — em oposição a outras noções mais recentes e, quiçá, mais realistas, as de *país subdesenvolvido* e, posteriormente, de *país em desenvolvimento*, cujas conseqüências na literatura serão discutidas adiante.³¹

Neste ponto de nosso processo argumentativo com base na defesa das teses de Costa Lima é suficiente a compreensão de que tanto os escritos de Freyre, no gênero ensaio, quanto a obra literária rosiana, esta de maneira mais radical, já representam uma busca de ruptura com os padrões da linguagem do seu tempo, sendo que, no caso de Rosa, essa conquista avança, também, no aspecto da construção de uma epistemologia do homem brasileiro em sua dimensão universal.

²⁸ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 105.

²⁹ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 215.

³⁰ CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo. Perspectiva, 1979, p. 343-362.

³¹ A noção de *país novo* foi rebatizada pelo eminente ensaísta como "consciência amena do atraso" (que predomina na literatura brasileira até por volta de 1920-30) e foi seguida pela de "pré-consciência do subdesenvolvimento (1930-40), correspondente, segundo ele, à do *romance social, indigenista e "do Nordeste"*, e precursora da "consciência do subdesenvolvimento" (1940-60) que, "é posterior à 2ª Guerra Mundial e se manifestou claramente a partir dos anos de 1950". Essa noção também foi chamada pelo crítico como "consciência catastrófica do atraso". In: CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*, p. 343-362.

1.2. Diálogos entre História, Teoria literária e Literatura

Luiz Roncari atenta para o fato de que alguns dos paradigmas de interpretação da vida pública brasileira adotados por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* e por Oliveira Vianna em *O ocaso do império* foram reinterpretados pelo autor de *Corpo de baile* na formatação de certos arquétipos da vida privada como, por exemplo, as figuras do patriarca, do coronel, do pai e dos filhos de famílias comuns e de outros tipos de homens postos como “modelos que também atraíam os [outros] homens para a ordem ou a desordem, só que, agora, no plano familiar, contribuindo para os seus dilaceramentos”³² e que, a seu ver, se constituem em referências fundamentais para a compreensão da primeira fase literária de Guimarães Rosa — o da escritura dos contos de *Sagarana*, das novelas de *Corpo de baile* e do romance *Grande Sertão*, sobretudo no aspecto particularmente sensível da fragmentação do núcleo familiar e do enfraquecimento do poder patriarcal que ocorre na fase de transição do Império para a República.

É ilustrativa, nessa novela de Guimarães Rosa, a transposição moderna de um certo fetichismo na caracterização da figura do poderoso patriarca de “Buriti”, descrito como um sujeito dotado de atributos de nobreza, gentileza e generosidade e de uma mentalidade sintonizada até mesmo com uma ética preservacionista, impensável na época, e bem pouco compatível com a veia predatória e mercantilista do fazendeiro e do agricultor do século passado [e ainda perfeitamente atual], conforme se lê no seguinte comentário de Gualberto Gaspar sobre o compadre, sempre visando enaltecer suas virtudes: “Iô Liodoro conserva as matas-virgens, não consente em derrubar”³³ (B.,110).

Nesta improvável faceta do herói rosiano é possível entrever a transgressão do conceito de *mimêsis* no sentido moderno, ou, em outras palavras, a representação de uma situação inverossímil ou, até mesmo, paradoxal, em relação às normas de comportamento vigentes naquele meio. Por outro lado, confirma-se, também, no texto, a mesma transgressão do *veto ao ficcional* da tese de Costa Lima na medida em que, refletindo no personagem um elemento do seu próprio código de ética — o respeito pela natureza — o autor agrega ao perfil do herói um símbolo dos valores que ele quer encenar no seu *teatro mental*, embora possamos considerá-lo

³² RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa. O amor e o poder*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 20.

³³ Nas citações seguintes de fragmentos de “Buriti”, a referência bibliográfica será feita logo a seguir ao trecho citado, com a letra B, seguida do número da página.

anacrônico ou inverossímil.

A novela “Buriti” tem sua trama protagonizada pela figura do fazendeiro Liodoro, espécie de patriarca ilustrado que, por meio de um narrador em 3ª pessoa, é descrito como um sujeito que “nunca haveria de recriminar ninguém inutilmente, nem diminuir as ações da vida com a vulgaridade dum gracejo, nem contribuir para que alguém de si mesmo se envergonhasse” (B., p. 139). Mas que, ao mesmo tempo, “com simples palavras, poderia convidar para um crime — sem provocar susto ou cisma no cúmplice; ou para uma boa ação — sem que ridículo nisso entrepairasse” [*idem*]. Um personagem, portanto, de comportamentos antagônicos e inusitados, cujo perfil combina, por um lado, com o do antigo patriarca impoluto da fase colonial, descrito por Oliveira Vianna, mas, por outro, é também próximo ao do caudilho da fase republicana, capaz de cometer crimes em defesa do seu poder, tal como aparece em várias narrativas de Guimarães Rosa, principalmente no *Grande sertão*. E incorporando, além disso, traços de uma personalidade bastante peculiar ditados pela fantasia do autor, nos quais certas expectativas são quebradas pelo leitor atual, no que se configura a noção da *fusão dos horizontes histórico e estético* resultante do diálogo entre literatura e recepção, como certos comportamentos tipologicamente patriarcais.

O aspecto do patriarcalismo que parece mais próximo ao do patriarca típico, no caráter do protagonista de “Buriti”, é o da sua extrema valorização da vida familiar que mesmo a sua performática gravidade não consegue disfarçar:

Lô Liodoro era homem punindo pelos bons costumes, com virtude estabelecida, mais forte que uma lei, na sisudez dos antigos. Somente que o amor dele pela família pelos seus, era uma adoração, era vastez. Via disso, decerto, não queria se casar outra vez, depois de tanto que enviudara. E ele, por natureza, bem que carecia, mais que o comum dos outros, de reservar mulher. Mas prezava o inteiro estatuto de sua casa, como que não aceitando nem a ordem renovada, que para ele já podia parecer desordem. (B., 103).

Um fato particularmente interessante é que, embora a novela se reporte a um momento especial da vida adulta do herói Miguilim, de “Campo Geral” — que volta ao sertão, após um tempo de formação na cidade grande, em busca de suas raízes — o verdadeiro herói é Liodoro, pois a presença do primeiro restringe-se aos momentos iniciais e finais da novela, um recurso narrativo configurador de uma textualidade que remete ao mito de Uroboro — a serpente que se dobra em círculo para morder a própria cauda, imagem que sugere o movimento do retorno do herói

às suas raízes ou, ainda, a idéia de “atar as duas pontas da vida”³⁴, o que, na verdade ficcional, era o desejo mais profundo de Miguel, segundo nos informa um narrador onisciente³⁵: “Ele falara do triste lindo lugar onde nascera, nos Gerais; e estava assegurando a ela que voltaria” (B., 258). Essas pulsões encontram em Goethe um dos mais antigos e memoráveis referentes literários pois, para o poeta alemão, “O mais feliz dos homens é aquele que consegue ligar o fim da sua vida ao início”³⁶. Essa configuração narrativa remete também a um recurso que faz coincidir a etapa de conclusão de um ciclo da formação do herói [iniciada com a infância em "Campo Geral"] com o fechamento do ciclo de novelas *Corpo de baile* em “Buriti”.

Por outro lado, embora deslocado do centro da trama, as breves aparições de Miguel na estória introduzem um dos elementos de maior eficácia para a produção dos efeitos de quebra e/ou manutenção do *horizonte de expectativas* do leitor, na medida em que sua segunda visita ao Buriti Bom, que compõe a circunstância inicial e final da estória, está ligada à intenção do rapaz de casar-se com Glória, filha e principal herdeira de Liodoro, fato que o que o colocaria na condição de substituto do patriarca, após a morte do sogro, se ele assim o desejasse — uma possibilidade interpretativa que associa à circularidade da trajetória do herói a idéia da hereditariedade da instituição patriarcal — um final que o narrador, astutamente, deixa em suspenso. O que permite acreditar no sucesso da empreitada é a boa recepção com que é distinguido desde a primeira visita à família, na qual é introduzido pelas mãos de Gualberto, o idealizador do plano de seu casamento com Maria da Glória: tanto o interesse manifestado pela moça em conquistá-lo como a cordialidade com que é recebido por Liodoro são atitudes que até mesmo para o compadre Gualberto parecem insólitas: “Iô Liodoro deixava com bons olhos que Miguel saísse a passeio com as filhas e a nora” [e até mesmo] “os acompanhara ao Brejão do Umbigo, à baixada” (B.,144) — atitude capaz de realmente causar admiração, já que “Iô Liodoro não dava intimidade. Conservava uma delimitação, uma distância.” (B.,138).

Percebe-se nesse trecho a sugestão de uma das teses freyreanas da democratização instaurada pelo modelo de colonização portuguesa no Brasil no

³⁴ ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, v. 1, p. 810.

³⁵ Sobre o assunto, ver FRIEDMAN, Norman *apud* CARVALHO, Alfredo L. C. de. *Fluxo de consciência e foco narrativo*. São Paulo: Pioneira, 1981, p. 8-14.

³⁶ MAZZARI, Marcos Vinicius. "Goethe e a história do Doutor Fausto: do teatro de marionetes à literatura universal". In: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto — uma tragédia*. Parte I. São Paulo: 34, 2004, p.12.

sentido restrito a que alude Luiz Costa Lima, mostrando que o patriarca não discrimina a pessoa de Miguel — um sujeito humilde comparado à Liodoro — por sua origem social e condição econômica, abrindo-lhe as portas de sua casa e aceitando com naturalidade a aproximação dele com as mulheres da família — o que já representa também um indício de modernidade bastante incomum no comportamento patriarcal, como observa o personagem Gualberto. São situações que traduzem um incipiente afrouxamento dos costumes antigos, no entanto limitadas ao ambiente doméstico, como observa o crítico em relação à *Casa Grande* e tal como aparecem em “Buriti”, onde a interação com a dimensão social e comunitária da vida nos domínios da fazenda realmente não são visíveis.

Por outro lado, a hospitalidade dispensada a Miguel por Liodoro “ — O senhor esteja e demore, como companhia que praz ...” (*B.*, 144) poderia basear-se ainda em duas hipóteses dos estudos citados: primeiro, na afirmação da *cordialidade* do patriarca em particular e do brasileiro em geral, defendida por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*; segundo, na valorização da condição de homem instruído e bem educado incorporada por Miguel, um médico veterinário de formação superior [embora de origem obscura e sem fortuna] o que por si só já contribuiria para a sua boa recepção no seio da família patriarcal.

O valor conferido à instrução escolar é freqüentemente citado por Gualberto ainda mais quando se trata de uma conquista feminina, como este confia a Miguel, no início da estória, referindo-se à filha mais nova do patriarca: “Ela é estudada, também... O senhor vai conhecer, ela é a filha de iô Liodoro ...” (*B.*,109); e à Lalinha: “É uma dona bacharela de instruída! (*B.*,125), o que, realmente, naquela situação era algo de admirável, considerando-se o reduzido acesso das mulheres ao ensino superior, nessa época e, ainda mais, no sertão. Conforme se sabe de nossa história social, "durante o Segundo Reinado, o diploma de doutor favorecerá os bacharéis, mesmo se mulatos e crioulos"³⁷. Segundo Antonio Candido,

A grande importância dos grupos rurais dominantes no Brasil, que se encontravam encastelados na autarquia econômica e familiar, manifestava-se na supervalorização do talento e das atividades intelectuais que não se ligavam ao trabalho material e pareciam brotar de uma qualidade inata³⁸.

³⁷ LIMA, Luiz Costa. “A versão solar do patriarcalismo”. In: *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 215.

³⁸ CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 15.

Para Sérgio Buarque de Holanda, são traços que revelam a missão conservadora e senhorial das elites urbanas brasileiras, herdados da mentalidade aristocrática de D. Pedro II que, como protótipo da nossa intelectualidade oficial, levou a devoção aos livros ao ponto de dele se dizer, com alguma injustiça, que a praticou mais assiduamente do que serviu aos negócios do Estado ³⁹, disso decorrendo a crítica buarqueana ao que ele considera a excessiva introspecção no universo dos livros aos nossos homens de letras do século XIX pois, quando se tratava da organização de coisas práticas, "não saíam de si mesmos, de seus sonhos e imaginações [...] [o que] conspirava para a fabricação de uma realidade artificiosa e livresca, onde a nossa verdadeira vida morria asfixiada"⁴⁰.

Para esse estudioso, a desatenção da elite letrada à realidade circundante era uma forma de evitar rebaixar-se ao contato com aspectos degradantes do contexto social do país, numa busca de camuflá-los por meio da sua negação ou da recriação de um mundo mais conformado a certos desejos ou intenções, o que permeia a crítica da geração dos primeiros intérpretes do Brasil com relação à estética da ilustração. E é também aquilo que Antonio Candido chamará de "a consciência amena do atraso, correspondente à ideologia de "país novo" [grifos do autor]", onipresente em nossa vida institucional no século XIX e moldada pelo aristocratismo imperial, na qual o escritor

partilhava da *ideologia ilustrada*, segundo a qual a instrução traz automaticamente todos os benefícios que permitem a humanização do homem e o progresso da sociedade. A princípio, instrução preconizada para os *cidadãos* [grifos do autor] a minoria onde se recrutavam os que participavam das vantagens econômicas e políticas; depois, para todo o povo, entrevisto de longe e vagamente, menos como realidade do que como conceito liberal.⁴¹

Os ideais do bacharelismo reinantes entre a intelectualidade brasileira do passado [e que permanece até hoje] também são apontados pelo autor de *Visões do paraíso* (1958) como parte do processo de decadência de nossa aristocracia rural em que a nobreza agrária — os nossos "homens do solar" — vai sendo aos poucos substituída pela urbana, a "aristocracia do espírito", já que nenhuma outra classe estaria teoricamente tão aparelhada para a tarefa de preservar o teor nobiliárquico da nossa tradição "quanto a das pessoas de imaginação cultivada pelas leituras

³⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 153.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 163.

⁴¹ CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 349.

francesas”, daí decorrendo “a miragem da alfabetização do povo” [grifos do autor]⁴² por meio da qual todas as nossas mazelas sociais tenderiam a desaparecer como num passe de mágica.

Em “Buriti”, o personagem Gualberto reitera a força dessa idéia: ele vê em Miguel um ser superior devido a sua instrução, qualidade que confere ao seu portador um traço de fidalguia. Para o vassalo de Liodoro, aquilo que ele não pode ter para si, “uma sorte tão civilizada”, ele teria se esforçado para proporcionar aos filhos, se os tivesse tido: “Ah, tivesse, fazia todo sacrifício, botava pra estudar em colégio, para formaturas. Poder sair desta lida de roça, que é excomungada de áspera, não tem progresso” (B,109).

A queixa de Gualberto quanto à dureza da vida na roça é, por conseguinte, a mesma de muitos sertanejos que ainda hoje sofrem as conseqüências desse tipo de política desenvolvimentista excludente que não lhes permite um espaço de realização sócio-econômica, sofrimento alegorizado na literatura brasileira na triste figura de Policarpo Quaresma, o nosso Quixote tupiniquim, em suas lutas contra os gafanhotos, as formigas, a geada, a seca, a burocracia e todas as demais pragas que assolam a vida do camponês brasileiro, abordadas pela literatura desde naturalismo até o modernismo. Sofrimentos que, para Gualberto, como voz representativa de todo um contexto de valores culturais, poderia ser resolvido por meio de uma educação ilustrada, com a aquisição do diploma de bacharel.

Esse assunto é também enfatizado pela geração de escritores do regionalismo de 1930, como, por exemplo, em *O quinze*, de Raquel de Queiroz, através da antítese entre os irmãos Paulo e Vicente: este “que não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer *ser gente*” [...]; e o outro, “Paulo, o bacharel, que achava a vida no sertão *uma ignomínia, um degredo*, tendo como única ambição um emprego público na Capital” [grifos nossos]⁴³, e onde a mentalidade do bacharelismo se apresenta quase caricaturada, numa perspectiva crítica que propõe a inversão do ponto de vista contemporâneo à obra em relação ao estereótipo do bacharel com vista à exaltação camponês pela via da heroicização do personagem Vicente, que atualiza a crítica às classes dominantes, cujas raízes encontram-se no romance urbano de Machado de Assis. O que se reitera, contudo, em “Buriti” é, ao contrário, a valorização da formação escolar superior embora, no caso do personagem Miguel, essa formação esteja mais afinada com a realidade do

⁴² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 165.

⁴³ QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. 11.

mundo rural e não com um beletismo distanciado do universo do herói.

Kathrin Rosenfield também ressalta que, em Guimarães Rosa, a tradução de conceitos sociológicos se transmuta em novas visões do mundo com base no desenho dos personagens, ambientes e cenários de suas narrativas, que plasmam novos paradigmas de interpretação e descrição documental da vida brasileira: a obsessão metafísica pela busca dos sentidos e da beleza da vida, em oposição a uma fixação erótica no prazer sensual; o entendimento da miscigenação cultural não como um acordo consensual entre dominadores e dominados, resultante do mútuo interesse sexual, mas como proveniente de uma ancestralidade mítico-religiosa e filosófica européia e afro-asiática que teria estabelecido uma ponte entre o sertão e o mundo; e a compreensão da mistura étnica como uma manifestação despojada do compromisso com o olhar voluptuoso do estrangeiro, apontado pela crítica contemporânea como a base da tese freyreana sobre o mito da harmonia racial:

o que à primeira vista pode parecer alheio ao princípio revelador da obra de Freyre — o da família patriarcal como constituindo a categoria fundamental que explica o equilíbrio instável e plástico da identidade brasileira — pode ser visto como [...] aprofundamento dos núcleos da “narrativa científica” [grifos dela] de Gilberto Freyre ⁴⁴.

Uma das características do patriarcado destacada por Gilberto Freyre como fator determinante do tipo de colonização mediada pelo mútuo interesse sexual entre colonizadores e colonizados surge em “Buriti” na fala de Gualberto, ao confidenciar a Miguel detalhes sobre a dupla vida do compadre, onde se revela o estigma do comportamento sexual do homem de poder:

Aqui, confio ao senhor, por bem, com toda a reserva: fraqueza dele é as mulheres [...] conto assim, que, por não saber, o senhor não fique não sabendo. Dentro de casa, compadre Iô Liodoro é aquela virtude circumspecta, não tolera relaxamento. Conversas leves. Mas, por em volta, sempre teve suas mulheres exatas. De tardinha, de noitinha, iô Liodoro tem cavalo arreado, sai, galopa, nada não diz. Tem vez, vem só de madrugada. Esse homem é um poder, ele é de ferro! (B., 112).

A reiteração do comportamento promíscuo do patriarca é matizada pela incorporação de traços de um lirismo que confirma a tese da ensaísta a propósito da transfiguração promovida, na narrativa rosiana, por meio da “obsessão metafísica pela busca dos sentidos e da beleza da vida, em oposição a uma fixação erótica no

⁴⁴ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 170.

prazer sensual⁴⁵. Pois, embora Liodoro se comporte, na vida extradoméstica, como um prodigioso libertino, por outro lado, no trato com as mulheres, tanto as da família quanto as *outras*, ele parece dedicar um tipo de afeto muito mais delicado do que o que se poderia esperar de um homem de poder no quadro das relações sexuais coetâneas tal como é tipificado, nas descrições de Gilberto Freyre, o comportamento do patriarca tradicional. No seu envolvimento com Lalinha, a única experiência íntima de Liodoro com mulheres, descrita, claramente, pelo narrador, esse lirismo, envolto em uma atmosfera de grande sensualidade, atinge mesmo um paroxismo raro na literatura brasileira de todos os tempos, pelo ritmo e pelo enquadramento narrativo com que o narrador vai produzindo o envolvimento do casal a partir de uma seqüência de imagens de encontros furtivos provocados pela necessidade da ocultação de uma paixão reprimida em vias de erupção e cuja consumação fica a cargo da imaginação do leitor. Contudo, nada impede que se veja nessa sublimação lírica do erotismo um traço camuflado de moralismo muito condizente com certa dose de conservadorismo que o texto rosiano certamente imputa ao herói como homem do seu tempo.

1.3. A ficcionalização do paraíso

Como já se mencionou antes, a ideologia do *país novo* foi responsável, em nossa literatura, pela incorporação programática de uma eterna atmosfera de deslumbramento, estimulada por um imaginário criado em torno das desconhecidas terras brasileiras, vistas como uma espécie de eldorado onde reinavam infinitas potencialidades para a construção de um grande país. Retomemos, como elo necessário da seqüência argumentava, as palavras de Antonio Candido:

A idéia de país novo produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de respeito pelo grandioso, e da esperança quanto às suas possibilidades. A idéia de que a América constituía um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas, que atuaram na fisionomia da conquista [...] Pedro Ureña lembra que o primeiro documento relativo ao nosso continente, a carta de Colombo, inaugura o tom de deslumbramento e exaltação que se comunicaria à posteridade. Este estado de euforia foi transformado pelos intelectuais latino-americanos em instrumento de afirmação nacional e em justificativa ideológica. A literatura se fez linguagem de

⁴⁵ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 170.

celebração [...] favorecida pelo romantismo oitocentista.⁴⁶

Este otimismo ufanista foi diagnosticado por Antonio Candido como sendo um recurso compensatório do nosso atraso material em relação às metrópoles européias, com raízes literárias profundas cujas matrizes estavam inscritas na chamada literatura de informação, desde os relatos das expedições exploradoras, passando pelos tratados de naturalistas, e toda a sorte de registros, literários ou de outra natureza, mas todos, invariavelmente marcados pelo compromisso com a exploração e a publicidade do novo mundo junto às metrópoles européias praticados desde muito antes do descobrimento oficial do Brasil. Para Alfredo Bosi, a distância que mediava então entre o narrador e o seu assunto alargou-se notavelmente quando se interpôs entre ambos a tela do evolucionismo, a partir do século XIX:

Reprimida que foi a bela empatia romântica com a vida agreste, restou uma atitude “objetiva” [grifo do autor], que pretendia explicar o rústico e o arcaico em termos de atraso ou de dependência. Daí para a criação de um estilo típico e convencional o passo foi curto. Deram-no os escritores naturalistas com grande presteza⁴⁷.

Este estigma, já bastante repisado pela crítica, Luiz Costa Lima explica, com base no ponto de vista da ideologia que vigorou no Brasil até as primeiras décadas do século XX, por meio da noção da *formação do compromisso*, tema de fundo da sua tese do *veto ao imaginário* e da conseqüente *domesticação do ficcional*, numa seqüência de exemplos segundo os quais essas mazelas se refletiriam em todas as manifestações literárias ocorridas no Brasil e só foram ultrapassadas a partir da nossa decantada modernidade literária por meio da articulação de um projeto destinado a mudar os rumos da história da literatura e da cultura brasileiras:

[o projeto modernista] encontra no *Manifesto antropofágico* (Oswald de Andrade, 1928), sua metáfora fundadora e em *Raízes do Brasil* (Sérgio Buarque de Holanda, 1936), sua primeira expressão não ficcional. [Contudo] O mesmo não poderia ser dito de *Casa Grande* que, se rompe com o cientificismo do século passado, mantém e exacerba a idéia de uma essência nacional, a servir de base para a interpretação modernizadora tradicionalista, presente até mesmo em suas obras de maior valor⁴⁸.

Observemos que esse rompimento com o cientificismo na obra de Gilberto

⁴⁶ CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo. Perspectiva, 1979, p. 343-4.

⁴⁷ BOSI, Alfredo. “Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo”. In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 11.

⁴⁸ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 218.

Freyre resulta de uma atitude consciente e conseqüente, fruto do amadurecimento de uma geração de intelectuais comprometida com a superação do paradigma realista-naturalista que mediava a nossa famigerada *essência nacional* — já discutida por Machado de Assis na tese do “instinto de nacionalidade”⁴⁹; por outro lado, a obra de freyreana é vista pelo crítico como um libelo modernizador de base essencialista, típica do naturalismo, apenas travestida por uma forma mais livre de escrita, sem deixar de ser, em conteúdo, conservadora. Para outros, trata-se mais de um produto das ambições literárias do autor do que, propriamente, de uma decisão deliberada de romper com o academicismo oitocentista de extração naturalista-realista.

Mas é preciso lembrar que, apesar de certos equívocos atribuídos pelo crítico à obra do antropólogo, não se pode negar à sua narrativa de nação, além do valor do aspecto documental, a grande liberdade de seu imaginário e da sua escritura, “precisamente porque se trata de uma forma de expressão intuitiva, apaixonada [...] fascinante pela sua polivalência e ambigüidade”⁵⁰. Para a autora, certos raciocínios inconseqüentes, do ponto de vista do rigor científico, do qual já o acusara Darcy Ribeiro⁵¹, não comprometem a qualidade literária do texto freyreano, “que tem (apesar do “eruditismo”) algo do segredo e da densidade do texto poético”, possuindo, nesse nível de densidade, “vasos comunicantes (“para não dizer influência”) insuspeitados com Guimarães Rosa”⁵² [grifos nossos]:

A tentativa de abordar a identidade cultural e o caráter brasileiro pelo avesso — isto é, pelos pequenos detalhes da vida cotidiana, combinando “história” com “estória” — é um dos elos fortes entre o ensaísta e o romancista.

Contudo, ela assinala também que essa mesma característica, em Guimarães Rosa, compõe um discurso pluralista, pois

o humor, a empatia e o carinho e a ironia que se expressam nos olhares múltiplos nunca são partidários, não expressam as preferências de uma classe social nem camuflam os (pre)conceitos de um contexto social ou geográfico, étnico ou cultural⁵³

enquanto que em Gilberto Freyre, muitas vezes, ela não tem a mesma isenção, nem a mesma polifonia ou simpatia quanto a que peculiariza os narradores rosianos.

⁴⁹ ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953, p. 129–49.

⁵⁰ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 165.

⁵¹ RIBEIRO, Darcy. In: FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 21-8.

⁵² ROSENFELD, Kathrin H. *Opus cit.*, p. 165.

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 167.

Além disso, essa mesma qualidade que já antecipava as tendências atuais da sociologia e da historiografia da vida cotidiana, tornou-se um dos alvos da crítica ideológica e metodológica das décadas de 60-70, segmentos fortemente marcados pelo marxismo e pelo estruturalismo com seu conhecido desprezo pelas marcas pessoais "impressionistas (estilísticas, retóricas, literárias)"⁵⁴. Foi essa mesma tendência crítica que acabou por erguer uma forte barreira de resistência à aproximação entre a sua obra e a intelectualidade brasileira, certamente agravada por algumas de suas posições políticas que, infelizmente, acabaram por favorecer o surgimento de uma enorme lacuna quanto à discussão acadêmica das analogias entre a obra ensaística de Gilberto Freyre e a literatura de Guimarães Rosa.

Na esteira das mesmas reflexões, Rosenfield assinala o distanciamento da estética rosiana em relação à da Semana de Arte Moderna de 22, no sentido das diferenças entre aquela e o olhar sarcástico dos modernistas sobre o Brasil e da busca de um novo foco em direção às especificidades da vida sertaneja. Sobre essa questão, retomemos a análise da recepção da obra de Machado de Assis a propósito do famoso ceticismo do escritor em relação à burguesia carioca do seu tempo: para uma parte da crítica, o refinamento na observação psicológica, a fina ironia, a sutileza velada sobre a sociedade do Império e a difícil diplomacia amorosa — além do seu olhar atento às questões da cor e do gênero [feminismo e homossexualismo] — ao contrário do que ficou cristalizado sobre a imagem do escritor como um desencantamento — constituir-se-iam, na verdade, como recursos de uma *poética da dissimulação*, que se autoprotigia — também pelo pseudônimo, nos folhetins e crônicas jornalísticas — por meio de uma linguagem rica em ritos de camuflagem, das suas verdadeiras posições políticas, que ele achava prudente ocultar da classe dominante.

Para Eduardo de Assis Duarte⁵⁵, Machado é também o autor de uma literatura que não endossa preconceitos, indo na contramão do cientificismo hegemônico e eugênico da época, o mesmo posicionamento contra o qual se insurge a nova geração de cientistas brasileiros, entre eles, até certo ponto, Gilberto Freyre. Ele entende que o realismo do bruxo é um libelo contra a desigualdade e a injustiça, posicionando-se ele mesmo como uma testemunha e vítima privilegiada do preconceito extremamente acirrado no século XIX no Brasil.

Além disso, na literatura machadiana já surgem elementos vanguardistas para

⁵⁴ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 166.

⁵⁵ NINA. Cláudia. Dossiê O escritor de 7 faces. *EntreLivros*, São Paulo, v. 3., n. 30, nov. 2007, p. 26.

a época, como o rebaixamento do herói e a valorização do anti-herói, a ascensão feminina a um patamar substantivo na constituição do teatro social oitocentista e, paralelamente, a crítica da classe dominante sob um foco narrativo externo, um olhar de baixo para cima identificado com o do subalterno, o do malandro e o do agregado, que retira destes e, sobretudo, do escravo, a lição do uso da astúcia e da esperteza como as únicas armas capazes de assegurar a sobrevivência num mundo de opressão — sintetizada na conhecida ética da malandragem, assemelhada, em alguns pontos, à da cordialidade brasileira, em sua versão popular.

Ainda com relação aos engodos retóricos e poéticos usados por Machado de Assis na camuflagem de sua verdadeira opinião sobre a burguesia oitocentista brasileira, assim se pronuncia Eduardo de Assis:

A poética da dissimulação machadiana tem, no fundo, um sentido de pertencimento étnico, de identificação com os que não podiam expressar abertamente o repúdio ao patriarcalismo escravista e seus tentáculos. Creio, também, que é essa identificação que leva o autor a matar os senhores de escravos em seus romances⁵⁶.

É necessário aqui fazer uma aproximação entre essa tese e certo viés da crítica da obra rosiana segundo a qual este autor, algumas vezes, parece ter permanecido num plano metafísico como recurso de escapismo à discussão das questões políticas do seu tempo. Em certo sentido, ao fazer uma leitura apressada do romance “Buriti” é, deveras, intrigante a ausência da dimensão social e pública do contexto da novela e a focalização no espaço da casa de Liodoro, com pouquíssimas incursões para fora dos limites da fazenda e da casa, que pode se justificada como uma restrição imposta pelos limites do gênero, uma vez que aquela dimensão se apresentará, em todas as suas vertentes, no contexto de sertão rosiano, no romance que vem logo em seguida, *Grande sertão: veredas*.

Por outro lado, talvez pudéssemos explicar certas contradições apontadas na caracterização do patriarca rosiano com base na poética da dissimulação conceitualizada por Assis Duarte a propósito do realismo machadiano, mesmo em se considerando a distância entre as épocas de enunciação das duas obras. Pois, assim como o romancista carioca, e devido às funções diplomáticas que exercia, Guimarães Rosa nem sempre pode falar abertamente sobre a sua verdadeira visão do Brasil, como ele mesmo chegou a declarar a um interlocutor: “ — Sofro de uma deformação profissional, o hábito de não deixar transparecer o que sinto (será por

⁵⁶ NINA. Cláudia. Dossiê O escritor de 7 faces. *EntreLivros*, São Paulo, v. 3., n. 30, nov. 2007, p. 26.

ser diplomata ou por ser mineiro, simplesmente?)⁵⁷.

No entanto, em muitas de suas outras narrativas, ao andar nas terras d'Os Sertões de Euclides da Cunha, ele compõe o cenário de um país marcado pelo atraso, subjugado às trocas entre as oligarquias que dominaram a sociedade brasileira por meio da violência e da manutenção da pobreza — situação que o país não superou radicalmente. Para alguns dos ilustres leitores de Guimarães Rosa, ele buscou a transposição da antítese entre civilização e barbárie por meio de uma saída às vezes mítica e às vezes dialética entre o sagrado e o profano, entre o arcaico e o moderno, do encontro da felicidade pela superação das tragédias do cotidiano, uma espécie de estética da sentimentalidade que se poderia chamar de uma “cordialidade rosiana”, associada à etimologia de *cor*, *cordis*, coração.

Aproveitando essas reflexões e articulando-as a outras, provenientes de estudos da teoria literária e de áreas afins, continuaremos, a partir desse ponto, o estudo dos eixos temáticos desta pesquisa pelo tópico do universo humano que constitui o núcleo principal desta análise, a família patriarcal brasileira, em vista de relacionar os dois círculos de abrangência do discurso ficcional rosiano já mencionados, mas penetrando agora nos labirintos da linguagem de “Buriti” pela via de um enfoque mais atento aos pressupostos da tese valéryana da ficcionalidade como palco do teatro mental do escritor.

Segundo se depreende dos estudos históricos e sociológicos voltados para a formação da sociedade brasileira, os papéis feminino e masculino — cuja relevância na novela serão estudados com maior acuidade no capítulo 3 — incorporados pelos atores sociais da vida nacional contemporânea tiveram seus arquétipos conformados no contexto cultural da sua organização desde o século XVII; da mesma forma, muitas das variantes do relacionamento familiar e amoroso e dos comportamentos afetivos adotados entre os brasileiros foram influenciados pelo modelo patriarcal seiscentista. A opção deste trabalho pelo recorte do ambiente familiar patriarcal como objeto de estudo justifica-se pelo fato de ser este o núcleo onde o modelo de poder foi mais nitidamente representado e fixado, tanto no ensaio quanto no romance, constituindo-se mesmo no tema protagonista dessas obras.

Apontamos nessa perspectiva outra importante interface entre o romance rosiano e o ensaio etnográfico de Gilberto Freyre, na qual algumas das afirmações de Luiz Costa Lima a propósito do problema da essência nacional se confirmam: a

⁵⁷ Apud RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP/FAPESP, 2004, p. 26.

questão da construção de um mito da mestiçagem com vista à defesa da tese da mistura racial como um libelo contra as análises evolucionistas que vigoravam entre alguns estudiosos da cultura brasileira.

Em *Casa Grande & Senzala*, Freyre sustenta que “a miscigenação que largamente aqui se praticou corrigiu a separação social que, de outro modo, teria conservado enorme a distância entre a casa-grande e a mata tropical, a casa-grande e a senzala”⁵⁸. Em *Interpretação do Brasil*, obra de 1944, ele reafirma a idéia de que a experiência portuguesa de povo de transição entre a Europa e a África teria garantido ao povo brasileiro uma solução original aos problemas resultantes do contato entre as raças, ou seja, o fato de ter sido um produto racial híbrido teria atenuado as dificuldades decorrentes do racismo, como acontece em outras sociedades não miscigenadas em sua origem, se é que elas existem. É bem clara a intenção de definir uma *essencialidade* lusitana, nas observações sobre

o luxo de antagonismos no caráter português, magnificamente surpreendido por Eça de Queiroz no seu *Gonçalo, d'A Ilustre Casa de Ramires* (Porto, 1904) que, mais que a síntese do fidalgo, é a síntese do português de não importa que classe ou condição. Que todo ele é e tem sido desde Ceuta, da Índia, da descoberta e da colonização do Brasil como o Gonçalo Ramires: cheio de fogachos e entusiasmos que acabam logo em fumo, mas persistente e duro quando se fila à sua idéia; de uma imaginação que o leva [...] a exagerar até a mentira e ao mesmo tempo de um espírito prático sempre atento à realidade útil; de uma vaidade, de uns escrúpulos de honra, de um gosto de se arrebicar, de luzir que vão quase ao ridículo, mas também de uma grande simplicidade; melancólico ao mesmo tempo em que palrador, sociável; generoso, desleixado, trapalhão nos negócios; desconfiado de si mesmo, acovardado, encolhido, até que um dia se decide e aparece um herói ⁵⁹.

Para Kathrin Rosenfield, é também um atributo comum, do ponto de vista formal, ao projeto de desvendamento da alma brasileira nas literaturas de Gilberto Freyre e de Guimarães Rosa, o modo da apresentação paradoxal e antagônico de certas particularidades dessa alma:

O que Freyre chama de “luxo de antagonismos” [grifo da autora] reaparece, no romance de Rosa [*Grande Sertão*], em certas constelações poéticas complexas que conjugam aspectos religiosos e metafísicos com problemas políticos, sociais e particularidades geográficas, culturais e psíquicas que se vinculam e se sobredeterminam. Se Freyre parte da casa-grande como um centro que estabiliza um universo precário, Rosa parte do sertão caótico

⁵⁸ FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 46.

⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 81-2.

que gira em torno de (melhor dizendo converge para) um centro ou uma autoridade (ausente ou invisível) que possa estabilizá-lo ⁶⁰.

Tal observação se ratifica no espaço ideológico do *Grande Sertão* onde a autoridade [ausente ou invisível em sua forma institucional] é sempre onipresente nas lutas entre os grupos jagunços, os coronéis, os valentões em geral, não somente em vista da posse da terra, mas, sobretudo, da afirmação do poder de mando e dos valores da audácia e da coragem entre os homens, que também aparecem em “Buriti” na pessoa do fazendeiro Liodoro, mas numa versão mais sublimada e próxima da figura moderna do patriarca esclarecido.

O ficcionista e o ensaísta trabalham juntos com a polaridade entre o estável e o instável, o precário e o abundante, o permanente e o efêmero que, em Rosa, se traduz pela presença/ausência da figura paterna e da vida familiar e, em Freyre, na solidez/languidez dos laços entre a casa-grande e seus agregados. É inegável, portanto, que, embora partindo de ângulos opostos de leitura da vida sertaneja, há nas duas obras muitas afinidades a serem ainda desvendadas no plano da interpenetração desses discursos.

Outro aspecto a destacar na crítica à *Casa Grande & Senzala* é a de que, apesar do pioneirismo na abordagem da história íntima da família brasileira, ela é, muitas vezes, revestida de uma falsa imagem, sendo apresentada como uma entidade “nunca tocada pelo traço da opressão”⁶¹, e criando uma idéia enganosamente positiva do núcleo familiar patriarcal cujo simplismo omite tanto a referência às rebeliões de escravos, freqüentes naquele período, quanto as revoltas de filhos, filhas e agregados dessas famílias, também bastante comuns naquela fase da vida brasileira — omissão da qual a obra freyreana virá a se redimir posteriormente, ao abordar o assunto em *Sobrados e Mocambos* (1936). Luiz Costa Lima, embora talvez inapropriadamente, devido à diferença entre os gêneros, compara desfavoravelmente a narrativa de *Casa Grande & Senzala* com o “pouco conhecido romance *A menina morta* (1956)”⁶², de Cornélio Pena — contemporâneo, portanto, de *Corpo de Baile* — cuja atmosfera sombria que reina simbolicamente sobre as relações patriarcais na casa-grande contrasta fortemente com o bucolismo da vida rural apresentada na obra de Freyre.

Em “Buriti” a narrativa novelesca também inova ao romper com a atmosfera

⁶⁰ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 170-1.

⁶¹ LIMA, Luiz Costa. “A versão solar do patriarcalismo”. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 229-30.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 230.

idílica denunciada por Luiz Costa Lima a propósito de *Casa Grande & Senzala* pela presença de alguns personagens como a beata Maria Behu cujo perfil físico e psicológico pode estar associado a um sentimento de inferioridade em relação à irmã, uma mulher que em tudo parece ser o seu retrato invertido — "Maria Behu tisona, encorujada, com a feição de uma antiguidade" (*B.*, p. 102). A presença de outra personagem enigmática, o Chefe Zequiel, introduz outro elemento desestabilizador nesse universo aparentemente sem grandes conflitos, pois nele incorpora-se uma potencialidade fundada na fantasmagoria e na posse de poderes sobrenaturais que se configura como a contra-face mística da religiosidade cristã da filha mais velha do patriarca. Elementos que articulam uma rede de simbolismos cuja correspondência, no plano da realidade ficcional do sertão rosiano, aparece nas inúmeras figuras que rompem com "megera cartesiana" da racionalidade e que, pela via do misticismo e da magia, buscam encontrar uma via de libertação.

Nessa perspectiva, é válido ressaltar a transposição operada por Guimarães Rosa no imaginário pitoresco ou catastrófico do sertão, partindo de uma descrição localista dos "gerais" em direção a uma transfiguração de seus cenários e personagens por meio do mergulho na dimensão psíquica descrita com imagens super-realistas através das quais consegue alcançar aquilo que se convencionou chamar de "a universalidade do texto rosiano". Pois, "assim como o *instinto de nacionalidade* não admite um só modo de expressão, nem depende de um esforço consciente do autor em observar e fixar as práticas e costumes que o rodeiam"⁶³, na perspectiva do ficcional o olhar do escritor deve irrealizar o típico, o convencional, em busca de realizar um "árduo trabalho de apropriação daquilo que há de próprio e autêntico através de um desvio pelo estranho"⁶⁴. Cabe aqui lembrar a máxima machadiana segundo a qual "o que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço".⁶⁵

Para Luiz Costa Lima, é a ausência destes postulados na literatura brasileira, desde os seus primórdios até o último regionalismo, que está na base do fenômeno que ele batiza como "uma espécie de *superego cultural*" vinculado a um

⁶³ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 220.

⁶⁴ Trabalho que se constitui, na visão de Antonio Candido, o caminho para a liberdade e para o encontro da identidade nacional. (Cf. ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 171, nota 19)

⁶⁵ ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade* (1873), ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962, v. 3, p. 804.

compromisso da intelectualidade brasileira e latino-americana do século XIX com um projeto colonialista de padronização dos povos aculturados, um modelo de “tupi adâmico, *inventado* [grifo dele]”⁶⁶, facilitador do empreendimento colonial. Deve-se considerar, por outro lado, que essa tão criticada *essência nacional* ressurgiu em obras não ficcionais de grande prestígio, como a de Sérgio Buarque de Holanda, no conceito de *homem cordial*, emoldurando a representação daquilo que Luiz Costa Lima aponta como a *formação de compromisso* e que Antonio Candido vê como fruto da necessidade compensatória dos intelectuais latino-americanos em face de uma *consciência amena do atraso*, correspondente à ideologia de *país novo*, e diante de uma nova auto-imagem, a do subdesenvolvimento, posterior à Segunda Guerra Mundial — que “desde o decênio de 1930 sofrera mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, e que pode ser tomada como termômetro, dada a sua generalidade e persistência”, época a partir da qual a inteligência brasileira abandona essa temática de amenidades, “ao perceber o que havia de mascaramento no encanto pitoresco ou no cavalheirismo ornamental com que antes se falava do homem rústico”.⁶⁷

Ainda dentro da mesma abordagem proposta por Luiz Costa Lima, retomemos o entendimento do *estatuto da ficcionalidade*, outra das categorias críticas a respeito das prerrogativas do fazer literário, postas em oposição ao caráter *documental*, que ele denuncia como fator de *domesticação do imaginário* ou de *veto ao ficcional*. Defendendo a permeabilidade entre documento e ficção por meio da tese da impossibilidade da neutralização da subjetividade do escritor, ele demonstra que “há, em todo discurso, um núcleo autobiográfico sobre um objeto do qual o sujeito faz parte”, advertindo, contudo, que “nessa interpenetração do sujeito com o objeto não se abolem as diferenças entre os rendimentos discursivos, pois a mesma *mancha biográfica* assume direções variadas, conforme o tipo de discurso que se produza”⁶⁸.

Poderíamos, nestes termos, pensar o ensaio *Casa grande & Senzala* como um gênero entre o analítico-teórico e o analítico-narrativo, já que nele toda a construção se plasma, em parte, em retratos da memória e, em parte, em resultados de pesquisa documental e de estudos acadêmicos, de linha analítico-teórica, permeada de um forte teor memorialístico, mas não completamente destituído de

⁶⁶ CAMPOS, Haroldo de *apud* LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 215.

⁶⁷ CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: MORENO, C. F. (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 345.

⁶⁸ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 236-7.

ficcionalidade. Esta proposição é referendada por uma questão posta por Darcy Ribeiro na “Introdução à *Casa Grande & Senzala*”, em sua 46ª edição:

O que teria permitido a Gilberto Freyre escrever *Casa grande & Senzala*? A razão preponderante é ser ele um ser ambíguo: por um lado, o fidalgo evocativo de um mundo familiar, um mundo seu. Por outro, o moço formado no estrangeiro, que trazia de lá um olhar perquiridor, um olho de estranho, de estrangeiro, de inglês. Olho para quem o familiar, o trivial, o cotidiano — e, como tal, desprovido de graça, de interesse, de novidade — ganhava cores de coisa rara e bizarra [...] Combinando as duas perspectivas nele interiorizadas, sem fundi-las jamais, Freyre viveu sempre o drama, a comédia — a novela, na verdade — de ser dois: o pernambucano e o inglês.⁶⁹

A essa caracterização acrescentaríamos uma segunda polaridade: o cientista e o ficcionista, ou ainda, o documentarista e o prosador, que dão aos temas um tratamento caleidoscópico muito mais abrangente do que um mero registro documental e analítico, compondo um painel enriquecido pela memória, pelo senso estético e pela enorme capacidade de ficcionalização do seu imaginário. E assim derrubando as fronteiras entre o documental e o ficcional e, paralelamente, provocando, muitas vezes, a ruptura da tradicional *domesticação do imaginário pelo compromisso com o olhar estrangeiro* justamente graças à sua dupla formação cultural e ao propósito declarado da sua obra. Nesse sentido, ela pode ser vista como um contra-exemplo da diferença do rendimento discursivo inerente a cada modalidade de discurso, discutida por Luiz Costa Lima.

Vale a pena lembrar que, a partir dos anos 1960, Gilberto Freyre foi sendo alijado da reflexão acadêmica devido ao estigma de ensaísta comprometido com a exaltação de uma ideologia nacionalista suspeita de um racismo velado, subjacente ao pensamento hegemônico brasileiro. E que, no mesmo período, a literatura de Guimarães Rosa é exaltada como antinacionalista e anti-racista — numa oposição antitética à obra do pernambucano, merecendo o epíteto de “fábula da aculturação às avessas”⁷⁰ — aludindo à “flexibilidade generosa do imaginário rosiano, [e à] sua arte, capaz de valorizar múltiplas formas de alteridade por meio do olhar aberto a valores plurais, abrindo caminhos de ida e de volta entre o alheio e o próprio”⁷¹.

Sem desconsiderar a importância da obra freyreana, é inegável que a visão do romancista acaba por incorporar a contra-face de um sertão patriarcal e

⁶⁹ RIBEIRO, Darcy. In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 18.

⁷⁰ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 168.

⁷¹ Trata-se do comentário de Walnice Nogueira Galvão a respeito do conto “Orientação” na Folha de São Paulo, Mais! 1/10/2000, p. 17.

preconceituoso mostrado pelo olhar da classe dominante na obra de Gilberto Freyre. Contudo, numa leitura desapaixonada da obra do antropólogo, Dante Moreira Leite entende que

Seria injusto interpretar Gilberto Freyre apenas sob esse aspecto, isto é, como mero edulcorador do passado [... ou] como tênue justificativa ideológica desse domínio [pois] apesar disso [sua obra] sob mais de um aspecto prenuncia uma outra perspectiva de análise de nossa história.⁷²

Tal perspectiva, na visão desse crítico, teve o indiscutível mérito de fazer uma afirmação positiva de crença no Brasil, no mestiço e no negro, num tempo em que prevaleciam as interpretações eugênicas sobre a miscigenação racial preconizadas nas obras de alguns escritores naturalistas e como desafio acadêmico às teses de um historiador do porte de Oliveira Vianna, muito embora, com a independência dos povos africanos e com as lutas do movimento negro na América do Norte, na África do Sul e no Brasil, essas posições tenham se tornado anacrônicas, o que não invalida, entretanto, a iniciativa dos estudos da literatura comparada de atualizar leituras sobre o mundo que, em última análise, é feito daquela mesma "matéria vertente" de que é feito, também, o sertão de Guimarães Rosa.

⁷² LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1969, p. 283.

2. HISTÓRIA E ESTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA

A necessidade do encontro literatura-sertão vem de longe: foram os românticos [...] os que pela primeira vez se deixaram fascinar pela vida rural ainda resistente a modos de ser da sociedade burguesa em progresso no Brasil do século XIX. Mas, desde esses passos iniciais do nosso regionalismo, ficava à mostra o descompasso entre o projeto cultural e a realização estética. O convívio só de raro em raro diminuía o intervalo aberto entre as duas linguagens: a dominante, trazida pelo narrador culto, e a dominada, que se reduzia a matéria passiva, pseudofolclórica. O resultado era fazer do mundo rústico um pretexto para expor o seu caráter diferente: rude, tosco, bárbaro, impulsivo.

(Alfredo Bosi, *O conto brasileiro contemporâneo*)

2.1. Algumas estórias sobre a nossa História

A leitura de alguns eminentes pensadores brasileiros da primeira metade do século XX nos informa sobre um dado bastante revelador: os países ibéricos que viabilizaram os projetos de expansão colonial e capitalista europeia no Novo Mundo constituíam, no século XV, um tipo de território que, por razões históricas e culturais derivadas da sua alta permeabilidade às influências exógenas, como as afro-asiáticas, desenvolveram uma peculiaridade que seus vizinhos de continente, no período entre a Idade Média e a Idade Moderna, estiveram longe de partilhar: o *culto da personalidade*, um fator “que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica”⁷³.

Para Sérgio Buarque de Holanda, trata-se de um apanágio do estoicismo que prevaleceu entre os espanhóis desde Sêneca, depois incorporado ao caráter lusitano, e que plasmou um tipo de filosofia da nacionalidade segundo a qual o índice do valor de um homem infere-se, antes de tudo, pela magnitude da sua autonomia e independência em relação aos seus pares, pela força das suas virtudes e pelas conquistas resultantes dos seus esforços pessoais.

Apesar de este tipo de diagnóstico implicar numa abordagem que busca responder a problemas coletivos pela via da análise individualista da personalidade, é importante a sua recuperação como referência teórica para a o esclarecimento de

⁷³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 32.

alguns elementos presentes na narrativa de nação como tarefa privilegiada do texto freyreano e como dado comparativo para a análise do texto rosiano, na medida em que este reflete também esse vínculo com a nossa historiografia. E, ainda, pela razão de que é o tema do individualismo na formação nacional latino-americana que servirá de lastro a algumas das questões fundamentais que serão aqui abordadas sobre a formação do intelectual brasileiro e da sua produção científica e literária.

Assim, teria prevalecido a idéia de que a fragilidade das formas de organização de todos os tipos de associação que têm marcado a história da civilização colonial latino-americana seria decorrente daquela moral diante da vida, como uma característica marcante dos povos ibéricos. Os privilégios hereditários que jamais tiveram influência muito decisiva, tanto nos países de estirpe luso-hispânica quanto nas demais nações européias onde o feudalismo criou raízes profundas, não precisaram ser ali abolidos por intermédio de sangrentas rebeliões sociais, para que, entre esses povos, se instaurasse a noção moderna do sujeito como indivíduo.

À falta de coesão social e à ausência do senso de hierarquia nas organizações do poder e do trabalho entre os ibéricos corresponderia, por um singular paradoxo, a subordinação do pensamento hegemônico medieval lusitano e hispânico ao teocentrismo, de raízes platônicas, segundo o qual a coletividade dos homens na terra não representava senão uma simples parábola a espelhar palidamente a cidade de Deus, idéia especular do *Topos Uranus* de Platão e precursora do conceito aristotélico de *mimêsis*.

Por essa maneira de ver o mundo, a sociedade humana não deveria pretender uma finalidade em si mesma e a rígida disposição hierárquica que vigorou entre a maioria dos povos ocidentais na Idade Média não visava à permanência e nem sequer ao bem estar dos cidadãos pois, conforme Santo Agostinho, “a cidade terrestre, que não vive da fé, aspira à paz terrena, e o fim que ela atribui à missão da autoridade e da sujeição entre os cidadãos é o de que haja, quanto aos interesses desta vida mortal, uma certa harmonia das vontades humanas”.⁷⁴ E, aqui, já se reconhecem os indícios das idéias relativas à institucionalização de regras de convívio social que, entre os gregos, tomara a primeira forma ocidental de democracia e de poder estatal.

É a ausência dessa organização e da ação do Estado, por meio de instituições capazes de assegurar os direitos de cidadania, que, no sertão brasileiro retratado

⁷⁴ AGSOTINHO, Santo. *A cidade de Deus* (413-427) *apud* HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 34.

nas obras regionalistas, sobretudo em *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, servirão de pano de fundo para a abordagem de temas sociais, econômicos e políticos — em especial o tema do patriarcado colonial, cuja figura central é incorporada, no contexto das obras, pela figura do grande fazendeiro nordestino, escravocrata e latifundiário. Sobre o assunto, assim se posiciona Luiz Roncari, ao analisar as palavras de Selorico Mendes, “— Ah!, a vida era outra, do cidadão do sertão”⁷⁵:

A sua nostalgia era a de um tempo em que os poderes dos senhores locais não tinham ainda sido questionados nem compartilhados com os poderes oficiais, particularmente com os dos presidentes dos Estados, nem limitados pelas mudanças na legislação eleitoral da República Velha. Era a nostalgia idealizante do patriarcalismo do tempo do Império, quando o poder privado não sofria as restrições republicanas [...] A nostalgia não era só a do fim dos bandos jagunços [...] mas também a de uma *ordem jagunça* [grifo do autor], quando todos se compreendiam dentro das suas regras, daí o aparente absurdo ou paradoxo da expressão “cidadão do sertão”⁷⁶.

Das concepções antes referidas, deduziram alguns de nossos modernos pensadores que a desorganização estrutural da vida social e política na América Latina não constituiria *per se* um fenômeno nascido no seio dos ideais renascentistas europeus, uma vez que suas raízes estariam plantadas na sua ancestralidade. E, embora as sociedades européias tenham, posteriormente, ultrapassado o modelo de organização feudal por intermédio das chamadas revoluções burguesas, os povos ibéricos parece nem ter precisado chegar a essa etapa do conflito, instaurado pelas distorções ideológicas e políticas do período, uma vez que as instituições fortemente hierarquizadas presentes no conjunto da sociedade européia medieval, da qual derivavam prerrogativas de natureza hereditária, eram decorrentes da distância entre as classes. Por essa razão, uma estratificação social rigidamente marcada nunca poderia vingar com o vigor suficientemente forte para solapar o primado da noção de prestígio pessoal, independente de herança ou concessão, atitude da qual se pode inferir o seu pioneirismo na adoção de uma mentalidade moderna. Já no século XIV, Gil Vicente exaltava a relativa igualdade entre seus conterrâneos, contrária às diferenças que ele observava entre os vizinhos:

... em Frandes e Alemanha

⁷⁵ ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p. 107-8.

⁷⁶ RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 72-3.

em toda França e Veneza,
 que vivem per siso e manha,
 por não viver em tristeza,
 não é como nesta terra;
 porque o filho do lavrador
 casa lá com lavradora,
 e nunca sobem mais nada;
 e o filho do broslador
 casa com a brosladora:
 isto per lei ordenada.⁷⁷

Alberto Sampaio ⁷⁸, baseado em farta documentação sobre a história antiga de Portugal, diz que a nobreza lusitana, por maior que fosse a soberania de que tenha gozado em certos períodos, jamais logrou constituir ali uma aristocracia fechada: a lei consignada nas Ordenações do Reino reconhece a presença de fidalgos em todas as profissões, desde os oficiais industriais até os arrendatários de bens rústicos; a comida do povo também não se distinguia muito da dos cavaleiros nobres e estes não apenas comiam junto aos populares como ainda lhes confiavam, muitas vezes, a criação dos filhos. Prova disto está na instituição do *amádigo* por meio da qual a nobreza deixava a educação dos filhos a cargo dos vilões que, em troca, desfrutavam de certos privilégios.

Tais características de comportamento ético que predominaram com notável constância entre os ibéricos, acabariam por ensejar, em fins do século XV, o avanço desses povos em relação aos demais Estados europeus, através da formação de unidades políticas e econômicas de expressão moderna. No caso particular de Portugal, a ascensão, já ao tempo do mestre de Avis, dos mercadores citadinos e dos mestres artesãos a uma instância social superior, enfrentou menores obstáculos do que em outras culturas de tradição cristã, onde imperavam as relações feudais.

Em parte por lhe faltarem os recursos econômicos propiciadores de uma independência de classe e, em parte, por não poder contar com o apoio da realeza, igualmente despojada desses recursos, a burguesia mercantil ibérica, segundo esse pesquisador, não logrou conceber e adotar um modo de pensar absolutamente novo e revolucionário, nem tampouco instituir uma nova escala de valores sobre os quais alicerçar, de forma permanente, o seu domínio — fato que poderia justificar a obstinada persistência, naqueles países, de hábitos de vida tradicionais capazes de explicar, até certo ponto, a sua originalidade em face da evolução do capitalismo, em

⁷⁷ VICENTE, Gil. *Obras*. Porto: Lello & Irmão, 1965, p. 742.

⁷⁸ In: *Estudos históricos e econômicos*, v.I. Porto, 1923, p. 248, *apud* HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2005, p. 35.

comparação com o resto da Europa ocidental.

Nessa conjuntura de valores e relações sociais, ter-se-ia, então, operado um fenômeno bastante distinto do que o que ocorreria na vida das nações vizinhas: a burguesia portuguesa procurou, ao associar-se às antigas classes dirigentes, resguardar muitos dos seus princípios, guiando-se pelos elementos da tradição, mais do que pelas novas idéias surgidas com o advento do Iluminismo, e incorporando, assim, uma espécie de culto ao antigo prestígio da aristocracia palaciana — seus títulos, suas linhagens, seus brasões, seu parasitismo econômico — o que contribuiu, na verdade, para um incoercível nivelamento entre as classes. Sérgio Buarque de Holanda lembra a comédia medieval na récita do pajem da *Farsa dos Almocreves*: “Cedo não há de haver villãos: / Todos d’El Rei, todos d’El Rei”.⁷⁹

Mas a presunção de fidalguia requerida pela força de costumes ancestrais já no século XV se havia tornado obsoleta, embora persistindo em aspectos acessórios como a manutenção de certo padrão de comportamento já cristalizado. E a nova nobreza, não mais precisando transcender o indivíduo, preferiu depender das próprias forças e capacidades do que dos antigos privilégios herdados:

A abundância dos bens da fortuna, os altos feitos e as altas virtudes, origem e manancial de todas as grandezas, suprem vantajosamente as prosápias do sangue. E o círculo das virtudes capitais para a gente ibérica relaciona-se de modo direto com o sentimento da própria dignidade individual. Comum a nobres e plebeus, esse sentimento corresponde, contudo, a uma ética de fidalgos e não de vilões. Para os espanhóis e os portugueses, os valores que ele anima são universais e permanentes⁸⁰.

Assim, o alto valor imanente a tal código de honra e sua conseqüente rejeição das ideologias negadoras da liberdade de pensamento foram fatores que presidiram, em larga escala, a formação do homem ibérico, desde a Antiguidade até a baixa Idade Média, constituindo-se como o grande obstáculo à consolidação de um espírito de organização espontânea próprio dos povos protestantes na crise que levou à reformulação das idéias religiosas católicas em direção a uma nova moral capitalista: aquela baseada na doutrina agostiniana, negadora das concepções tomistas do livre arbítrio e defensora da predestinação fatalista do destino humano, embora a própria igreja já tivesse rompido com estas idéias desde o século XIII⁸¹.

Em conseqüência da forte contradição ideológica entre a herança estóica dos

⁷⁹ VICENTE, Gil. *Obras*. Porto: Lello & Irmão, 1965, p. 735.

⁸⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 37.

⁸¹ VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 204.

povos ibéricos — com seus códigos éticos aristocráticos e individualistas — e o predomínio das idéias protestantes na nova mentalidade burguesa, nos demais países europeus — princípio unificador que teria presidido o fortalecimento da burguesia em seu processo de organização como classe hegemônica — foi encarnado pela instituição do governo central.

E foi, precisamente, essa constituição política — baseada numa moralidade refratária aos ideais capitalistas e à organização do trabalho e mais afinada com os valores e comportamentos de uma aristocracia decadente, onde predominava o culto ao espírito aventureiro — que acabou por nortear o esforço em direção às grandes conquistas da expansão marítima e colonial, ao qual se pode associar, sem grandes riscos de queda em equívoco, a influência do espírito romanesco hispânico e dos ideais cavaleirescos alicerçados no imaginário nacional dos países ibéricos, frutos da miscigenação resultante da dominação espanhola entre 1580 e 1640 (União das Monarquias Ibéricas). Essa experiência de mestiçagem e dominação cultural aliada à da colonização afro-asiática, teria constituído duas das mais fortes razões da singular predisposição do povo português para o êxito do estabelecimento escravocrata nos trópicos:

A influência africana, fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro, correndo numa população brancarana, quando não predominando em regiões de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo as instituições, as formas de cultura e as durezas germânicas, corromperam a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval, tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, às disciplinas canônicas, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. É a Europa reinando sem governar; governando, antes, a África⁸².

A questão é retomada por Gilberto Freyre na obra *Interpretação do Brasil* (1944), na qual ele argumenta que a experiência portuguesa da transição entre a Europa e a África teria garantido uma *solução original* aos problemas resultantes do contato entre as raças no Brasil ou, em outras palavras, o fato de a cultura brasileira ter constituído um produto racial híbrido teria atenuado as dificuldades decorrentes do racismo, como aconteceu em outras sociedades consideradas *puras* em sua origem, a partir de uma perspectiva arianista. É importante ressaltar também que a forma particular de colonização instaurada no Brasil constituiu-se numa experiência inédita da política expansionista portuguesa de que não há registro em nenhum dos

⁸² FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 80.

outros continentes onde foi instaurada, desde o século XVI. Esse passado colonial comum a portugueses e castelhanos, aliado aos interesses de exploração das novas terras, ao sistema escravista de trabalho, ao latifúndio e à monocultura, compunham um sistema de colonização que era perfeitamente adequado aos ideais de enriquecimento rápido e sem grandes sacrifícios por parte dos colonos até o final do século XIX, quando começou o que se pode considerar a grande etapa de modernização do modelo sócio-econômico patriarcal brasileiro, mediada pelas lutas pela independência política, pela abolição da escravatura e pela proclamação da República, fatos que desencadearam um intenso processo de urbanização do litoral, catalisado com a chegada da família real portuguesa, em 1808.

É oportuno retomar, neste ponto, mais uma vez, as argutas considerações de Kathrin Rosenfield no tratamento daquilo que Gilberto Freyre conceitua como a bicontinentalidade da cultura lusitana à qual ele atribui o sucesso particularmente feliz da experiência da colonização brasileira. A ensaísta entende que, do mesmo modo como Freyre interpreta a formação da identidade brasileira com base naquele fenômeno, a identidade biográfica e o próprio imaginário pessoal [o *teatro mental* do escritor] que permeiam a obra de Guimarães Rosa "repousam nesse mesmo campo de tensão entre o provisório e o estável, o precário e o firmemente fundado"⁸³, que estrutura e fundamenta a explicação freyreana sobre a identidade cultural brasileira. Para ilustrar essa inferência ela se reporta, de maneira muito perspicaz, a uma célebre confidência do romancista a Günter Lorenz:

Sou de Codisburgo, em Minas Gerais [...] uma parte de minha família tem nome português, mas este é, na verdade, suabo [...] Estes suabos eram um povo que, como os celtas, andavam por toda parte, sem poder fixar-se em lugar nenhum. Este destino que, de fato, foi legado a Portugal, é provavelmente a razão pela qual meus antepassados agarraram-se desesperadamente a um pedaço de terra que se chama sertão. Eu também me agarro nisso. (L. p. 491)⁸⁴

E assim temos, pelas próprias revelações do escritor, a comprovação da importância ontológica das raízes culturais sobre certas formas de relacionamento do homem com seu universo, que lastreiam não apenas as formas culturais, mas também, a arte e a literatura de alta qualidade estética de um único indivíduo. Nesse sentido, é importante ressaltar também a grande qualidade interpretativa do ensaio de Kathrin Rosenfield que, baseando-se em questões tão particulares da vida

⁸³ ROSENFELD, Kathrin H. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006, p. 172.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 173.

pessoal do escritor, consegue estabelecer vínculos profundos de dialogismo entre a explicação etnossociológica da formação cultural brasileira e a cosmovisão literária de uma narrativa de nação.

Todos esses aspectos foram importantes para o delineamento de um contexto de condicionantes históricos, sócio-políticos e culturais capazes de responder aos problemas da formação intelectual de uma elite responsável pelos novos rumos na vida institucional e seus desdobramentos, que culminaram: a) no advento da modernização política do país; b) na modernidade, como reflexo das relações com os outros países; c) no modernismo como corolário de todas essas modificações no quadro da produção artística e intelectual brasileira.

2. 2. Signos do patriarcado luso-brasileiro em “Buriti”

Se a transição do Império para a República introduziu na sociedade novos valores e costumes, alicerçados na expansão dos ideais republicanos, nas exigências da industrialização e da urbanização aceleradas, por outro lado representou, também, o acirramento dos conflitos resultantes da modificação do sistema patriarcal que regia todas as relações — essencialmente agrárias — até então predominantes no país, com vistas a construção de um estilo de convivência político-institucional que buscava a radical superação daquele modelo, cujo tripé de sustentação era o latifúndio, o escravismo e a produção agrícola monocultora, e no qual a instituição mais poderosa era constituída pela família patriarcal, que dominava e mantinha antigas relações de mandonismo:

Nos domínios rurais, é o tipo de família — formada, na península Ibérica, segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, através de inúmeras gerações — que prevalece como a base e o centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, assim como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a imensa autoridade do *pater-familias*. Esse núcleo em tudo se comporta como o seu modelo na Antigüidade, onde a própria família [palavra derivada de *famulus*, servo] se acha estreitamente vinculada à idéia de escravidão e em que mesmo os filhos são apenas os membros livres (os *liberi*) do vasto corpo inteiramente subordinado ao patriarca⁸⁵.

⁸⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 81-2.

Os estudos do pesquisador Oliveira Vianna⁸⁶, que nos apresenta esse personagem emblemático da historiografia colonial brasileira sob traços bastante favoráveis, são citados por Claudia Campos Soares⁸⁷ numa tese em que o papel da família patriarcal brasileira em “Buriti” é reconstituído como parte de uma memória cristalizada no imaginário nacional por meio de referências a esse modelo conservador como resquícios da “nostalgia da ordem imperial, restauradora do pai tutelar ou da autoridade que se havia perdido com a República”⁸⁸, encarnada na figura de D. Pedro II, tese compartilhada por Luiz Roncari. Através do olhar do narrador, que evoca o fluxo do pensamento do personagem Gualberto, o patriarca de “Buriti” é assim descrito: “ — Lô Liodoro era o pai de todos” (B.,105).

Outras vezes, porém, essa imagem é ressignificada por intermédio de personagens que introduzem no enredo a perspectiva da transgressão desse estereótipo, o que já propõe como que a desconstrução do “tipo” em favor de uma desalienação do protagonista, como na fala de Maria da Glória, que sugere a idéia de uma liberalidade mais própria de um paternalismo esclarecido, na pessoa de um sujeito já não tão controlador e mais moderno: “ — Papai não dá liberdade a ninguém, nem tira...” (B.,183), alguém que, diferentemente do pai tradicional, não se sente no direito de dar ou tirar a liberdade de alguém. Por outro lado, Lalinha, cuja mentalidade urbana e aparentemente liberal conflita, de início, com aquele tipo de relações, vê com desconfiança a família, sendo a palavra grafada no texto com inicial maiúscula como que para acentuar-lhe a carga simbólica:

Deus dessas! — aquilo era a Família. A roda travada, um hábito viscoso: cada um precisava de conter os outros, para que não se fossem e vivessem. Um antigo amor, rasteiro. (B., 198).

Sobre as primeiras sensações de Lalinha na vida na fazenda, o narrador revela, em discurso indireto livre:

Certas noites, só, Lalinha retornava à tenção de partir, tomando-a um tédio de tudo ali, daquela casa, que parecia impedir os movimentos do futuro. Do Buriti Bom, que se ancorava, recusando-se ao que deve vir [...] Ali nada se realizava, e era como se nada pudesse manar — as pessoas envelheceriam, malogradas, incompletas, como cravadas borboletas; todo desejo modorrava em semente, a gente se estragava, sem um principiar; num brejo. (B., 198-9).

⁸⁶ VIANNA, Oliveira. *Instituições políticas brasileiras*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 50-8.

⁸⁷ *Movimento e ordem nos gerais rosianos: a família e a formação do herói em “Campo Geral”*. São Paulo, 2002. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, p. 42-3.

⁸⁸ RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP, 2004, p.19.

Note-se que, nessa sensação de abandono e de desespero da heroína, o autor captura um pouco da atmosfera da vida na tradicional casa-grande rural que contraria as imagens pitorescas da vida patriarcal criticadas por Luiz Costa Lima em *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, aproximando a novela rosiana, pelo menos do ponto de vista da personagem Lalinha, da realidade do mundo patriarcal, fato que o crítico observa e valoriza em *A menina morta*, de Cornélio Pena, conforme já antes mencionamos. O que não invalida, no entanto, a constatação, na novela rosiana, da ausência de episódios em que sejam explícitos quaisquer indícios de opressão dos fortes sobre os fracos; mesmo a situação de Lalinha, que parece sentir-se oprimida naquele tipo de vida, não poderia ser interpretada, com justiça, como a de uma prisioneira, visto que está ali por livre e espontânea vontade. Por outro lado, algo se pode inferir sobre a presença do medo na casa do Buriti Bom:

Não, o sertão dava medo — podia-se cair nele a dentro, como que em vazios da miséria e do sofrimento. Talvez toda a quantia de bondade do mundo não bastasse, para abraçá-lo, e seria preciso produzir mais bondade — como a de Maria Behu e Maria da Glória, que pareciam tanto estima e proteger aquela pobre gente... (B., 190).

De que miséria e sofrimento se tratam? E de que pobre gente se fala? Trata-se talvez da parentela de agregados que viviam na fazenda sob a tutela do patriarca? Mas não se poderia ver também aí a sugestão de uma identificação de Lalinha com o sofrimento dos *protegidos de Liodoro*, no sentido do compartilhamento do mesmo lugar de dependência social e econômica e da falta de perspectivas, numa existência subjugada ao poder do patriarca? Pois, a certa altura da narrativa, ela conjectura:

A noite do sertão não era triste, mas oferecia em fuga de tudo uma pobreza, sem centro, uma ameaça inerme. Tudo ali podia repetir-se, mais ralo, mais lento, milhões de vezes, a gente sufocava por horizonte físico [...] Eu sou como uma menina de asilo ... (B., 171)

No trecho seguinte há a referência a um fato que chama a atenção por se constituir talvez o único episódio em que entram em cena figuras de gente humilde, de cuja situação a nora de Liodoro parece compadecer-se:

Em certos dias, surgia na varanda uma mansa gente — os pobres do mato. Eram umas velhas, tiritáveis, xales pretos tapando remendos e molambos, os rostos recruzando mil rugas; e as rugas eram fortes, assim fortes os olhos, os queixos — e quase todas eram de uma raça antiga, e claras: davam idéia de pertencer a uma nação estrangeira. Ou os velhos, de calças arregaçadas, as roupas pareciam muito chovidas e secadas no corpo, esses homens se

concentravam num alquebro, sempre humildes [...] Como deviam de morar, em bordas de grotas, ou recantos abstrusos dos morros, em antros e choupanas tristonhas, onde os ventos zuniam e a chuva gotejava. (*B.*, p. 190)

Entretanto, é difícil saber se se trata de trabalhadores temporários da fazenda — talvez migrantes, a julgar-se pela alusão à pele clara e ao fato de parecerem estrangeiros — ou de moradores locais que, devido à pobreza, habitavam os grotões, os morros e os lugares mais inóspitos da região. De qualquer modo, a não ser pelas atenções e cuidados por parte das filhas, não se manifestam no enredo situações em que se evidencie alguma iniciativa do proprietário das terras quanto à atenção a essa população. Em trabalho recente sobre a obra de Guimarães Rosa, Walnice Nogueira Galvão dá uma definição atualizada dessa camada de semi-escravos que se torna cada vez mais crescente nos meios rural e urbano brasileiros:

Esses sem-terra alugados do patrão servem para várias coisas: para garantir os limites da propriedade, sem cessar contestados; grilar terras; eliminar adversários; organizar eleições recorrendo à fraude e à intimidação, mobilizando os eleitores “de cabresto”; para desencadear contendas ou reprimi-las.⁸⁹

Apesar de se tratar de uma referência aos jagunços, bandoleiros e a outros tipos de subordinados de chefes sertanejos — um perfil que o texto não permite inferir como sendo o dos maltrapilhos ou imigrantes que aparecem no Buriti Bom — não está de todo excluída a possibilidade de existirem outros agregados do fazendeiro Liodoro como parte dessa massa de despossuídos que gravitavam em torno dos grandes proprietários do sertão, oferecendo-se para todo tipo de serviço, fenômeno, certamente, ainda bem atual. Tais fatos nos levam a concluir que, em “Buriti”, o patriarca é uma figura cujo traçado mistura um pouco as teorias eugênicas de Oliveira Vianna e de Gilberto Freyre, e um pouco a imagem do pai tutelar mencionada por Luiz Roncari em alusão às figuras de D. Pedro II ou de Getúlio Vargas também em virtude da mitificação de suas atitudes no trato com a família, onde ele se revela, de fato, sempre paternal.

Assim, é possível perceber na novela que a Primeira República convive ainda com valores remanescentes da mentalidade aristocrática do Segundo Império em que todos os poderes emanam desse tipo de autarquia econômica, política e familiar, onde se encastelava a figura do patriarca. Dos vários setores de nossa sociedade ainda em transição de uma experiência senhorial — herdada de nossos

⁸⁹ GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 32.

antepassados ibéricos e apanágio de nosso mandonismo rural — para a nova realidade republicana foi, sem dúvida, "a esfera da vida doméstica aquela onde o princípio da autoridade mais rebelde se mostrou às forças corrosivas que, de todos os lados, a cercavam"⁹⁰. Nessa concepção, os vínculos biológicos e afetivos que uniam o chefe aos descendentes, colaterais e afins, além dos agregados e da famulagem de toda sorte, deviam prevalecer sobre todas as demais considerações, formando como que um bloco unificado de poderes e dependências de vários matizes, em que os membros estavam ligados uns aos outros por sentimentos, deveres e direitos mais ou menos consangüíneos e hereditários [aristocráticos] e não por uma base político-ideológica racionalista [burguesa].

Em "Buriti", esses condicionantes se revelam com maior nitidez principalmente, nas reflexões dos personagens Gualberto e Lalinha — dois focos narrativos que se posicionam de diferentes ângulos, de dentro e de fora do ambiente do casarão, mas ambos, finamente críticos: ele, como alguém que compartilha dos mesmos valores, na condição de agregado ou *quase membro* da família; e ela, como *uma estranha no ninho*, negando esses valores com veemência, logo que chega à fazenda, já que conflitam com a sua experiência de mulher emancipada, recém entronizada no seio da família, mas cujas contradições internas, no plano dos sentimentos e da sexualidade, acabarão, no decorrer da estória, por envolvê-la completamente nos ditames da situação.

Vejamos, então, dois trechos dos discursos desses personagens e seus diferentes pontos de vista sobre o patriarca:

[Liodoro] prezava o inteiro estatuto de sua casa, como que não aceitando nem a ordem renovada, que para ele já podia parecer desordem. Motivo pelo qual a nora viera para o Buriti Bom, e ali permanecendo. Para Iô Liodoro, Dona Lalinha tinha que continuar fazendo parte da família, perante Deus e perante todos. (narrador / Nhô Gualberto, *B.*,103)

Porque ele queria a vinda de Irvino, cegamente, todos ali na casa ansiavam por isso. Parecia. Tudo por causa de Iô Liodoro. Como o amavam (narrador/Lalinha, *B.*, 196).

Esse modelo nuclear patriarcal se consolida com tal poder de coerção que não permite deslizos por parte de seus membros, nem mesmo daqueles que já conseguiram escapar à sua esfera de domínio. Nessa conjuntura, os acordos e convenções da instância doméstica ultrapassam, em muito, os ditames da lei e da

⁹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 80.

ordem institucional pública. Conforme Sérgio Buarque de Holanda,

A nostalgia dessa organização compacta [...] onde predominavam preferências fundadas em laços sentimentais, não poderia deixar de marcar fortemente a nossa vida pública e todas as nossas relações sociais e políticas. O resultado desses embricamentos foi a ascendência de atitudes e condutas próprias à esfera doméstica, naturalmente particularista e apolítica, e uma conseqüente invasão do espaço público pelo privado, do Estado pela família⁹¹.

É bem nítida a força dessa ética que, muitas vezes, ensejou o acobertamento, pela família, de certos procedimentos ilícitos de seus membros, distorção moral que ainda sobrevive entre muitos povos modernos, e não só no Brasil. Há em “Buriti” uma passagem que sugere a suspeita, por parte da população local, de que Liodoro estaria escondendo Irvino, o filho primogênito, em sua casa, para livrá-lo, talvez, de uma punição por conta de algum delito cometido que pudesse tê-lo transformado em um foragido da justiça. Afinal, para o povo do lugar não havia outra razão que justificasse o “o casal desmanchado” (B.,103), a não ser o cometimento de um crime em virtude do qual ele estivesse se escondendo. Estes sussurros são tidos pelo narrador como “invencionices de romance” (B., 103), o que significa atribuir ao imaginário popular a causa do desaparecimento de Irvino. Todavia, nessa hipótese tida como fantasiosa pelo narrador, subjaz uma hipótese plausível naquele contexto, uma vez que o povo via assim a figura do patriarca:

lô Liodoro empunhava o jogo, sobranceiro, não vergava os ombros. Onde um homem, em limite em si; enquanto persistisse no posto, a honra e o destino dos filhos estavam resguardados (B.,147).

Da ausência de Irvino, o filho não-pródigo por cuja volta Liodoro tanto anseia, pode-se inferir uma circunstância que remete ao traço da rebeldia a que se reporta Luiz Costa Lima para denunciar a omissão dessa ocorrência — típica do cotidiano da vida das famílias patriarcais — em *Casa Grande* embora, literalmente, o texto não autorize essa inferência, pois explicita o motivo da saída do rapaz da casa paterna apenas pelo desgosto pela vida no campo, conforme o comentário da ex-mulher Lalinha: “Irvino detestava a roça, a fazenda” (B.,156). Contudo, também em vários momentos, o texto fala da completa ausência de notícias à família por parte do rapaz (B., 103, 218), fato que, sem dúvida, denuncia uma ruptura nos laços familiares. A hipótese de que o filho tenha se rebelado contra a autoridade paterna não é de todo remota se levarmos em consideração o que diz o crítico a propósito

⁹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 82.

da pseudo-cordialidade criada pela mitificação da figura do patriarca na obra de Oliveira Vianna e de Gilberto Freyre; cordialidade que só se efetiva em relação àqueles que aceitam a submissão:

O detentor do poder é incontestado, [mas] pode transigir com os valores que professa — valores que, em princípio, justificam seu próprio domínio — por meio de palavras que significam apenas o que se quer que signifiquem e que podem ser desconectadas quando o falante se encontra em situação que ameaça a assimetria a que os valores se ajustam: o senhor pode tratar bem a escrava que leva para a cama e com consideração ou até mesmo efusividade seu antigo companheiro de folgedos porque ambos sabem que estes permanecerão dependentes da sua vontade⁹².

Levar em conta a possibilidade do abandono da família por Irvino como resultante de um conflito de poder com o pai seria uma forma de redimir a novela rosiana da obliteração de embates nas relações patriarcais denunciada por Luiz Costa Lima a propósito da falsa harmonia reinante na família patriarcal — conforme aparece em *Casa Grande & Senzala* e, de certa forma, também em “Buriti”, onde os conflitos inerentes ao modelo centralizador de poder parecem muito bem administrados pelo chefe da família. Uma brecha delatora dessa forma de edulcoração da figura patriarcal surge na suspeita sobre o caráter de Liodoro no trecho em que o narrador, refletindo sobre o distanciamento no trato com as mulheres da família característico do patriarca, se pergunta: “Capaz fosse ele maninho e seco de coração?”. Mas, logo em seguida, se corrigindo: “Decidido que não. Bastava vê-lo conversar com iô Ísio”, o segundo filho. “Aí, austero que fosse, e por mais que o quisesse demonstrar, nem sempre conseguia” (B.,141). Ou seja, ele era reservado com as filhas mas carinhoso e preocupado com os filhos.

Por outro lado, ao acrescentar, na seqüência da narrativa, que “Iô Ísio era um moço obediente e brando” (B.,141), ele nos permite confirmar a hipótese de que a cordialidade do patriarca só se manifestava, realmente, na circunstância da certeza da submissão do outro, já que Ísio, por ser um sujeito tão dócil, é o único que consegue permanecer próximo da convivência paterna. Contudo, a liberalidade, — muitas vezes censurada pela vizinhança e pelo compadre Gualberto — com que ele acata a extroversão e, até, mesmo, certas atitudes consideradas impróprias para os padrões locais, de Maria da Glória, reitera a tese de uma bonomia legítima do caráter de Liodoro que espelha o mito freyreano da harmonia reinante no mundo

⁹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 236.

fechado do solar.

Cabe lembrar que, nesse período da vida brasileira, os autores acadêmicos que se preocuparam em fazer estudos interpretativos sobre o Brasil, costumavam restringir suas análises aos aspectos sócio-econômicos e político-institucionais da vida pública; os romancistas é que passaram a se debruçar sobre as particularidades da vida privada, explorando, principalmente, as relações sexuais, amorosas, familiares. É com Gilberto Freyre e Guimarães Rosa que se dá a primeira grande transposição dessa antinomia: em ambos, as duas instâncias de experiência são tratadas como interfaces dialéticas de um mesmo fenômeno, cujos meandros são abordados com intensa acuidade em suas obras.

A novela “Buriti” retrata cenas da vida de uma família brasileira de feição patriarcal nunca antes abordados na literatura, numa perspectiva que, seguindo, em certo sentido, os passos machadianos, busca transcender o objetivismo realista-naturalista da tradição literária anterior. Para Luiz Roncari,

Guimarães Rosa, sem se descuidar dos nossos costumes privados, os da vida familiar e amorosa, próprios do romance, procurou integrar os da vida pública, o que deu também à sua ficção a dimensão de uma representação do país [...] E foi essa razão que me levou a discutir sua obra como sendo também a de um intérprete do Brasil, embora muito peculiar. Ele seguiu de perto os paradigmas de Oliveira Vianna que representavam os homens públicos brasileiros, e elaborou os que seriam os seus correspondentes da vida privada [...], os amorosos⁹³.

Contudo, no caso particular da novela, há que se reconhecer que são poucos os episódios que abrangem a dimensão da vida pública, centrando-se a trama no corpo restrito da família e da vida de alguns agregados e moradores do povoado, e reiterando-se, nesse sentido, alguns dados sobre a família patriarcal brasileira registrados por Gilberto Freyre:

A família, e não o indivíduo e nem tampouco o Estado, e nenhuma companhia de comércio é, desde o século XVI, o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se a aristocracia colonial mais poderosa da América.⁹⁴

Em “Buriti”, as relações patriarcais serão mais expressivas no sentido de revelar contradições inerentes à transição de uma escala de rígidos valores

⁹³ RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo. UNESP, 2004, p. 20.

⁹⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 92.

familiares para outra, bem mais flexível, sugerindo como que o olhar crítico do narrador sobre os estereótipos vigentes no tempo da enunciação; já se percebe, por exemplo, no comportamento de algumas personagens femininas, além de no do patriarca, certos ares de modernidade nas nuances da ideologia feminista que, no contexto narrativo, se tornam especialmente interessantes por constituir manifestação precoce na literatura brasileira⁹⁵.

Lembremos, contudo, que se trata do *sertão de Rosa*, uma perspectiva ficcional sob a qual o autor, ainda que situando sua obra em um período ainda dominado por forças arcaicas, busca mostrar certas formas de transgressão às normas locais introduzidas pelo advento da modernidade. Maria da Glória, por exemplo, é definida por Gualberto como uma mulher cujo comportamento chega a escandalizar a pequena comunidade local, embora sob a tolerância paterna:

O povo acha que ele não devia consentir em Maria da Glória tanto arvoreamento, gineteando sozinha pelos campos, não se pejando de querer companhia de homem, para conversação... É pelos costumes (B.,130).

Essa defesa dos padrões da ética patriarcal ele dissimula transferindo-a para maledicência do povo; a censura ao comportamento de Glória, além de sugerir uma sutil condenação à liberalidade de Liodoro, que ele não ousa assumir devido à condição subalterna que ocupa na hierarquia da casa — também pode ser interpretada como um primeiro indício do ciúme, talvez inconsciente, em relação à bela filha de seu compadre, a quem ele parece ter como uma filha, no início da estória, mas com quem, no final, terá um envolvimento íntimo bastante surpreendente pelo desprezo que parecia lhe devotar a moça no começo da novela.

⁹⁵ Muito embora alguns enunciados do feminismo já apareçam, de forma ainda recalcitrante, em romances urbanos de José de Alencar, como *Senhora*, por exemplo. A esse respeito, Gilberto Freyre assim se pronuncia: “De modo que precisamos estar atentos a essa contradição de Alencar: o seu modernismo antipatriarcal nuns pontos — inclusive o desejo de ‘certa emancipação da mulher’ [grifo do autor] — e o seu tradicionalismo noutros pontos; inclusive o gosto pela figura castiçamente brasileira da sinhazinha patriarcal. É como se ele, através dessa Alice ao mesmo tempo tradicionalista e modernista, familista e individualista, tivesse se antecipado à tentativa de renovação da cultura brasileira sobre bases ambíguas, que foi, em nossos dias, o tema do Movimento Regionalista do Recife, ao lado do mais grandioso Modernismo de São Paulo, do qual uma ala também se esforçou pela combinação daqueles contrários”. FREYRE, Gilberto. *José de Alencar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Saúde, 1951, p. 15, 27-8 *apud* SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 2000, p. 71.

2.3. O mulato, o agregado e a vassalagem no Buriti Bom

Seguindo as pistas do patriarcalismo em “Buriti”, façamos, agora, a seguinte observação: é precisamente na vassalagem da parentela e da comunidade que gira em torno da casa que se revelam os paradoxos decorrentes das relações híbridas próprias do modelo senhorial, como as de Gualberto com a família de Liodoro. Pois, se, por um lado, na intimidade, ele critica o comportamento dos membros da família — “aquele luxo constante de Dona Lalinha chamava a atenção demais, não assentava bem com o sertão do lugar [...] simplicidade nos usos” (B.,104) — por outro, ele está sempre enaltecendo os méritos do compadre, pelo menos em suas conversas com Miguel. Essa atitude ambígua revela traços de caráter tidos como típicos da vassalagem em qualquer tipo de sociedade hierárquica, da mesma maneira como a comunidade vizinha da fazenda, também submetida por vínculos de servilismo ao protetor, não hesita em demonstrar sua solidariedade à família, nos momentos de pesar, como fica patente no episódio da morte de Maria Behu:

Os moradores todos vinham visitar iô Liodoro e Glória, iô Ísio e Lalinha, na vassalagem do consolo [...] a fim de amansar a morte de Behu, segundo as regras antigas [...] E na vila ficaram os sete-dias, até a missa (B., 246-7).

A figura de Gualberto Gaspar, que incorpora, de fato, algumas das características do vassalo como produto das relações aristocráticas do universo colonial brasileiro, é recorrente na galeria de tipos do romance brasileiro que tratam das relações sociais na Primeira República, já a partir do realismo, como os sábios tios Laudônio de *Sagarana* e Cosme (do Bentinho/*D. Casmurro*, de Machado de Assis, e ainda o José Dias, do mesmo romance). Porque Gualberto é também, de certa forma, um vassalo, desde a dependência econômica ao patriarca: “— Ah!, essa vacada? Só parte delas, que é minhas. Restante é de lô Liodoro ...” (B.,105-6), e tem atitudes próprias de um certo tipo de cordialidade tal como vista por Gilberto Freyre, para quem “ninguém é, como ele, tão amável; nem tem um riso tão bom; uma maneira mais cordial de oferecer ao estranho a clássica xicrinha de café; a casa; os préstimos”⁹⁶:

Outros traços que surgem no quadro das relações patriarcais são certas atitudes de agressividade e arrogância para com os *de baixo* e, simultaneamente, de

⁹⁶ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, p. 1059.

subserviência e lisonja para com os *superiores* [grifos nossos], como aparece em diversos trechos da novela em estudo, entre Gualberto Gaspar e Liodoro: “— Amigão, meu amigo... Abaixo de minha família e de Deus, ele é quem eu prezo. Por ele enfrento, se preciso hajar! Por ele morro ...” (B., 103).

Embora, como já foi mencionado, Gualberto não seja descrito tipologicamente como mulato, uma das características que sugerem essa condição, conforme o preconceito alimentado pelas teorias eugênicas da época, é o fato de que ele se constitui um ser tão integrado ao seu ambiente que, como Lalino, de *Sagarana*, é um tipo híbrido, como o é, também, o meio e, por isso, "está perfeitamente aclimatado às condições do sertão; porém, como os animais híbridos, como a própria mula, é infecundo"⁹⁷: “— Eu não tenho filhos. Coisa que muito me entristeceu” (B.,109). Esse problema é freqüentemente lembrado e lamentado por Gualberto, em suas conversas com Miguel.

Outra marca racial comumente atribuída ao mestiço brasileiro é magistralmente explorado por Mário de Andrade em *Macunaíma* — cujo temperamento lascivo e indolente e a famigerada indisposição para o trabalho são expressos em sua frase-chavão (“Ai!, que preguiça!!!”⁹⁸), virtudes ou defeitos dos quais o compadre de Liodoro parece partilhar, conforme se depreende desse comentário do narrador: “Nhô Gualberto Gaspar parecia ser um homem preguiçoso” (B., 106).

E se Mário de Andrade, com a alegoria do *herói sem nenhum caráter*, não quis, conforme ele mesmo afirma⁹⁹, se referir a um atributo de ordem moral, em Gualberto essa espécie de fraqueza se manifesta negativamente com bastante nitidez, na medida em que, apesar de sua propalada devoção ao amigo — um sujeito bastante escrupuloso em relação à franquia de sua casa — não hesita em aproveitar-se da hospitalidade de Liodoro: embora “sendo de ser o quase único confiante que

⁹⁷ A questão da baixa ou nula fecundidade do mulato, como a das mulas, e de outros ‘seres híbridos’, foi polemizada até o começo do século XX, no Brasil (como se já não estivesse suficientemente comprovado o ‘hibidismo’ de todo o povo brasileiro, inclusive os de pele branca). In: RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP/FAPESP, 2004, p. 38.

⁹⁸ ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 7.

⁹⁹ “O que me interessou por *Macunaíma* foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional do brasileiro. Ora depois de pelejar muito verifiquei uma coisa que me parece certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim porém a minha conclusão é uma novidade para mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional”, em prefácio nunca publicado, cf. LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade. São Paulo: Martins, 1988, p. 117.

freqüentava a fazenda, hospedado normal” (B.,101), não perde oportunidade de bisbilhotar, com muita malícia, todos os movimentos das pessoas da família, especialmente os das mulheres bonitas em sua intimidade, como no episódio em que “ele avistara dentro do quarto dela: com cadeirinhas diferentes, e os cortinados, fileiras de vidros de cheiro na cômoda baixa, e no chão capachado até um tapete” (B.,104). A cupidez de *voyeur* irá, a cada passo, tornando-se mais ousada em Gualberto, até lançar-se, já sem nenhum pudor, sobre Maria da Glória, um momento que a linguagem rosiana trata com grande riqueza de metáforas e metonímias:

Mais graves aqueles olhos, a ingênuo serviço de uma gana profunda, imperturbada, igual à fome com que as grandes cobras se desenrolam, como máquinas, como vísceras. (B., 185)

As atitudes de desrespeito à instituição patriarcal e às suas bases lapidares, moldadas sobre um rigoroso código de costumes encarnado no homem a quem Gualberto declara respeito “— Lô Liodoro é um homem pelo direito, modas antigas” (B.,111) — chegam ao extremo daquilo que, na linguagem antiga e dentro do quadro de virtudes estabelecido, chamar-se-ia de a *desonra da casa*, pelo envolvimento íntimo e clandestino entre Glória e Gualberto, muito embora ela mesma tenha, depois, assumido a sua parcela de responsabilidade no caso, ao confidenciar a Lalinha: “ — Fui eu que mandei. Quase o obriguei a fazer tudo, a perder o respeito, que ele tinha demais...” (B., 249).

Veamos aqui a interessante análise de Claudia Soares a propósito dos comportamentos patriarcais motivados pela força das relações de poder estabelecidas na hierarquia da casa-grande, lançando um novo olhar sobre a atitude aparentemente traiçoeira de Gualberto:

Em *Buriti*, Glória, moça na flor da idade, que [...] *a vida fremia por gozar* [grifo da autora], fica sabendo que uma mocinha das redondezas engravidara sem se casar (ROSA, I, p. 964-69). Isto parece alertá-la para o perigo de sucumbir aos apelos do corpo; mas o acontecimento parece estimulá-la a procurar alternativas para o sexo nas quais não se expusesse a estes perigos¹⁰⁰.

Para isto, ela encontra na esterilidade dele uma saída: sua aquiescência aos desejos da moça, segundo a autora, ofereceria duas justificativas: a primeira, o fato de, na condição de senhora da fazenda, Glorinha estar exercendo seu poder de mando sobre Gualberto, no intuito de satisfazer seus próprios desejos; ela mesma

¹⁰⁰ SOARES, Claudia. *Movimento e ordem nos gerais rosianos: a família e a formação do herói em “Campo Geral”*. São Paulo: USP, 2002, p. 48.

reitera, em vários momentos da estória: “puxei ao papai” e, assim, “não vê problemas, como se pode perceber, em usar do poder que detém a classe a que pertence conforme seu arbítrio”¹⁰¹. Por outro lado, Gualberto vê nos arroubos sexuais de seus *senhores* uma espécie de herança genética que ele parece muito respeitar, justificando-a: “ — Garanhão ganhante. Dizem que isso desce de família, potência bem herdada” (B.,129).

A convivência de Gualberto para com os desejos de Glória, a submissão ao seu poder ou, ainda, sua própria lascívia em relação à moça podem, também, ser explicadas pela inveja que ele eventualmente possa sentir dos dotes do patriarca, uma vez que, apesar de prestar-lhes vassalagem, talvez se ressinta não apenas da superioridade de que o outro goza, tanto em termos sociais e econômicos, quanto e, sobretudo, da virilidade de Liodoro, conforme ele mesmo reafirma a todo instante: “— Epa, o homem é roge, é danado [...] Carece mais de lazer de catre do que um outro, muito mais” (B.,129). A própria filha Glorinha, assumindo o lado machista da sua formação, “Saí ao Papai...” (B., p. 95), entende que aquele comportamento licencioso eram “Fraquezas do Papai, você sabe, ele é homem...”(B., p. 186), e assim reforçando um conceito de masculinidade até hoje ainda em voga, mesmo entre muitas mulheres.

Voltando ao Gualberto, com aquele quase incesto representado pelo caso com Glorinha, ele pode, na verdade, ter pretendido vingar-se do outro. Quase incesto que, como metáfora de uma transgressão às normas do patriarcado, também pode ser visto no envolvimento íntimo entre Liodoro e Lalinha, pois ambos, Gualberto e Liodoro, dizem considerá-las como filhas:

A senhora vem, todos estão lhe esperando. Há de ser sempre minha filha, minhas outras filhas suas irmãs... Lá é sua a nossa casa (Liodoro, B.,154). E em: — Ah, minhas filhas, quem dera ... Já se foi o meu tempo”. (Gualberto, B.,184).

Embora possamos ver nas duas ocorrências a alegoria de um incesto simbólico, o fato é que, possivelmente pela influência dos novos comportamentos e idéias introduzidos na casa por Maria da Glória e Lalinha — ambas mulheres instruídas que viveram fora do restrito ambiente doméstico — certos pilares do patriarcalismo sertanejo começam, por meio dessas transgressões, a ser abalados,

¹⁰¹ SOARES, Claudia. *Movimento e ordem nos gerais rosianos: a família e a formação do herói em “Campo Geral”*. São Paulo: USP, 2002, p. 58, nota 11.

dando ensejo a transformações que, em poucos anos, irão provocar a derrocada desse modelo de família, pelo menos em seus aspectos mais atrasados, muito embora algumas de suas normas ainda persistam até hoje, e não apenas no interior do Brasil, fato que pode ser comprovado nos liames de nossa formação, nesse período em que as forças de um novo tempo, alicerçadas sobre os avanços da modernidade, já são capazes de alterar profundamente a constituição moral, psicológica e comportamental dos atores que ocupam as cenas rural e urbana da sociedade brasileira.

Observemos também que a perversidade de Gualberto não se limita às formas de consideração (ou falta de) que ele dispensa a Liodoro e a Dona-Dona, sua mulher, a quem ele, no fundo, despreza e acaba por trair com Glorinha; mas é também extensiva a Miguel, cujo casamento com a moça ele, Gualberto, tanto havia incentivado, no início da novela, e a quem ele acaba, também, por trair, através do mesmo ato. De onde se pode concluir que as manifestações de cordialidade — assunto que será melhor discutido adiante — dispensadas por Gualberto a Miguel parecem apenas disfarçar seu real interesse pelo rapaz que era, na verdade, a permanência do veterinário na fazenda, a fim de usufruir de seus serviços e favores — este [o favor], aliás, um dos componentes mais emblemáticos do patriarcalismo brasileiro, exemplarmente discutido desde o Romantismo por José de Alencar e posteriormente por Machado de Assis em sua primeira fase literária¹⁰².

Outro clichê incorporado ao imaginário popular no Brasil sobre o mulato é o da sua lubricidade, que aparece, na novela, como já foi mencionado, na forma como Lalinha encara o interesse de Gualberto pela cunhada: “— Aquilo horrorizava, parecia uma profanação bestial, [...] um estupro” (B.,185). Recorramos, novamente, a Gilberto Freyre, para o trabalho de desconstrução desse estereótipo (da luxúria como traço biopsicocultural como de origem africana) e à construção de outro (o da luxúria do branco):

Passa por ser defeito da raça africana transmitido aos brasileiros o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os ‘primitivos’ [grifo nosso] em geral, é a maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que, para excitar-se, necessita de estímulos picantes: danças afrodisíacas, cultos fálicos, orgias. Enquanto que, no civilizado, o apetite sexual, em geral, se excita sem grandes provocações. Sem esforço¹⁰³.

¹⁰² Ver SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

¹⁰³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 372.

E continua dizendo que “Por abraçar e beijar [...] foram degredados para o Brasil numerosos indivíduos; e a esse elemento branco e não à colonização negra deve-se atribuir muito da lubricidade brasileira”¹⁰⁴. E aqui, mais uma vez, a novela ratifica essas noções, ao caracterizar o branco, na pessoa de Liodoro, como um dissoluto em termos sexuais, como o sugerem esta e outras falas de Gualberto, freqüentes no decorrer da narrativa:

— “O que Lô Liodoro é, é antigo. Lei dum dom, pelos costumes [...] Aqui, confio ao senhor, por bem, com toda a reserva: fraqueza dele é as mulheres [...] Esse homem é um poder, ele é de ferro” (B., 112).

De modo que a repugnância de Lalinha em relação ao desejo que ela percebe em Gualberto por Glória deve-se a esse preconceito da mulher branca em relação ao mulato ou negro, já que ela não censura em Liodoro sua intensa vida noturna e, mesmo, até a admira veladamente. Outra razão para esse sentimento da moça em relação ao compadre é o fato de Gualberto, a seu ver, estar extrapolando os limites do decoro para com um membro da família para quem, devido à sua condição, ele jamais deveria ousar levantar os olhos.

Como leitor de Gilberto Freyre e de outros intérpretes do Brasil da sua geração, Guimarães Rosa reflete em sua obra não apenas o espelhamento como também a superação de alguns desses modelos, aproximando-os muito mais de uma realidade vivida nos sertões do mundo em que os seres não se enquadram em padrões, tendo sua literatura, nesse sentido, um caráter mais realista do que a obra de alguns pesquisadores desse período que, apesar da sua inegável contribuição, algumas vezes pecam por um certo exagero em suas análises, chegando a algumas conclusões hoje em dia já desqualificadas devido à mitificação de fatos fundamentais da nossa formação.

É ilustrativo daquela característica da narrativa rosiana o fato de que, enquanto na Primeira República a noção brasileira de povo teria substituído a de “gente da rua” do Império [homens sem propriedades, mas livres¹⁰⁵] passando a designar o mulato vadio, o homem de ofício, o antigo escravo, o novo trabalhador braçal, o imigrante, reunidos sob a mesma designação (povo), na obra desse autor, os protagonistas são os personagens Ramiro [de “A volta do marido pródigo”/

¹⁰⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 378.

¹⁰⁵ Sobre o assunto, ver PRADO JR. Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1977 e FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: IEB, 1969.

Sagarana]; de Lélío [*No Urubuquaquá, no Pinhém*]; e Riobaldo [*Grande Sertão: Veredas*], pertencentes a uma espécie híbrida de homens, sem sobrenome de família, sem propriedades, sem tradição, o simulacro do *outro*, os que não eram considerados como dignos de respeito e consideração devido aos seus baixos dotes morais e intelectuais; seres ineptos, impassíveis de transformação.

Uma variante emblemática do referente em questão é a do personagem Gualberto que, mesmo aparentando ser de origem pobre e mestiça, já faz parte de um extrato mais privilegiado da sociedade pois, além de fazendeiro, possui, também, um nome de família, como confidencia a Miguel: “ — O senhor sabe, minha família é Lemos. Meu nome, todo, seria para ser Lemos: José Gualberto Gaspar de Lemos“(B., 121) — maneira de comprovar uma filiação familiar que constituiria o apanágio de uma quase nobreza, compensadora da origem humilde e da condição racial de mulato, também aliada à constante reafirmação de sua vassalagem a Liodoro, parte do convencional compadrio: “ — Compadre Gual ... (é como ele me trata, amistoso; que em verdade compadre não somos, mas apelidando)” (B.,110).

Em *Casa Grande & Senzala*, graças a uma estrutura de gênero diferente da romanesca, os personagens se constituem em tipos genéricos que funcionam como que ilustrações de teses de pesquisa, temos uma visão unificadora e, portanto, idealizada do humano, a fim de explicar teorias oriundas de um olhar particular sobre o mundo. Consta que essa idealização estava comprometida com uma espécie de desconstrução teórica sobre o Brasil e sobre a cultura brasileira — tal como eram vistos na época pelas classes dominantes da sociedade — capaz de demolir a imagem negativa que se tinha então a respeito das origens de um povo nascido dessa profusa mistura de raças tida como fator de degeneração.

A partir da década de sessenta, o peso da polarização ideológica (entre direita conservadora e esquerda progressista) e o advento das novas correntes metodológicas no pensamento científico brasileiro (marxismo e estruturalismo), concorreram para uma reinterpretação inversa daquela com que a obra do antropólogo foi, inicialmente, recebida nos meios intelectuais, tendo sido, curiosamente, desqualificada como uma obra escrita e interpretada segundo o ponto de vista daquela mesma classe dominante brasileira que, antes, ela havia em tese negado. Estranho paradoxo que somente um estudo pautado mais especificamente sobre as condicionantes político-sociais daquela etapa da vida brasileira poderia elucidar, o que foge ao escopo desse trabalho.

3. OUTRAS LEITURAS DE “BURITI”

A beleza [do livro] só pertence ao escrito? Ou tem a ver também com a realidade? Como entender a abundância de ligações tão diversas, finas e de mão dupla? Sobre o fundo brasileiro, balizado por trabalho escravo, mando patriarcal incontrastado e demais sequelas da colonização, a sua humanidade e graça propõem um enigma: como foram possíveis, ou melhor, em que experiência se escolaram as inversões de perspectiva, a ida constante ao outro lado das coisas, a simpatia pelas posições desprezadas, o recuo em face das prestigiosas e, sobretudo, o senso dos condicionamentos mútuos?

(Roberto Schwarz, *Duas meninas*)

3.1. A cordialidade do patriarca rosiano

O ideal da “cordialidade do homem brasileiro”, expressão cunhada por Ribeiro Couto, é resumido por Sérgio Buarque de Holanda no seguinte trecho:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a da *cordialidade* — daremos ao mundo o *homem cordial* [grifos do autor]. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, formados no meio rural e patriarcal. Seria enganoso supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.¹⁰⁶

Após a enorme repercussão obtida por sua obra nos meios intelectuais brasileiros das décadas de 30 e 40, constando entre alguns de seus primeiros e ilustres leitores os autores das obras destacadas neste estudo, virou quase que um estigma de brasilidade o sermos considerados como seres passivos, generosos, amigáveis. Contudo, esse parece ser um entendimento um tanto forçado do conceito, em que a nossa decantada amabilidade tropical (que contrasta com uma suposta frieza dos povos do hemisfério norte atribuída ao clima) é, muitas vezes,

¹⁰⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 147-8. O conceito de “homem cordial” é discutido em *Visão do paraíso* (1958), do mesmo autor.

confundida com submissão ou servilismo, desvios de interpretação que tendem a nos representar como “bovinamente sujeitos aos desmandos do poder e da autoridade”¹⁰⁷. Para o sociólogo, essa cordialidade também diz respeito à dificuldade do brasileiro de lidar com as questões sociais ou políticas de modo racional, de considerar a esfera pública como algo impessoal ou como um palco de conflitos entre interesses coletivos e individuais. A cordialidade seria, então, parte de uma espécie de pulsão que tende a formar uma visão do mundo fundada na paixão, um traço do caráter nacional mais ou menos influenciado pela herança cultural ibérica, uma noção fundamental para a compreensão dos heróis rosianos, devido à

relação que guardam com a *cordialidade* entendida na sua acepção etimológica de *cor*, *cordis* [grifos do autor], de homens movidos pelo coração: alguém que decide e age muito mais guiado pelas particularidades (afetos, laços familiares, simpatia e amizade) do que pela universalidade (valores do intelecto ou da razão)¹⁰⁸.

Sob esse prisma podemos afirmar que a obra de Guimarães Rosa é coerente com a filosofia de vida do autor que sempre preconizou o valor sentimental da experiência humana em face de uma civilização técnica, belicista, em que o afeto é, quase sempre, reprimido ou até mesmo ridicularizado. Em carta ao seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, Guimarães Rosa declarou, certa vez:

Os meus livros, em essência, são antiintelectuais — defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana.¹⁰⁹

Kathrin Rosenfield considera que, justamente por saber aliar lucidamente a percepção sobre os desafios históricos da literatura com a expressão dos mais vivos sentimentos da cultura luso-brasileira — entre os quais a melancólica sensualidade do caráter nacional resultante dessa fusão — Guimarães Rosa, embora assimilando a noção de cordialidade como um traço distintivo de certa sociabilidade do homem campesino brasileiro, tal como foi concebido por Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, consegue reelaborá-la em novas formas narrativas através da assimilação de expressões artísticas brasileiras autênticas. E, assim, unindo a poesia e o conto popular com a reflexão ensaística, já praticada desde Euclides da

¹⁰⁷ DAMAZIO, Reynaldo. Uma reflexão decisiva sobre o homem cordial. Dossiê: Intelectuais sob o Estado Novo. *EntreLivros*, São Paulo, set. 2007, ed. especial n. 8, p. 28-33.

¹⁰⁸ RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 34.

¹⁰⁹ BIZZARRI, Edoardo. *João Guimarães rosa: correspondência* (com seu tradutor italiano). São Paulo: T. A. Queiroz, Instituto Cultural Ítalo - Brasileiro, 1981, p. 58.

Cunha, põe em cena os temas mais caros aos pensadores brasileiro, populares e eruditos: "o caráter melancólico-saudoso que oscila entre a volúpia e a violência; a cordialidade com suas cumplicidades malignas que permeiam todos os estratos da sociedade; o forte imaginário do clã (parental e eleitoral), etc."¹¹⁰, alguns dos quais são magistralmente tratados pelo escritor em "Buriti".

Contudo, na perspectiva sociológica, se o epíteto da cordialidade, que quase virou um estigma de brasilidade, apresentava-nos como seres pacíficos, bondosos e hospitaleiros, por outro lado, também nos identificava como um povo dócil, passivo e submisso às contingências do poder, peculiaridades que tem sido historicamente, interpretadas como um traço de caráter que nos impede, até hoje, de considerar a esfera da vida pública como algo impessoal ou, ainda, de considerá-la como um palco de conflitos entre os interesses individuais e coletivos. Sendo a origem da palavra cordial o vocábulo latino *cordis* (coração), a *cordialidade brasileira*, poderia ser, também, inerente a "uma visão de mundo plasmada na paixão, numa espécie de subjetividade egocêntrica, egoísta"¹¹¹, não comprometida com uma perspectiva social dos problemas brasileiros, o que teria ensejado a tendência da mistura sub-reptícia dos interesses públicos e privados, apanágio do tipo de relação que até hoje medram em nossos meios sociais, políticos e institucionais. Daí as origens da vassalagem, do compadrio e do ontológico nepotismo brasileiro abordado na literatura desde o Romantismo, com presença marcante no realismo machadiano. E que emerge, renovado, em diversos personagens de Guimarães Rosa, especialmente naqueles onde a cordialidade está mais ligada a sua etimologia, no sentido da busca das forças do amor e da sensibilidade como defesa em face de uma civilização tecnicista e bélica, onde os afetos são cada vez mais reprimidos.

Entretanto, nas suas manifestações passionais, geralmente irracionais, certas pulsões amorosas nada têm de cordiais ou afáveis, muitas vezes revelando-se em sua faceta mais funesta, com requintes de violência ou até com traços de sadismo, movida pelo impulso de emoções por vezes inconscientes e incontroláveis, assim como a insanidade — uma forma de transgressão ou recusa do real, recorrente na obra rosiana e que, em "Buriti", aparece na personagem Dona-Dona e no Chefe Zequiél, sendo que, nestes, a loucura pode também — numa análise de

¹¹⁰ ROSENFELD, Kathrin H. Reflexões em torno de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. *O eixo e a roda*, v. 12, p. 89, jan./jun., 2006.

¹¹¹ DAMAZIO, Reynaldo. Uma reflexão decisiva sobre o homem cordial. Dossiê: Intelectuais sob o Estado Novo. *EntreLivros – Biblioteca*, São Paulo, n. 8, set. 2007, p. 30.

fundamentação psicossociológica que foge ao escopo deste trabalho — ter causas no mesmo tipo de sofrimento provocado pela condição social do negro na colônia e que motivou um sem-número de estados patológicos degenerativos que ainda se manifestam no homem brasileiro marginalizado, desde o alcoolismo até à loucura.

Certas reflexões de Lalinha, por exemplo, reiteram também o tipo de conflito que se instaura nas relações íntimas dentro de um modelo de estrutura social em franca decadência, na qual todas as pequenas atitudes assumem proporções por vezes assustadoras, gerando insegurança, desconfiança e hostilidade entre os que nele convivem, o mesmo ocorrendo com relação às formas de uma erotização exacerbada que, muitas vezes, denunciam uma via de sublimação de sentimentos recalçados, que variam entre limites imprecisos. E, embora esse tema se constitua em objeto de estudo mais restrito ao campo da Psicanálise, os eventos são, às vezes, explicáveis com base na Sociologia e na Ciência Política, entre outras disciplinas, conforme, atualmente, preconizam os princípios da interdisciplinaridade nos estudos acadêmicos atuais, o que é, particularmente, estimulante, no caso da literatura de Guimarães Rosa.

Tomemos, então, como fio condutor desse raciocínio, a comparação entre as novelas “Buriti” e o romance *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, buscando nas figuras de Miguel, Liodoro, Gualberto e Paulo Honório os índices dessa cordialidade como característica do homem brasileiro nas diferentes perspectivas com que foi interpretada — na literatura, na sociologia e no senso comum: trata-se de uma forma de cotejar as semelhanças e diferenças entre os heróis dos dois romances, buscando respostas possíveis na influência dos condicionantes históricos e sociais de dois tempos diferentes, embora próximos, da vida brasileira, sobre a construção desses personagens.

Como sabemos das teorias literárias enunciadas a partir do Romantismo, as ideologias românticas de vertente liberal e aristocratizante estão sempre retomando a mercantilização da vida, o que vem a se acentuar no romance e na novela realista brasileira, desde o século XIX. No caso de “Buriti”, a figura do patriarca surge como que, de certa forma, idealizada, no centro de um universo em que as relações entre os membros são apresentadas de forma superficial e em que os sofrimentos são vividos de forma bastante civilizada, sem que a própria instituição familiar seja questionada como causa desses conflitos.

Não se trata, porém, de uma narrativa que faça a apologia do conformismo,

embora reitere valores e comportamentos que se justificam como marcas históricas de um passado recente que a obra deve retratar para aproximar-se de um dado da realidade sobre o qual a ficção irá se debruçar. Por outro lado, não se trata, tampouco, de uma obra crítica no sentido de propor transgressões profundas num certo contexto social, sobretudo, como já foi amplamente observado por vários de seus analistas, por se manter sempre na órbita da vida doméstica, com raras incursões pelo ambiente exterior à casa-grande.

Contudo, uma ressalva a essa perspectiva pode ser feita com relação a Liodoro, cujas polaridades de caráter já introduzem um novo perfil em relação ao modelo de senhor de engenho tradicional, avançando, por exemplo, em relação a um “tipo” como Paulo Honório, personagem-ícone do romance regionalista da geração de 1930. Pois o patriarca de “Buriti”, não se tornou um homem obcecado pelo poder a ponto de reificar todas as suas paixões em objetos da satisfação de seu desejo de dominação e posse — característico do modelo de herói burguês emblemático do advento do capitalismo no Brasil, como o do citado senhor da São Bernardo. E, embora tenha sido concebido como um personagem dotado de grande energia moral e poder de mando, em Liodoro convivem paternalmente sentimentos e atitudes de delicadeza para com os filhos e filhas, pois “praticava, constante, um hábito ou preceito de moderar-se, no trato com as criaturas femininas, que eram sua família” (B.,141). E, se nada se pode inferir a propósito de um tratamento diferente para com as mulheres de fora da esfera familiar, suas amantes eventuais, sabe-se, entretanto, que “nele escasseava [...] a impura substância que arde porque necessita de gastar-se, e chameja arroxeadada, na paixão — que é o mal, a loucura da terra.” (B., 141).

A que mal ou “loucura da terra” que escasseava em Liodoro estaria se referindo o narrador? Para iluminar essa interpretação do caráter contraditório do personagem tomemos a seguinte análise de Luiz Lafetá a propósito do contexto de enunciação do romance de Graciliano Ramos que irá influenciar no esboço do personagem Paulo Honório:

Sem entrarmos aqui nas complexidades do estudo da implantação do capitalismo no Brasil, o que podemos afirmar é que Paulo Honório simboliza a força que atualiza de forma devastadora o universo de São Bernardo [...] Uma das mais sérias conseqüências da produção para o mercado é o afastamento e a abstração de toda qualidade sensível das coisas, substituída na mente humana pela noção de quantidade. O valor-de-uso que toda mercadoria possui é distanciada e tornado implícito pela produção de valores de troca. Este

fenômeno, classicamente denominado de “fetichismo da mercadoria” [grifo do autor] dá origem a uma reificação global das relações humanas [...] que se transformam em relações entre coisas, entre possuidor e possuído¹¹².

Liodoro parece ter conservado a sua condição aristocrática de patriarca rural esclarecido, não sucumbindo às transformações sofridas, de modo geral, pelos homens de poder e decorrentes da mudança de mentalidade introduzida, na esfera pública e privada, pela transição do modelo econômico agro-escravocrata para o urbano-industrial. Ele já não faz parte da antiga estirpe dos grandes latifundiários rurais — cujas posses envolviam imensas extensões de terra, remanescentes das políticas de sesmarias dos primórdios da colonização, pois já pertence a um estrato que o novo modelo econômico liberal criou desde a decadência da estrutura agro-escravocrata ordenadora das grandes propriedades rurais, sendo, portanto, um proprietário de menor porte, a julgar-se pela informação de Gualberto a Miguel: “ — Entenda o senhor: lô Liodoro possui um município de alqueires, terras válidas de primeira; mas o pai teve muito mais do que ele e mais ainda teve o avô ...” (B.,130).

Quanto ao perfil tradicional do patriarca, embora preservando a formalidade como norma de comportamento, pois “lô Liodoro não dava intimidade. Conservava uma delimitação, uma distância” e “No defrontá-lo, todos tinham que se compor com respeito” (B., 138), ele já não se comportava como um grande senhor, sendo, até mesmo, “mudamente afável” (B., 138), mas de uma afabilidade enganosa que guardava resquícios do temperamento ardiloso próprio dos poderosos, conforme a tese de Luiz Costa Lima¹¹³:

Sua grande mão surpreendia no toque por ceder apenas um contato quente, polpudo quase macio; mas que denunciava espontânea contentação pois, caso ele quisesse, aquilo poderia pronto transformar-se num férreo aperto...Os pensamentos que ele pensava e vivia seriam bons e uns” (B., p. 138).

Mas sendo incapaz de violências contra os seus, a julgar-se pelas recorrentes referências ao seu amor pela família reconhecido por todos os que com ele convivem, sobretudo Gualberto, para quem “lô Liodoro é pai amoroso, como não pareça” (B.,111). Seu envolvimento com Lalinha, que passa de um paternalismo inocente para uma relação clandestina — e que, parece, não será assumida

¹¹² LAFETÁ, João Luiz. “O mundo à revelia”. In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo: posfácio*. Rio de Janeiro: Record, 1985, p. 203.

¹¹³ LIMA, Luiz Costa. “A versão solar do patriarcalismo”. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 219.

publicamente — é uma prova de “aquele homem não era para sentir paixões, ceder-se” (B.,140), não se deixando dominar pelas emoções sem, contudo, se transformar no monstro de egoísmo e frieza encarnado por figuras como Paulo Honório em *São Bernardo*, pelo Pai do menino de *Infância*, ou ainda como o Pai de Miguilim, de “Campo Geral”, pessoas que maltratavam a todos e destruíram muitos.

Miguel, por sua vez, incorpora outras características do herói rosiano em vista da sua mobilidade espaço-temporal, na trajetória de uma saga que se inicia em novela anterior, “Campo Geral” e continua em “Buriti”, onde ele reaparece adulto e formado como veterinário, qualidade que irá auxiliá-lo em sua reintegração na cultura de origem, o meio rural onde passou sua infância; mas que, contudo, ele preferia esquecer, conforme nos revela o narrador:

Contra o sertão, Miguel tinha sua pessoa, sua infância, que ele, de anos, pelejava por deslembrar, num esforço que era a mesma saudade, em sua forma mais eficaz. Mas o grande sertão dos Gerais povoava-o, nele estava, em seu amor carnal marcado. (B.,105)

Esse retorno será mediado por sua amizade com Gualberto Gaspar, que irá esforçar-se para mantê-lo na fazenda por considerá-lo um sujeito de grande valor e cuja formação superior lhe parece como algo extraordinário: “— O que é a instrução ... — o que é a cidade-grande ...” (B.,108). Por isso, Gualberto estranha muito ao saber que Miguel também é nativo dos gerais, o que ele “parecia não crer” (B., 108).

Logo em sua chegada às terras do Buriti Bom, o rapaz tem como que um primeiro impacto em sua alteridade, ao recobrar, através do olhar do outro, a sua própria condição de sertanejo, embora envernizada pelas experiências de uma vida cidadina, que lhe permitiu instruir-se e tornar-se um sujeito de mentalidade arejada. O olhar do outro é o de Gualberto, que também refrata no forasteiro a sua própria alteridade, seus sonhos frustrados, seu “desejo de viver solto e de admirar as outras coisas” (B.,106):

“ — O senhor é do sertão? Dadonde?” Parecia não crer.
 “ — Do alto dos Gerais. Dum mato, um sitiozinho da serra... Tenho jeito não?” Miguel se ria, com um desdém.
 “ — O que é a instrução... — O que é a cidade grande... ” — nhô Gualberto se pasmava. (B., 108).

Miguel também reúne as características antitéticas de um sujeito moderno e de um herói medieval, distinguindo-se dos outros homens do Buriti Bom no modo cavalheiresco com que contempla e medita sobre as mulheres do casarão,

ratificando certas ilações do crítico Benedito Nunes sobre o amor na obra de Guimarães Rosa¹¹⁴. Vale citar os trechos em que esse viés cavalheiresco do herói ressoa com grande lirismo: ao responder aos gracejos de Maria da Glória sobre o seu nascimento, na barriga de um surubim, ele lhe faz um galanteio cortês: “ — Mas você devia ter nascido era no cacho de flores do buriti mais altaneiro, trazida por uma garça rosada...” (B., 98). E como um cavaleiro andante, desejoso de salvar donzelas em perigo, ele manifesta certa apreensão a respeito de Maria Behu que “nem era tão háspida e desgraciosa como se dizia.” (B.,135):

Ela parecia uma prisioneira, que tivesse conseguido, do lado de fora, alguém que lhe desse uma atenção diferente e fosse levar bem longe um recado seu, precioso e absurdo (B.,135).

Certos motivos heróicos que remontam aos primórdios do romance grego¹¹⁵, como os do encontro e da viagem, este último também explorado por Benedito Nunes a propósito da novela “Cara de Bronze”¹¹⁶, são desenvolvidos em “Buriti”, o que vem a confirmar um dado para o qual Luiz Roncari, em *O Brasil de Rosa* já chamara a atenção¹¹⁷: o experimentalismo desta forma arcaica de narrativa, entre muitas outras, por Guimarães Rosa, reiterando as fontes eruditas nas quais o autor busca as referências simbólicas de suas construções romanescas, mesclando-as com a linguagem regionalista do sertanejo, seus mitos, seu folclore, seu universo natural e social, e criando assim uma narrativa de cunho existencial.

3.2. O feminino em "Buriti"

Iniciemos este ponto da narrativa em foco pela caracterização das personagens Maria Behu (“era uma criatura singela, B.,135); Maria da Glória (“Ela é sadia, simples, ainda não pecou”, B., 96); (“parece uma noiva à espera do noivo”, B., 93) — pelo olhar de Miguel; e de Maria Behu (“tisna, encorujada, com a feiíce de uma antiguidade”, B.,102,); (“Glorinha é bonita ...”, B., 97); Lalinha (“a das mais

¹¹⁴ Sobre o tema ver NUNES, Benedito. “O amor na obra de Guimarães Rosa”. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 143-171.

¹¹⁵ Sobre o romance grego, ver BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 5. ed. São Paulo: ANNABLUME/HUCITEC, 2002.

¹¹⁶ NUNES, Benedito. “A Viagem do Grivo”. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976. Cf. também DIAS JÚNIOR, Carlos Alberto Corrêa. *A contradança poética: poesia e linguagem em “Cara-de-Bronze”*. Belém, 2007, 100 p. Dissertação de Mestrado em Letras (Estudos Literários), Universidade Federal do Pará.

¹¹⁷ RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP, 2004, p.15.

mimosas prendas”, *B.*,102) e (“Dona-Dona fora bonita, para o seu escasso gosto”, *B.*,127) — pelo olhar de Gualberto. Observamos ser antagônica a diferença entre os critérios usados na avaliação das mulheres: os do primeiro, centrado em aspectos subjetivos e os do segundo, objetivos e centrados na clássica oposição entre a beleza e a feiúra numa correspondência maniqueísta:

Às vezes, dava para se excogitar esses encobertos da vida: seria Maria Behu triste e maligna por motivo de ser feia e Maria da Glória ganhava essa alegria aprazível por causa de tanta beleza? Ou era o contrário, então: que uma tinha crescido com todos os encantos por já possuir a alma da alegria dentro de si; e a outra, guardando somente do triste e do ruim desde pequena, veio murchando e sendo por fora escura e seca feito uma fruta ressolada? (*B.*, 102)

Os arquétipos femininos apresentados neste trecho como alegorias da bondade e da maldade, da virtude e do pecado, marcam os contrastes entre as quatro mulheres pelo padrão da juventude e da beleza, na visão de Gualberto, sobretudo na enfática comparação entre as duas irmãs, desde a aparência até a maneira de ser: “Seria que Maria Behu era triste e maligna por motivo de ser feia e Maria da Glória ganhava essa alegria aprazível por causa de tanta beleza?”. Enfim, “havia no Buriti Bom duas filhas moças, assim uma da outra diversas: como a noite e o sol, como o dia e a chuva. Gualberto não gostava de Maria Behu” (*B.*,102).

Um dos fatores que mais denotam a intenção de destacar as diferentes perspectivas com que a mulher é vista, julgada, admirada ou desprezada no psiquismo do homem patriarcal brasileiro está claramente explicitado em “Buriti” pelo olhar dos dois personagens masculinos, que são como que as duas faces de uma mesma moeda, Miguel e Gualberto: o primeiro, com sua visão de mundo já ampliada pela formação ilustrada e urbana que lhe permite ver a mulher numa perspectiva de igualdade com o homem, percebendo-a em seus estados de opressão e sofrimento no contexto da vida patriarcal. Daí a sensibilidade e solidariedade que ele manifesta em relação ao que ele percebe como uma situação de aprisionamento nas vidas de Lalinha e de Maria Behu, apesar de ambas desfrutarem ainda de muitas regalias e liberdades em relação às outras mulheres que não fazem parte da parentela mais próxima do patriarca, como as “mulheres da cozinha”, por exemplo.

Miguel, sujeito perspicaz, podia compreender muito bem o tipo de ordem que regia a vida dentro daquela família e nas terras da fazenda de Liodoro, conforme diz o narrador: “Do traço dos buritis, até o rio, era o defendido domínio. Assim Miguel via aquilo” (*B.*,116). Trata-se de um poder que emana também da filha mais nova, Maria

da Glória, uma legítima herdeira das qualidades de seu pai. Talvez por isso, no fundo, Miguel teme o envolvimento com a moça, cujas atitudes desinibidas, de certa forma, o assustam:

Eu teria medo de gostar de Glorinha. Ela é franca demais, vive demais, abertamente; é uma mulher que deve desnortear, porque ainda não tem segredos... Ela pôs os olhos em mim, tão declarados, com um querer que me enfrenta (B., 96).

Miguel talvez se sentisse inseguro de amar Glorinha por intuir que, na correlação de forças que se estabelecerá em suas futuras relações, ele sempre será o lado mais frágil. Fragilidade que, além de uma consequência da sua condição social inferior em relação à da moça, pode também estar ligada a um conflito edipiano: ao comparar Maria da Glória e as outras mulheres do casarão com a imagem materna, ela diz que ela era “a mulher que menos me lembrava minha mãe” [porque, na verdade] “Ela não me lembrava pessoa alguma” (B.,13). “Glorinha é afirmativa. Mas uma moça, mesmo por ser assim, engana” (B., 95). Lembremos, a propósito, que Miguelim, em “Campo Geral”, protege-se no colo da mãe dos arroubos de violência do pai, que sabe da traição da mulher com seu irmão, e suspeita de que este pode ser o pai biológico do menino, fatos que, inconsciente ou conscientemente, podem estar na raiz das reservas de Miguel em relação ao envolvimento amoroso com Glorinha. A certa altura, ele confessa: “Tenho medo de sofrer. Você acha que sou fraco?” (B., p. 97).

Por outro lado, nas inquietações explícitas do personagem a propósito do temperamento da heroína, percebe-se uma inusitada quebra de expectativas em relação à figura feminina do seu tempo, que sugere a presença de resquícios de um conservadorismo que ele já parecia ter superado, a julgar-se por ouros juízos mais esclarecidos emitidos pelo personagem. No entanto, ele parece recear em Glória justamente o desregramento em relação a um modelo de comportamento próprio da educação patriarcal colonial, nesse sentido comparando-se ao preconceituoso juízo de Gualberto sobre o comportamento da filha do seu compadre, já comentado anteriormente. Segundo conta Gilberto Freyre:

Só depois de casado arriscava-se o filho a fumar na presença do pai; e fazer a barba era cerimônia para a qual o rapaz necessitava sempre de licença especial [...] À menina negava-se tudo o que de leve parecesse independência até levantar a voz na presença dos mais velhos. Adoravam-se as acanhadas, de ar humilde [...] Criadas num ambiente rigorosamente patriarcal, viveram sob a mais dura

tiranía dos pais — depois substituída pela dos maridos.¹¹⁸

Encarnando a superação desses padrões de comportamento, como uma heroína pós-republicana, Glorinha, que se orgulha de ter “puxado ao pai”, herdou dele a personalidade nordestina, valente e guerreira, alegorizada, na literatura e no imaginário ibérico, na figura da amazona¹¹⁹ e assim descrita por seu mais ardente admirador, o compadre Gualberto:

Maria da Glória era firme para governar um cavalo, montada à homem, com calças amarelas e botas, a blusa rústica de pano pardo, ela ria claro e sacudia a cabeça, esparramando os cabelos, dados, em quantidades de sol. Galopava por toda parte, parecendo um rapaz. Alegria, era a dela: “Sou roceira, sou sertaneja!”, exclamava; tirava a forra de ter passado uns anos no colégio. (B. 118)

Lalinha, por sua vez, já recebe da parte de Miguel uma certa solidariedade por ser vista pelo rapaz como uma mulher sem perspectiva de felicidade:

Dona Lalinha, de se jurar, está aqui forçada, presa, nesta fazenda. Iô Liodoro sabe que Irvino não vai voltar nunca mais, mas ele guarda a nora em sujeição, para garantir, mesmo assim, a honra do filho? E Dona Lalinha não vai poder sair, jamais, até que envelheça, ou que o carcereiro um dia morra... Ainda que iô Irvino tenha repudiado a mulher, e esteja a viver com outra, Dona Lalinha tem que conservar sua solidão, não pode receber o prazer de outro homem. São casos, no sertão, se ouvem contar. (B., 98)

Analisando o olhar de Gualberto, aquele dentre os personagens masculinos que mais se dedica a observar e fazer conjecturas sobre as mulheres da família e de fora da família — ele sabe tudo sobre as “amantes de Liodoro” — vemos que reproduz todos os preconceitos vigentes no período sobre as mulheres de origem considerada inferior, por raça e condição social. É no contraste entre a própria mulher, que ele definia como “roxa, escura, quase preta” (B.,113) e o juízo que faz de Lalinha “moça-da-corte, dama do reino, sinhá de todo luxo” (B.,102) que se observa o racismo velado deste homem que também pertence a um estrato étnico e social desprestigiado, como mulato e vassalo do patriarca. E, contraditoriamente, não parece sentir pela própria mulher nenhum respeito ou simpatia, pois revela a Miguel, logo no início da amizade entre os dois, que ela “foi mulher-dama em Montes Claros e no Curvelo” (B.,111). A certa altura, Gualberto se pergunta: “Dona Lalinha — a das mais mimosas prendas [...] Mulher de iô Irvino, mas desdenhada. Um podia

¹¹⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 474.

¹¹⁹ Estudo especial sobre esse tema encontra-se em GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela-guerreira*. São Paulo: SENAC, 1998.

crer, um podia entender?”(B.,102). Parece-lhe inacreditável que um homem em sã consciência fosse capaz de abandonar uma mulher tão refinada e “instruída”. O narrador, também, identificando-se com o personagem, diz que “Era custoso aceitar-se que Dona-Dona tivesse algum dia acordado o desejo ou o amor do marido. [pois] Desaparelhava de ser mulher de nhô Gualberto — parecia uma criada” (B.,113).

Talvez pelo fato de ser casado com uma mulher negra e de passado obscuro, ele atribuísse tanto valor à branca e de extração social superior à sua, o que sempre foi um critério típico de sociedades onde vigora uma rígida segmentação de classes, como era a brasileira dos primórdios, principalmente nas pequenas comunidades sertanejas. Ainda que Dona-Dona, apesar de sua origem e condição racial, após a união conjugal com Gualberto, tenha adotado um comportamento quase senhorial, pois “Querida bramar avisando a todo mundo que era senhora de posses” (B., p. 113-14), não conseguia jamais ser vista com os mesmos olhos com que, por exemplo, Soropita vê Doralda, mulher da mesma condição de Dona-Dona, por sua etnia e “passado comprometedor”, no que, novamente, surge uma contradição em relação ao “tipo”: Soropita e Gualberto são imagens especulares do mesmo sujeito desfavorecido que, à custa de uma trajetória bem comum ao sertanejo desse período, atuando como capataz, jagunço ou pistoleiro, acaba por se estabelecer como proprietário, adquirindo uma reputação respeitável, uma casa, uma família. Com a diferença de que Soropita não convive de perto com belas mulheres com quem comparar a sua própria, como é o caso de Gualberto que, como Gonzalo Bambães, também achava que “ali era a casa das Deusas...” (B., 220).

Quanto a Dijina, outra das meretrizes da estória que virou “senhora respeitável” após o casamento com o filho mais novo de Liodoro, apesar de viver uma vida harmoniosa com o marido, não será nunca aceita como esposa legítima de Ísio, que sofre permanente humilhação na casa paterna, onde sua mulher nunca é recebida, nem mesmo nos momentos das grandes confraternizações: “Tudo e tanto, no nome de ià-Dijina não se tocava, ficavam em lugar dele uns espaços de silêncio, era como se o dado rigor de uma lei todos seguissem” (B., 191) e nem mesmo o próprio Ísio ousava mencionar-lhe o nome na presença dos parentes.

Essa espécie de segregação da qual eram vítimas as mulheres de “passado condenável”, mesmo após a sua “recuperação pelo casamento” — como também é o caso de Dona-Dona, mulher de Gualberto, e de Doralda, de Dão-Lalalão — também se constitui numa fresta por onde trespassa um tipo de violência própria dos

laços familiares nobiliárquicos e que vem introduzir, na narrativa rosiana, a presença da atmosfera de *A menina morta*, simbolizada, também em “Buriti”, na trágica demência que vitima Dona-Dona, no final da novela, fato que pode, talvez, ser atribuível à descoberta do envolvimento do marido com a filha do patriarca, além de outros possíveis sofrimentos acumulados ao longo de sua vida, decorrentes da sua condição étnica e social. Ao confidenciar a Miguel suas suspeitas a respeito das causas da doença de sua mulher, Gualberto como que tenta transferir para ela a culpa da qual quer redimir-se, numa atitude evasiva implícita no seguinte capcioso comentário: “ — É, ah...O que dana as mulheres é o ciúme...Ciumeira...” (B., 254). Encarnando um atavismo do sujeito arcaico, ele via sua mulher, no início da vida em comum, quando ela talvez ainda possuísse algum atrativo, da seguinte maneira:

Dona-Dona era séria baseada; mas ele não podia constituir que outro homem observasse a mocidade dela, que só ao marido competia. A vai: era como se transplantassem do lugar uma cerca, para roubar parte de seus pastos, como se os ciganos montassem para longe em seu cavalo de sela, se um gambá sangrasse as galinhas do seu poleiro. Gualberto a vigiava, escondia-a em casa, gostaria que ela amojasse, sensata, de muitos filhos, por se precaver. Agora, a bem, esta vida! (B., 127).

Esse discurso revela que o principal laço que o ligava à Dona-Dona era o sentimento de posse, como se ela fosse parte de suas propriedades. E lamenta a ausência de uma prole, vendo esse distúrbio com o mesmo sentimento de perda material: “não se ter filhos, na roça, é um prejuízo” (B.,109). Ele queria que a mulher lhe tivesse dado muitos filhos, pois isso lhe parecia a atitude mais “sensata”, como se a infertilidade dele fosse culpa da “insensatez” dela, talvez uma maneira de atribuir à companheira a responsabilidade por todos os problemas de sua vida, atitude recorrente nos conflitos conjugais desse personagem, embora às vezes ele reconheça que “o motivo é meu mesmo, os médicos todos me explicam” (B.,109)

É um fato conhecido de nossa formação sócio-econômica a importância de se ter uma grande prole, sobretudo entre os fazendeiros, que eram “proprietários de homens e que nutriam um imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias” ¹²⁰, fenômeno que, muitas vezes, instaurou a promiscuidade entre senhores e escravos, entre a casa-grande e a senzala. Estudando essa faceta a vida colonial brasileira, Joaquim Nabuco colheu num manifesto escravocrata a seguinte

¹²⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 372.

informação: “a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador.”¹²¹

Casa Grande & Senzala assim define o papel desempenhado pela mulher negra nas relações entre a casa grande e a senzala: “O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem, que as negras produzissem muleques”¹²² — o que representava a multiplicação do maior bem de capital, no regime agro-escravocrata. O estereótipo de amantes fogosas com que são muitas vezes descritas as escravas da senzala e as senhoras da casa-grande é assim desconstruído, revelando a sua contra-face no menosprezo para com a mulher como pessoa, valorizada apenas devido aos seus préstimos como criada e procriadora de filhos, independentemente de cor, de classe ou de etnia.

Quanto à sexualidade das personagens femininas de “Buriti” muitas são apresentadas como seres dominados por desejos e fantasias, tanto as senhoras da casa, como Lalinha e Maria da Glória, quanto as de fora, como Alcina, Dionéia e Dô-Nhã que “viveu vida estúrdia [...] e, por muitos anos, nos Gerais, teve de ser mulher de quatro homens, todos de uma vez, e até com isso se deu bem ...” (B., 173). No entanto, é na figura de Alcina que a imagem erotizada da mulata é desenhada com tintas mais fortes — a amante negra do patriarca é descrita pelo olhar concupiscente de Gualberto com requintes de lascívia:

Aí, basta a gente ver, para se conhecer como as duas são mulheres que têm fome de homem. [...] Ah, essa Alcina mandou vir. Os olhos, quando ela remira, dão para derreter de longe ceras de abelheira e resina de árvore ... Até no ela comer comida ou doce, o senhor toma impressão que ela está fazendo coisas, o senhor saberá. (B., 129).

Ou ainda em: “... e a mulata Alcina, fogosa em dendê e suor, como se tivesse no ser esse sol todo da Bahia — tanto pouco” (B.,146). É de se notar que, embora condenando Dionéia, a amante branca de Liodoro, “Mulher assim, devasta qualquer um” (B.,127), Gualberto não exagera seus atributos eróticos, como faz em relação à mulata, o que confirma a tese freyreana a respeito do preconceito sexual contra as negras, agravado pela culpa que lhes é atribuída como “corruptora da família”.

Diz-se, geralmente, que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-de-família. É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua e nem do índio, mas do sistema socioeconômico em que funcionavam passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime o próprio

¹²¹ NABUCO, J. *apud* FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 372.

¹²² *Idem, ibidem*, p. 372-3.

interesse econômico favorece a depravação suscitando no senhor de escravos um imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias, pois. “a parte mais produtiva da propriedade agro-escravagista é o ventre gerador”¹²³.

Mesmo em se considerando que o contexto histórico da novela não comporta mais a figura da escrava, sabemos que muitos dos resquícios dessas práticas se perpetuaram até a modernidade e persistem até hoje, arraigados a certa mentalidade racista da qual, parece, ainda estamos longe de nos desvencilhar. Pois muito do que alimenta esse imaginário é, presentemente, reciclado naquilo que Kathrin Rosenfield chama de culturalismo de propaganda: a abordagem sensualista da brasilidade, em Gilberto Freyre¹²⁴, em que o erotismo da cultura brasileira passa a se constituir o principal emblema da identidade do país no mundo, via símbolos icônicos como a mulata, o carnaval, o jogador de futebol, a apimentada culinária baiana, entre muitos outros. Imagens que estão subjacentes a uma política de mercantilização da cultura comprometida com os lucros proporcionados pelo turismo cuja mais recente versão revela também a face mais degradante dessa ideologia, certamente jamais vislumbrada por Gilberto Freyre: o turismo sexual infantil.

3.3. Amor e erotismo na noite do sertão

O olhar feminino em “Buriti” também reproduz alguns traços do preconceito masculino sobre ao sexo oposto, numa comprovação da dialética da sexualidade que se define pelas mesmas razões sócio-históricas: numa estrutura hierárquica fechada, sempre haverá, por falta de saídas imediatas, a tentativa de dominação dos que estão “em cima” sobre os “de baixo”.

A insegurança de Miguel em relação a um possível envolvimento com Glorinha tem sua o seu avesso na reciprocidade das desconfianças da moça em relação a ele, que ela manifesta diretamente, de um jeito espontâneo e desinibido que o assusta: “— Dizem, de quem nasceu nos campos-gerais: que, ou é muito bandoleiro, ou em amor muito leal...” (B., 96). Glória também parece considerar os intelectuais incapazes de entregar-se ao amor. Por isso, Miguel que, para ela, era

¹²³ NABUCO, J. In: *O Abolicionismo* apud FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2002, p. 372.

¹²⁴ ROSENFELD, Kathrin H. em conferência sobre a obra de Guimarães Rosa realizada no Ciclo de Literatura Brasileira por ocasião da XI Feira Pan-Amazônica do Livro em Belém em 3 de out. de 2007 (ponto de vista antecipado à p. 63 desta dissertação).

um ‘meditativo’, era destituído da capacidade de amar com a voracidade de quem, por não pensar muito, vive intensamente o presente e extrai do corpo tudo o que ele pode proporcionar de prazeres e alegrias:

Um que pensa demais, e que às vezes se envergonha do amor; o amor exigia homens e mulheres ávidos tão-somente da essência do presente, donos de uma perfeição espessa, o espírito que compreendesse o corpo. (B.,199).

Por outro lado, os olhares que Gualberto lhe lançava pareciam agradá-la; e, embora fosse um homem rude, que ela considerava até mesmo como “um bobo”, a volúpia que ele nutria por Glória e disfarçava por meio de um falso paternalismo não enganava a ninguém, muito menos a Lalinha, que também percebia a reciprocidade dissimulada com que a cunhada “se comprazia da nojenta admiração, dava mostras de instigá-la [...] sendo impudica.” (B., p. 185). Mas essa repugnância, até certo ponto, de cunho maternal ou fraternal, que Lalinha sente em relação ao interesse de Gualberto por Glória provém também de um cuidado ciumento que ela nutre pela moça, como deixam entrever certas passagens sugestivas do envolvimento íntimo entre as duas mulheres — mulheres que, devido às condições do meio em que vivem, não mantêm um contato muito freqüente com homens atraentes.

A intimidade das duas é (re)velada, por meio de imagens sutis, mas que refletem claramente o tipo de envolvimento que realmente parece ter existido entre aquelas que conviviam na condição de senhoras e escravas, na casa-grande do Brasil colonial, conforme insinua Gilberto Freyre, em *Sobrados e mucambos*:

Nos banhos quentes ou mornos as iaiás mais lânguidas deixavam que as mãos das mucamas não só as despissem e vestissem, decalcassem e calçassem, despenteassem e penteassem, como lhes esfregassem o corpo, o ensaboassem, o untassem de essências de jasmims, o enxugassem com toalhas finas e lhes lavassem e secassem os cabelos soltos, com laivos talvez de luxúria lésbica¹²⁵.

Não obstante haja uma certa tendenciosidade nessa análise, do ponto de vista da exacerbação do erotismo na obra freyreana, é certo que, em diversos momentos, ela remete à licenciosidade no relacionamento entre Lalinha e Maria da Glória, como nos trechos aqui destacados: “ — Você pode fazer comigo o que quiser, Lala eu sou sua. Sorria. (B.,244). E que, algumas vezes, origina os remorsos que se insinuam no solilóquio da nora de Liodoro: “ — Sou má? ”Lalinha se perguntara. (B., 230), uma

¹²⁵ GOLDSTEIN. Ilana Seltzer. A invenção do mito da democracia racial. Dossiê: Intelectuais sob o Estado novo. *EntreLivros — Biblioteca*, São Paulo, n. 8, set. 2007, p. 22.

abordagem que se revela ousada para os padrões literários brasileiros da época. Mas, se há no envolvimento entre as duas personagens a presença do puro desejo homossexual, há também uma justificativa desse envolvimento como consequência da dificuldade do contato social entre homens e mulheres naquele meio, que pode ser creditada ao distanciamento promovido pela estrutura patriarcal responsável por um clima de desconfiança e até mesmo de uma certa hostilidade entre os sexos.

Porém, é no relacionamento entre Lalinha e Liodoro que mais claramente se explicitam os conflitos motivados pelo distanciamento promovido pela formação social e pelas diferentes visões do mundo dos indivíduos. Observe-se que, já avançando em relação aos cânones literários do romantismo e do realismo de José de Alencar e Machado de Assis, onde a tônica do conflito entre os amantes ancora-se, em geral, nas diferenças de classe social e de fortuna, em Rosa são as formas de relacionamento paternalista que ocupam a cena amorosa: o círculo familiar está sempre subjugado ao arbítrio de um patriarca, esclarecido ou não, que instaura um ciclo de compensações materiais e simbólicas — abjeto aos olhos modernos — típico da proteção paternalista.

Vejamos, então, a seqüência de mutações sofridas por Lalinha na longa fase de adaptação à vida na casa da fazenda e que vieram a transformá-la em outra pessoa; ou talvez, apenas fazer com que ela assumisse a sua verdadeira natureza: no início, a nora vê Liodoro — com um receio que se confunde com repugnância — como um homem antiquado, conservador e autoritário, indignando-se quando ele tenta convencê-la a ir morar na fazenda:

E agora, um impagável sujeito, um caipira, um *desusado homem de outro tempo* (grifo meu), andava pela cidade, falava em seu nome, procurava sem razão as pessoas, procedia a atos honestamente tolos. Tudo fosse por uma ironia! Mas, então, iô Liodoro reputava-a uma menor, teimava em tê-la por isso — uma mulher sob sujeição? Podia — não seria uma temeridade — acompanhá-lo, ir com ele? Tentou-a tudo desdizer. (*B.*, p. 157).

Essas reflexões feitas pela personagem ao longo do capítulo em que relembra seu primeiro contato com o patriarca mostra-a como uma mulher adulta, emancipada, dona do seu destino, que se sente quase que injuriada com a atitude paternalista do sogro: “Como ela não tivesse pai nem mãe, ele procurara o irmão, a relatar-lhe sua consentida viagem, chegara a solicitar licença. Aquilo era ridículo” (*B.*, p.156). E por sua insistência em tratá-la como uma ‘menor abandonada’: “A senhora vem, todos estão lhe esperando. Há de ser sempre minha filha, minhas

outras filhas suas irmãs... lá é sua a nossa casa.” (B., 154).

Contudo, mais tarde, a decisão de acompanhá-lo de modo quase submisso, “Suspeitou se escondesse sob aquela consistente quietude uma vontade demarcada, que não toleraria contradição” (B.,156), já sugere um dos estigmas do patriarcalismo, segundo o qual a descontinuidade promovida pelos poderosos na vida dos que dele dependem é prodigamente recompensada pela permanente segurança da proteção. Um claro exemplo dessa antinomia se vê na atitude de submissão do filho mais novo de Liodoro, que se submete às humilhações por parte da família por precisar viver à sombra do poder e das posses do pai.

A indignação inicial que Lalinha sentiu em relação à oferta de proteção por parte de Liodoro foi substituída, depois, por um estranho pudor, considerando-se a sua natureza aparentemente rebelde: “coraria de se mostrar mesquinha ou amuada, teria pena de causar-lhe um direto, definitivo desgosto” (B., 157), no que já se revela outra característica da relação de submissão entre fortes e fracos: o medo inconsciente que estes sentem das conseqüências que podem advir do fato de desagradar ao mais forte, e que Lalinha, neste trecho, atribui à “pena de causar-lhe um desgosto”, o que não passa de uma maneira de mascarar a própria covardia. Ela encena, enfim, um último ato de resistência à tentação de segui-lo obedientemente — o que, no fundo, desejava, apesar de querer convencer-se de que não precisava daquela proteção — mostrando a sua verdadeira face: uma mulher sedutora, quase vulgar, para fazê-lo capitular diante da desmistificação da imagem de esposa abandonada que dela ele parecia fazer. E acabando por fracassar, diante dele e de si mesma, pois Liodoro

demonstrava um afeto vago e seguro a um tempo, de pai a filha. Lalinha não precisava dessa afeição. Não precisava e, contudo, já a estava acolhendo, se deixava descuidar, animosamente ouvia: — “Vamos para o Buriti Bom, menina...” E ela disse que sim: “Se eu disser terminantemente que não, que é que ele vai fazer?” Não disse. Tanto a idéia de ir já lhe sorria exata.” (B.,156) E se tomou de ligeira gratidão, pelo que ele cuidava do seu bem-estar” (B.,158).

A necessidade de Lalinha de sentir-se protegida e cuidada, como uma mulher antiga, deixando cair a fantasia de fortaleza que vestira para impressionar Liodoro e, talvez, para enfrentar também a própria solidão, aos poucos, vai sendo submetida a duras provações: o preço que ela teve que pagar por toda aquela gratuita proteção. Mas, depois, a paixão que começa a sentir pelo sogro acaba por demolir, definitivamente, suas reservas, levando-a a entregar-se, de vez, à irresistível sedução

do poder. Como dirá depois Roberto Schwarz, sobre *Iaiá Garcia*:

A humilhação das humilhações, aquela que é visada neste livro, não está nas relações de dependência enquanto um fato, mas nas ilusões que as acompanham e, sobretudo, no gozo muito particular que acompanha estas últimas. Existe uma espécie de libidinagem do paternalismo que a Machado neste momento causava horror¹²⁶.

Esses conflitos da personagem ressoam no contexto em que a novela foi concebida por ser aquele onde se deu o advento dos novos movimentos de libertação feminina, sob os auspícios da revolução sexual americana, e no qual Lalinha, assim como Maria da Glória, incorporam certas atitudes feministas das mulheres no Brasil, à luz das teses de Simone de Beauvoir, Margaret Mead e Virginia Woolf, entre outras. Em vários momentos, um certo paralelismo entre as duas figuras femininas que protagonizam as aventuras amorosas da novela surge para ressaltar as contradições enfrentadas pelas mulheres brasileiras nessa difícil transição entre o modelo de família patriarcal ao qual ainda estão vinculadas e os novos paradigmas comportamentais dos chamados "anos dourados".

3.4. Literatura, natureza e sociedade

Destaca-se também em "Buriti" o registro rosiano de aspectos da história da sociedade brasileira de uma forma mais aderente à realidade vivida no país — por meio de rupturas com os paradigmas que orientaram, até o início do século XX, a composição do romance brasileiro, pautada sobre modelos estrangeiros — que conferem à obra o seu caráter de ineditismo. Sabemos também que a literatura de Guimarães Rosa é uma ilustre tributária dos cânones romanescos criados por outros importantes escritores que o antecederam, como lembra Roberto Schwarz:

De *Iracema*, alguma coisa veio até *Macunaíma*: as andanças que entrelaçam as aventuras, o corpo geográfico do país, a matéria mitológica, a toponímia índia e a História branca; alguma coisa do *Grande Sertão* já existia em *Til*, nas façanhas de João Fera¹²⁷.

As inovações com que a aventura literária de Guimarães Rosa rejuvenesce a moderna prosa brasileira, os deslocamentos que promove em relação ao produto

¹²⁶ SCHWARZ, Roberto. "O paternalismo e sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis". In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 171.

¹²⁷ *Idem*, "A importação do romance e suas contradições em Alencar", *ibidem*, p. 38-9.

européu e o redirecionamento do seu foco sobre a cena rural de um Brasil em mutação vêm confirmar que, ao contrário do que algumas vezes se pensa, a matéria da qual se plasma o fazer do artista não é gratuita e nem informe. Ela é, ao contrário, historicamente condicionada, mesmo quando seu autor não tem muita consciência disto. Mas, sendo histórica e cultural, não é, por isso, prosaica imitação da realidade, uma vez que acrescenta à sua estrutura formal os elementos que presidem a vivência do artista.

Para Alfredo Bosi, no processo de busca e invenção, “enfrentam-se o narrador e o fluxo da experiência que acabará sendo a substância narrável, aquela *matéria vertente* [grifo do autor] de que fala Riobaldo”¹²⁸. O narrado, assim, vai-se formando, de frase a frase, mediante a operação da escrita ficcional: é esta que sonda, no universo possível, móvel e aberto da existência, aquelas situações que vão ser significadas e resolvidas em tema e estilo.

Em que pese toda a argumentação pró e contra essas teses e suas enormes conseqüências para o avanço das teorias da literatura, é inegável, a nosso ver, o fato de que deve existir, de forma consciente ou não, um ou vários propósitos do autor, ao selecionar os temas, as características peculiares de tempo, espaço e de perfil de personagens, que o olhar sobre o seu mundo social, filtrado pelo crivo do artista criador, irá amalgamar em formas lingüísticas capazes de fazer novos sentidos para seus leitores. Entretanto, também é fato que toda construção ficcional será reinterpretada e reelaborada a cada sucessiva geração de leitores, conforme o demonstra a estética da recepção, o que garante o frescor e a permanência da chamada alta literatura.

Finalmente, faz-se necessário destacar alguns procedimentos literários relevantes em "Buriti" que, por meio de vários de seus personagens, incorporam traços comportamentais e de caráter que encenam as claras contradições que acabam por conduzir a narrativa no sentido de alcançar uma dimensão mais ampla da condição humana no curso da História, orquestrando a universalização transtemporal da obra romanesca, fato que, no conjunto da obra rosiana, pode assumir, a nosso ver, duas perspectivas: a) uma forma de revelação daquilo que o próprio Machado de Assis considera a maturação do “instinto de nacionalidade”; b) uma leitura política do perfil sócio-psicológico do patriarca brasileiro.

¹²⁸ BOSI, Alfredo. “Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo”. In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 9.

Procuramos, especialmente, discernir nessa novela a presença dos vestígios do nosso passado colonial nas relações patriarcais entre os membros da casa-grande da fazenda Buriti Bom — a família e os agregados e nas ambigüidades, antagonismos e alegorias que estruturam o discurso do narrador e das demais vozes da narrativa, a fim de construir novos significados literários e culturais do espaço ficcional, a começar pelo título da novela, homônimo da propriedade rural e da árvore-ícone do sertão rosiano, aspecto que buscamos explorar a partir de sua relação com a forma/conteúdo novelesco e que nos pareceu ser uma idéia organizadora que busca refletir, metaforicamente, as relações de poder exercidas pelo patriarca em seu território.

Algumas das respostas para tais questões entrevistas na aproximação entre "Buriti" e *Casa Grande & Senzala* mostram que elas compõem mais do que cenários para o desenvolvimento das narrativas e para a descrição do universo onde são ambientadas: elas são influentes em muitos aspectos da constituição do enredo, da definição das ações, do desenho dos personagens e na compreensão de alguns pontos de vista e do destaque dado pelo olhar antropológico a certos elementos formadores da cultura brasileira, tanto na novela quanto no ensaio, considerando-se que este olhar é uma prerrogativa de ambos, ficcionista e ensaísta. Quanto a esse aspecto, convém lembrar o posicionamento da intelectualidade brasileira, nesta etapa de transição política do país: mantendo-se, durante a República Velha, numa extrema impassibilidade perante os problemas da vida pública, absorta que estava em seus estudos especulativos e desinteressada da realidade, é somente com a geração de 1930 que alguns representantes desse segmento conseguiram distanciar-se da visão aristocrática e adotar como lugar de enunciação de seus discursos o ponto de vista dos estratos não-privilegiados da população, manifestando por eles um profundo interesse e curiosidade, tanto artísticos quanto científicos. E, também, no caso da literatura rosiana, reiterando a eterna busca de purificação e transcendência no olhar sobre a natureza e a sociedade sertaneja:

Em contato com os elementos da paisagem, nuvens e ventos, montes de perfil invariável, sendas de largura constante, as mesmas árvores, o mesmo gado, a vida corre numa rotina secular, regulamentada por vetustos códigos de honra que determinam [...] os deveres do parentesco, da amizade e da hospitalidade, assim como os da inimizade e do ódio. Os vastos espaços desertos são povoados pelos devaneios da imaginação. Os riscos e os imprevistos da dura vida diária produzem resignação e fatalismo. Nos casarões das fazendas, encontram-se à mesa parentes, amigos e comensais

de incerta procedência. A sede do sobrenatural gera santos e suscita milagres, matiza a religião de variantes animísticas¹²⁹.

Esta reflexão de Paulo Rónai, que tão bem desenha os matizes do cenário do sertão rosiano em *Primeiras Estórias*, faz de certas passagens de "Buriti" imagem especular, em que, muitas vezes, a natureza rivaliza com homens e mulheres a primazia no protagonizar a narrativa, como nos dois trechos seguintes: primeiro, em que o vôo de um pica-pau faz a alegoria da expectativa de Miguel em relação ao desejo de amor que ele idealizava na figura de Maria da Glória:

Portanto, havia uma mulher no Buriti Bom, Maria da Glória. Como Miguel e nhô Gaspar ficavam a ver, quando passava um pica-pau de cabeça vermelha, em seu vôo de arranco: que tatala, dando impulso ao corpo, com abas asas, ganha velocidade e altura, e plana, e perde-as, de novo, e se dá novo ímpeto, se recobra, bate e solta, bate e solta, parece uma diástole e uma sístole — um coração na mão; já atravessou o mundo. (*B.*, p. 109)

A animização ou antropomorfização da natureza é uma das referências poéticas mais notáveis da prosa desse escritor, na qual todos os seres do ambiente natural ou construído confluem para criar vínculos alegóricos expressivos por meio de recursos verbais encantatórios que a distinguem na moderna literatura brasileira no trabalho de descrever e interpretar as relações entre o homem e o mundo. A associação entre o poder e a autoridade do patriarca que se abriga sob a portentosa sombra do buriti e reina sobre os amplos espaços da fazenda, nos quais todos pareciam estar protegidos, é uma imagem que atravessa toda a narrativa, poetizando e alegorizando as relações políticas entre os espaços público e privado da sociedade brasileira em que a dimensão mitopoética da linguagem estiliza singularmente a imagem do poder patriarcal em formulações humanizadoras da árvore-símbolo do sertão rosiano. Antropomorfismo que faz contraponto, nesta e noutras estórias rosianas, com uma espécie de animalização do homem, ressaltando atributos de sabedoria que só podem ser adquiridos em uma longa convivência com os animais.

Aqui cabe recuperar uma reflexão de Luiz Roncari, a propósito da sabedoria estóica que ele percebe estar sempre presente em todos os romances de Rosa, através de “um sujeito que já teria visto e vivido tudo neste mundo e não tinha mais com o que se espantar nem o que esperar, pois havia aprendido e mantinha a

¹²⁹ RÓNAI, Paulo. "Os vastos espaços". In: ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. xxxiv.

devida distância de suas atrações e conflitos, como o burrinho pedrês, o tio Laudônio, o Dito, os bois, os zebus ou ele próprio”¹³⁰. Essa observação se ratifica em "Buriti", onde o herói parece entender-se igualmente bem com o rebanho dos animais e o dos homens: “Iô Liodoro, possante, comandava os vaqueiros. Na altura da poeira, se distinguia duro seu porte. Sua voz tomava o fanhoso quente tom dos campeiros de Alto-Sertão. Os bois entendiam-no?” (B., p. 200).

A maneira como o narrador descreve o riacho onde Miguel pára, na segunda visita à Buriti Bom, logo no início da narrativa, é outro exemplo eloqüente do lirismo rosiano e da sua maestria no uso da prosopopéia para estabelecer vínculos especialmente delicados entre o homem e a natureza:

Parara no mesmo ponto que da primeira vez: perto duma funda grota — escondido muito lá embaixo um riachinho bichinho, bem um fiapo, só, só, que fugia no arrepiado susto de por algum boi de um gole ser todo bebido; um riinho, se recobrando com miúdas folhagens, quase subterrâneas, sem cessar trementes e lambidas, plantinhas de floricas verdes, muito mais modestas que as violetas. (B., p. 91)

Contudo, o alto teor de lirismo da narrativa rosiana não reduz a relevância do valor testemunhal do texto, aspecto que constitui um dos principais temas deste trabalho — a análise comparada entre ensaio e ficção. O que se pretende, através do espelhamento do real proposto pelos dois autores, com relação ao contexto de produção das suas obras, é averiguar em que nível a documentalidade da narrativa rosiana penetra no jogo ficcional no sentido de alimentar e dar sustentabilidade ao teatro mental do escritor, não para afirmar verdades ou fatos políticos, sociais ou culturais e sim para revelar o diálogo entre essas duas perspectivas literárias. Nesse sentido, atentando-se para as ambigüidades do contexto narrativo de "Buriti", em relação ao plano da realidade, podemos atribuir à constituição do espaço literário alguns aspectos que mostram claramente certas contradições no comportamento e no caráter de personagens que talvez possam ser também explicadas pelo fato de que a novela retrata a vida numa família que já está transitando do modelo patriarcal para o burguês — o que significa a introdução de algumas mudanças bastante significativas, como o relaxamento de certos costumes e atitudes de autoritarismo, arrogância e de falsa moralidade, próprias do patriarca arquetípico, como se pode entrever na seguinte descrição do fazendeiro:

¹³⁰ RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 17.

Iô Liodoro não dava intimidade. Conservava uma delimitação, uma distância. Falava ou respondia; mas, entremeado, voltava-se tranqüilo para uma banda, olhava uma outra pessoa, dava à terceira uma sílaba, ou brincava com um dos cães, observava os vaqueiros que se moviam no curral. Mas isso só afastava alguma coisa na gente: parte da gente. No mais, até aproximava, dava para se ter nele mais confiança... Tal iô Liodoro... Assim explicou mais tarde nhô Gualberto (*B.*, p.138-9).

Poderíamos considerar artificial essa representação de um personagem que incorpora o poder senhorial, aristocrático, sobretudo levando-se em conta que a fonte é Gualberto, um vassalo de Liodoro. Contudo, o narrador, embora constituindo-se, em certas passagens, em uma voz neutra, reitera, também, essa imagem do patriarca. A mesma representação aparece agora num trecho descrito pela voz desse narrador autônomo e que não se confunde com nenhum dos personagens: “Iô Liodoro balançava a paciência pujante de um boi. Assim ele circunvagava o olhar.” (*B.*,141).

Nesse e em outros aspectos em que se flagram os contrastes entre a noção da tradicional família mineira e as ambigüidades de comportamento na casa de Liodoro é que podemos confrontar certos *horizontes de expectativa* em relação às duas obras e, mais particularmente, em relação à literariedade da novela “Buriti”, numa espécie de *estranhamento* ou *desfamiliarização* ou ainda de transgressão intencional do autor aos estereótipos morais e culturais do contexto narrativo. Mesmo assim, achamos que os contrastes da personalidade do protagonista mostrados nesses exemplos, muito mais do que indicar uma mudança produzida por fatores sociais no perfil do patriarca histórico, pretendem sugerir conflitos ontológicos da humanidade, independente das questões de gênero e de hegemonia, pois outros conflitos ligados às relações entre o amor e o poder são recorrentes em diversas personagens femininas, nessa e em outras obras de Guimarães Rosa, sendo, portanto, uma das peculiaridades que corroboram a universalidade dessa ficção onde “o sertão está em toda parte”¹³¹. Afinal, “o sertão rosiano é enfaticamente significativo mas nunca completamente significado, num processo cujo dinamismo nunca oferece um sentido acabado: é polivalente, ambíguo, polissêmico, um sertão construído na linguagem”¹³².

¹³¹ ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 8.

¹³² JOZEF, B. "O romance brasileiro e o ibero-americano na atualidade". In: *O jogo mágico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 17.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essas considerações finais pelo retorno aos motivos que nortearam os propósitos gerais deste trabalho, a saber, a busca de respostas às questões que os textos estudados procuraram dar aos problemas sociais, históricos e literários do seu tempo de enunciação, à luz dos princípios fundamentais da estética da recepção sintetizados no aforismo de autoria de Collingwood segundo o qual “só se pode entender um texto quando se compreendeu a pergunta para a qual ele se constitui uma resposta”¹³³.

Uma vez que já foram ressaltados, ao longo da dissertação, aspectos relevantes da crítica literária pontuados por analistas de diversas tendências — com ênfase nos tópicos específicos analisados por alguns dos seus mais eminentes leitores, no capítulo 3 — apresentaremos agora nossas conclusões pessoais a respeito dos pontos que consideramos mais importantes para um aprofundamento crítico da leitura das obras com base nos pressupostos teóricos elencados e em nossa própria experiência de leitura, com vista na fusão de nossos horizontes de expectativa com a dos autores estudados.

Começando pelo texto em que predominam os ditames do *teatro mental do escritor*, ou seja, a ficcionalidade engendrada na novela “Buriti”, considera-se que um dos aspectos que mais contribuem para a sua versatilidade é a estruturação do foco narrativo em diferentes ângulos de visão, permitindo que os pontos de vista emitidos pelos diversos personagens se confundam com a de um narrador onisciente e neutro — o que evita o predomínio de um ponto de vista sobre os demais ou ainda uma adesão induzida do leitor ao personagem ou narrador que detém a palavra — recurso que se caracteriza, por sua vez, como um traço da prosa de ficção mais avançada da época.

Essa estratégia narrativa é de tal forma manipulada pelo escritor que, muitas vezes, tem-se dificuldade em distinguir a origem de certos enunciados, reflexões e fluxos de consciência pelo modo com que o discurso indireto livre sustenta os diálogos entre os personagens e a emissão de imagens e mensagens ao leitor. O que, longe de se constituir em um obstáculo para a compreensão do texto, torna-se um estímulo a mais para o seu engajamento num jogo de possibilidades

¹³³ COLLINGWOOD, H. G. *apud* JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994, p. 37.

interpretativas que a polissemia da ficção rosiana possibilita. Nessa perspectiva, não se percebe o destaque de nenhuma personagem como protagonista, pois o discurso de quase todos os que convivem no restrito círculo familiar de “Buriti” — quando enunciado indiretamente — é, simultaneamente, incorporado por um foco narrativo em terceira pessoa; outro fato narrativo que chama a atenção é que, no entanto, o foco jamais dá voz às “mulheres-da-cozinha”, que nunca falam por si próprias — e de cujo silêncio já se poderia talvez inferir um tipo de denúncia quanto à própria condição dessas figuras, sua posição na casa e no corpo social da família patriarcal, uma espécie de “mudez que fala”.

A figura de Liodoro, que aqui destacamos em virtude de se constituir em um foco central em relação ao tema desta pesquisa — o patriarcado no Brasil — é exemplar dessa estratégia narrativa original que consiste em apresentar um personagem sob os mais diversos ângulos e lugares enunciativos, permitindo ao leitor formar uma idéia não estigmatizada dessa espécie de homens de poder que já foi quase que estereotipada no imaginário nacional e cuja força simbólica permanece até hoje arraigada em nosso inconsciente cultural. Assim, cada membro da família de Liodoro, sua parentela e agregados e ainda a vizinhança local faz do patriarca juízos diferentes, às vezes paradoxais, o que lhe confere uma dimensão humana, distante do modelo quase mítico alimentado pela literatura universal desde a Bíblia e ainda reverenciado em nossos dias como um modelo de virtudes.

A essa organização narrativa complexa correspondem três possibilidades de leituras simultâneas e sucessivas da novela: a primeira, romanesca, suscitada pela circunstância sentimental que se instala em primeiro plano a partir do encontro de Miguel com as três mulheres em destaque na família — Lalinha, Maria da Glória e Maria Behu, que atraem o visitante com seus diferentes encantos, permanecendo, até certa altura, enigmático o desfecho das relações entre os quatro; em segundo plano, a do envolvimento erótico e clandestino entre Lalinha e Liodoro, que condensa em sua evolução os momentos de maior tensão psicológica da trama; e, finalmente, em terceiro, as obscuras relações amorosas entre Gualberto e Glória e desta com Lalinha, ambas permeadas por elementos passionais que envolvem motivações ambíguas de sexo, amor e poder.

A segunda leitura, de fundo social e político, é sugerida pela presença de conflitos ligados à organização e à crise novecentista da ordem patriarcal brasileira que irão articular muitas das circunstâncias que estruturam a novela; a terceira

permite uma fascinante viagem com as asas do lirismo rosiano que aflora na tessitura novelesca com maior requinte, no plano alegórico, por meio dos incontáveis elementos da fauna e da flora, onde o escritor plasma a universalidade da condição humana, metamorfoseando em sentimentos profundos certos traços de animalidade e de vegetabilidade, ilustrada no conselho que o escritor deu a Günter Lorenz, numa entrevista concedida ao crítico em 1965: “Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo”¹³⁴.

Como se vê, é possível estabelecer com o texto rosiano um jogo interpretativo produzido pela *fusão de três horizontes de expectativas* capaz de propor novas e inesperadas respostas aos problemas enfrentados pelo escritor na composição da sua estória, e permitindo ao leitor encontrar pontos de contato bastante sutis para a compreensão dessas respostas, no âmbito da ficção e do contexto cultural brasileiro.

Atentemos, por exemplo, para as circunstâncias que motivam a atitude de Liodoro em levar a nora para morar na fazenda a pretexto de não deixar no abandono um membro legítimo da família a quem ele diz considerar como uma filha, “perante Deus e perante todos” (*B.*, 103). No decorrer da convivência, porém, seu afeto por Lalinha transita do paternal para o sensual, mostrando-se pleno de ambigüidades que escondem conflitos de ordem moral, cultural e social, em face do seu compromisso com a imagem de um “pai de todos” (*B.*, 105).

Glorinha, por sua vez, apesar de considerá-lo um pai exemplar, quase um ídolo, sabe que ele tem pés de barro, sobretudo quando se trata de sua “fraqueza” em relação ao sexo oposto, a cuja sedução Liodoro parece ser extremamente vulnerável. A tal ponto que, com relação a ela mesma, ele mantém uma distância respeitosa, permitindo-lhe gozar de toda liberdade exigida por seu temperamento impulsivo e feroso que, afinal, dele ela parece ter herdado. E, contrariando o estigma de rigidez moral próprio do patriarca antigo, ele encara com tal permissividade o comportamento da filha fora do ambiente doméstico que chega a provocar a censura dos vizinhos e do compadre Gualberto, que o consideram pouco rigoroso na educação da menina.

E mesmo Lalinha, a moça de costumes urbanos avançados, estranha a licenciosidade de Liodoro em relação à preservação da intimidade doméstica, permitindo que Gualberto, a quem ela considera ousado e abusado, freqüente a casa com tamanha assiduidade, adotando certas atitudes de bisbilhotice e de falta

¹³⁴ PIZA, Daniel. O grande sertão sem fronteiras. *Entrelivros*, São Paulo, v. 1, n. 9, jan., 2006, p. 31.

de decoro em relação à Glorinha, opinião que, convenhamos, não é motivada apenas por ciúmes, já que mesmo Maria Behu dela compartilha.

Porém — e aí entra a astúcia do narrador no jogo de imagens criado para seduzir o leitor — como condenar a aparente fraqueza de Liodoro no trato com as filhas e os agregados e na sua busca contumaz de aventuras sexuais fora de casa, quando se sabe que ele é viúvo há muitos anos, e de uma esposa que parece ter sido muito bem amada, e cuja ausência ele parece não ter conseguido ou querido suprir, nem no espaço da família, nem no coração e nem na cabeça?

Por outro lado, Liodoro é muitas vezes mostrado como um ser introspectivo, cuja reserva — julgada por alguns como uma forma de arrogância ou de formalidade própria da sua condição elevada, no topo da hierarquia familiar e social — parece, em certos momentos, provir de um alheamento filosófico diante dos inúmeros problemas da existência num meio em que os limites entre civilização e barbárie estão por ser definidos — uma questão que a literatura rosiana abordará em todo o seu conjunto. E que o escritor tratará em suas múltiplas determinações, desde as de fundo político, ligadas à situação de atraso sócio-institucional em que se acha mergulhado o sertão, até as questões universais derivadas da própria fragilidade humana em face da circunstância de estar no mundo.

Vejam, agora, as coisas por outro ângulo, de um modo um tanto mais pragmático e talvez mais coerente com os condicionantes sociais em que se desenvolveram as relações patriarcais no meio rural nesse período: a estória permite inferir que Liodoro, sendo um homem muito rico, tem como um de seus principais sentidos de vida a preservação de seus bens por meio do legado desse patrimônio a uma descendência ciosa da sua preservação e reprodução, um sonho que, até quase o final da novela, parece não ter garantia de se concretizar, uma vez que, dos filhos que continuaram vivos — Lalinha, Ísio e Irvino — a primeira parece não ter interesse em um casamento de conveniência com algum fazendeiro local, o segundo é um sujeito retraído e sem ambições, perfil pouco condizente com o do grande proprietário rural; e o terceiro há muito já se afastou da vida na roça. As possibilidades de vir a ter outros filhos legítimos que pudessem suprir essa lacuna parecem remotas já que ele, mesmo sendo um homem em pleno vigor físico, não parece interessado em um novo casamento. Contudo — o que o final da estória não deixa entrever — é a hipótese de uma união formal com Lalinha, o que poderia ser uma solução possível para o problema da revitalização da sua descendência e da

preservação do império patriarcal no âmbito do latifúndio que, aliás, no Brasil, se mantém, ainda, como uma das maiores instâncias do domínio social e econômico das elites. Mas essa também seria uma saída pouco plausível pois, devido aos resquícios de uma moralidade atávica na mentalidade paternalista de Liodoro, ele jamais se permitiria transgredir as regras do distanciamento que deveria ser sempre mantido em relação à ex-nora, agravado pelas razões que o levaram a trazê-la para o seio da família — a esperança, embora infundada, no retorno de Irvino e no reatamento da união do casal.

A solução para o impasse poderia vir, então, através de netos que viessem a assegurar a manutenção desses bens no âmbito do restrito corpo familiar. Por isso, as perspectivas de solução para os problemas afetivos, sócio-econômicos e culturais de Liodoro parecem abrir-se para um novo horizonte após a notícia do nascimento de seu primeiro neto, filho de Irvino com a nova mulher, embora essa união também ainda permaneça na informalidade, criando obstáculos para a legalização dos direitos de hereditariedade da criança, já comprometidos, como o texto permite inferir, pela deserção de Irvino pelo pai, conforme os costumes da época, devido à união ilícita de Irvino com a segunda mulher após abandonar a primeira, considerada a legítima segundo o código de honra patriarcal. Assim, o nascimento do neto, alvissareiro para o ego do patriarca, tem também o poder de transformar radicalmente certas prosápias do sangue e certos impedimentos legais, uma vez que a primeira atitude do patriarca é o reconhecimento da legitimidade do herdeiro, cuja efetivação ele se encarrega de proceder imediatamente, transferindo oficialmente à mulher de Irvino os direitos de esposa, a fim de que o novo sucessor, alterando a antiga posição de seus pais na família, possa, também, superar as contingências de sua origem e dar continuidade autêntica à linhagem familiar.

Esta possibilidade interpretativa não é gratuita, ancorando-se antes nos preceitos de tolerância por parte da instituição patriarcal que se flexibilizam enormemente quando estão em jogo as prerrogativas de sua preservação. E de tolerância também por parte da sociedade como um todo, em se tratando de assuntos de filiação natural, a julgar-se pelo que a crônica historiográfica de Gilberto Freyre¹³⁵ e de Antônio Candido¹³⁶ elucidou com grande perspicácia e espírito

¹³⁵ FREYRE, Gilberto, *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 263. Idem, *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Record, p. 95.

¹³⁶ CANDIDO, Antonio. The Brazilian family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexander. *Brazil: Portrait of a half continent*. New York: The Dryden Press, 1951, p. 296.

democrático, embora pareça contrariar as normas vigentes nesse período como se lê em muitas obras literárias regionalistas de feição naturalista.

É importante retomar nesse ponto o problema proposto por Luiz Costa Lima a respeito do primado da observação que predominou, segundo esse estudioso, como o grande cânone da literatura testemunhal, tanto na literatura quanto na crítica, até as primeiras décadas do século XX e que, "depois de renovar-se no modernismo, de alimentar-se da busca da "essência nacional" [grifo dele] seguiu adiante e alcançou a prática majoritária de hoje em dia" ¹³⁷. Pois é inegável que o olhar documentalista permanece exercendo sua influência sobre a literatura pós-modernista como a de Guimarães Rosa, que já surge em uma fase conceituada por alguns estudiosos como a de um "neo-regionalismo"¹³⁸ ou mesmo de um "superregionalismo"¹³⁹ e onde já ocorre a superação da "formação de compromisso" ¹⁴⁰ na medida em que, devido às transformações nos planos social e político ocorridas no Brasil, o artista e o escritor já estavam mais liberados das injunções inerentes às suas funções artísticas e intelectuais tais como se compreendia a chamada militância intelectual brasileira naquele período e que o modernismo, a partir de outras referências, tentou superar.

Em "Buriti", aquele condicionamento pode ser, até certo ponto, percebido, no tratamento que recebe a figura do patriarca e da atmosfera que emana dessa imagem como sustentação da trama novelesca, nas quais é possível vislumbrar uma intenção do narrador em reafirmar a permanência no tipo de uma essência nacional que pode ser interpretada como a absorção, pelo autor, de conceitos oriundos da visão nacionalista presente na noção do "homem cordial", de Sérgio Buarque de Holanda¹⁴¹, do "pai tutelar" inspirado nas figuras de D. Pedro II e Getúlio Vargas e, por fim, na de uma síntese de "antagonismos" segundo a qual o homem brasileiro seria o resultado surpreendentemente bem sucedido da miscigenação promovida pela colonização portuguesa nos trópicos — um dos aspectos mais desqualificados da obra freyreana pela crítica acadêmica das décadas pós-sessenta.

Contudo, seria injusto não reconhecer também uma busca de superação com desse compromisso não apenas nessa novela mas também na obra rosiana como um todo, por meio da grande liberdade com que o narrador dá asas ao seu

¹³⁷ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 217.

¹³⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 26.

¹³⁹ CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento" (p. 362). In: MORENO, César Fernández (org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

¹⁴⁰ LIMA, Luiz Costa, *Op. cit.*, p. 210-39.

¹⁴¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 148.

imaginário na composição de um teatro mental que encena as mais diferentes narrativas, em todos os gêneros, penetrados por um lirismo raramente encontrado na poesia desse período.

Por fim, a abordagem que nos parece mais próxima da estética que a obra de Guimarães Rosa cultiva que é a da leitura da novela à luz dos processos de interação homem-natureza, ou do homem com o ambiente, com os seres irracionais nos quais ele sempre buscou sabedoria e inspiração para os temas e os personagens de suas estórias. Na imagem do buriti que simboliza o sertão, a fazenda e a própria figura do patriarca, a poesia em prosa da narrativa rosiana alcança um alto nível de qualidade, sobretudo ao inaugurar um tipo de linguagem que se alimenta das fontes eruditas da literatura brasileira para recriar um sentimento de mundo ao qual é sensível qualquer leitor dos clássicos da literatura universal: “Aquele coqueiro crescido consolava mais do que as palavras procuradas num livro, do que um bom conselho de amigo. Assim em deixação, só ser — como um rio se viaja.” (B.,152). O buriti, que encarna na novela as virtudes mais gratas à imagem ancestral do patriarca é, também, o elemento que fecha o trecho do retorno de Miguel à fazenda, como o símbolo da iniciação de um novo ciclo na vida do herói, que passa a vê-lo também como um marco divisor de águas entre duas etapas de sua vida.

É necessário assinalar que, a uma leitura atenta dessa novela, não pode passar despercebido o modo como certas passagens apresentam uma faceta mítico-religiosa que subjaz à visão de mundo de seu autor, numa perspectiva bastante complexa, procurando destacar a convivência pacífica de várias correntes de crença, numa abordagem pluralista, já anunciada pelo modernismo literário brasileiro, inspirada nas mitologias afro-indígenas, ibérica e greco-romana; no caso da última, verifica-se em Rosa uma clara oposição aos princípios defendidos pela Semana de 22, e que constitui, segundo Otto Maria Carpeaux, uma das principais marcas da prosa de Graciliano Ramos e que Guimarães Rosa realizava, também, no plano temático: “o poder de estilizar *classicamente* [grifo do autor] a realidade”¹⁴². Sobre esse assunto, citemos, novamente Alfredo Bosi,

A extrema originalidade da literatura rosiana nasce de uma conjunção rara, talvez irrepitível: o diálogo de uma solerte cultura lingüística e literária com as mais caudalosas fontes da psique e da

¹⁴² CARPEAUX, Otto M. *apud* RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 15-6.

mitologia sertaneja¹⁴³.

Devido à sua riqueza como signo lingüístico e mítico na vida e na obra de Guimarães Rosa, será pertinente encerrar essas considerações finais com a transcrição de uma das mais expressivas passagens dessa novela, que descreve a palmeira como parte de um cenário pleno de significações que encerram o grande sentido da literatura como a mais bela arte da palavra:

O Buriti-Grande — igual, sem rosto, podendo ser de pedra. Dominava o prado, o pasto, o Brejão, a mata negra à beira do rio, e sobrelevava, cerca, todo o buritizal. Cravara raízes num espaço mais rico do chão, ou acaso herdara de séculos um guardado fervor, algum erro de impulso; ou bem ele restasse, de outra raça, de uma outra geração de palmeira derruída e desfeita no tempo. Plantava em poste o corpulento roliço, só se afinando, insensível, fim acima, onde alargava a rude arassóia, um leque de braços, com as folhas lançantes, nenhuma descaindo. Não podia o vento desgrenhar-lhe a fronde, com rumor de engenho, e mal se prendia em seus cabelos, feito uma grande abelha. Seria mais cinza ou verde menos velho, segundo dividisse o forte do sol ou lambessem-no as chuvas. E, em noite clara, era espectral — um só osso, um nervo, músculo. Às vezes, tapava a lua ou carregava-a à ilharga, enquanto em sua grimpa gotejava o bruxolim de estrelas. Sua beleza montava, magnificava. Marcava obstáculo: um tinha que parar ali, momentos que fosse, por império. E seguir um instante seu duro movimento coagulado, de que parecia pronta uma ameaça ou uma música. Diziam: o Buriti-Grande. Ele existia. (*B.*, 144)

¹⁴³ BOSI, Alfredo. "Situação e formas do conto contemporâneo brasileiro". In: *O conto contemporâneo brasileiro*. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 11.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. De Guimarães Rosa

1. BIZZARRI, Edoardo. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano*. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.1981. 147 p.
2. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Corpo de Baile: sete novelas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. v. 1, p. 625-822.
3. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Corpo de Baile*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960. 543 p.
4. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Corpo de Baile: sete novelas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 2 v.
5. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Noites do sertão*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965. p. 83-251.
6. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Noites do sertão: Corpo de baile*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. p. 83-251.
7. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Noites do sertão*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. p. 83-251
8. ROSA, João Guimarães. *Noites do sertão*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 258 p.
9. ROSA, João Guimarães. *Noites do sertão*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 258 p.
10. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1, p. 863-988.
11. ROSA, João Guimarães. "Buriti". In: *Noites do Sertão*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 260 p.
12. ROSA, João Guimarães. *Noites do Sertão*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 317 p.
13. ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1968. 178 p.
14. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 568 p.
15. ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim: Corpo de baile*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1964. 108 p.

2. Sobre Guimarães Rosa

16. DIAS JR., Carlos Alberto Corrêa. *A contradança poética: poesia e linguagem em "Cara-de-Bronze"*. Belém, 2007. 100 p. Dissertação de Mestrado em Letras (Estudos Literários), Universidade Federal do Pará.
17. GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000. 77 p.
18. LAGES, Suzana Kampff. *João Guimarães Rosa e a Saudade*. Cotia: Ateliê, 2002. 188 p.
19. LIMA, Luiz Costa. "O buriti entre os homens ou O exílio da utopia" (p. 129-79). In: *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. 231 p.
20. MOREIRA, Eidorfe. "Geografias mágicas". In: *Obras reunidas*. Belém: CEJUP,

1985. v. 7, 211 p. "Metapaisagem do sertão", p. 179-96 e "Amazonismos em Guimarães Rosa", p. 199-210.
21. MONEGAL, Emir Rodriguez. "Em busca de Guimarães Rosa." In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 47-61.
22. MONEGAL, Emir Rodriguez. Anacronismos: Mário de Andrade e Guimarães Rosa em el contexto de la novela hispanoamericana. *Revista Iberoamericana*, v. 43. n. 98-99, p. 109-115, enero-junio 1977.
23. NUNES, Benedito. "O amor na obra de Guimarães Rosa" (p. 143-71). In: *O dorso do tigre*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 279 p.
24. PIZA, Daniel. O grande sertão sem fronteiras. In: Dossiê Guimarães Rosa. *Entrelivros*. São Paulo, jan. 2006. v. I, n. 9. p. 30-47.
25. RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: UNESP, 2004. 352 p.
26. RONCARI, Luiz. *O cão do sertão*. São Paulo: UNESP, 2007. 301 p.
27. ROSENFELD, Kathrin Holzenmayr. *Grande sertão: veredas* — roteiro de leitura. São Paulo: Ática, 1992. 111 p.
28. ROSENFELD, Kathrin Holzenmayr. *Os descaminhos do demo: tradição e ruptura em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Imago. EDUSP, 1993. 217 p.
- ROSENFELD, Kathrin Holzenmayr. *Desenveredando Rosa – A obra de J. G. Rosa & outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006. 393 p.
29. ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. Reflexões em torno de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. *O eixo e a roda*, v. 12, p. 85-91, jan. /jun. 2006.
30. SANTOS, Wendel. *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1978. 232 p.
31. SANTOS, Wendel. *Buriti: a forma e o tema*. São Paulo, 1972. 236 p. Tese de doutorado em Letras (Literatura Brasileira), Universidade de São Paulo.
32. SOARES, Claudia Campos. *Movimento e ordem nos gerais rosianos: a família e a formação do herói em "Campo Geral"*. São Paulo, 2002. 188 p. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Universidade de São Paulo.

3. História, Teoria e Crítica Literária

33. ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997. 114 p.
34. ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro. Ediouro, [19--]. 286 p.
35. BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética — a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et alli. São Paulo: Annablume / HUCITEC, 2002. 439 p.
36. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira — momentos decisivos*. 5 ed. Belo Horizonte. São Paulo: Itatiaia. EDUSP. 1975. 2 v.
37. CANDIDO, Antonio. The Brazilian family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexander. *Brazil: Portrait of a half continent*. New York: The Dryden Press, 1951, 248 p.
38. COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG. 2003. 303 p.
39. DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo*. São Paulo: Pallas/Crisálida. 288 p.

40. ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. Letizia Zini Antunes et al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. 66 p.
41. JAUSS, Hans Robert. "A estética da recepção: colocações gerais". In: Lima, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção*. 2 ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 67-84.
42. JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.
43. JOZEF, Bella. "O romance brasileiro e o ibero-americano na atualidade". In: *O jogo mágico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 10-20.
44. KRAMER, Lloyd S. "Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra". In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo. Martins Fontes. 1992. p. 131-73.
45. LIMA, Luiz Costa. "Documento e ficção". In: *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 187-239.
46. LIMA, Luiz Costa.. In: *A aguarrás do tempo — estudos sobre narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco. 1989. 360 p. "A versão solar do patriarcalismo" p. 187-238 e "Sob as trevas da melancolia: o patriarcado em *A menina morta*" . p. 187-237.
47. LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Soa Paulo: Paz e Terra, 2002. 320 p.
48. LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins, 1988. 480 p.
49. MONEGAL, Emir Rodriguez. "Tradição e renovação" (p. 131-6). In: MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo. Perspectiva, 1979. 506 p.
50. NINA, Cláudia. O escritor de 7 faces. Dossiê Machado de Assis. *EntreLivros*. São Paulo, nov. 2007. v. 3. n. 30, p. 32-8.
51. PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 2 ed. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Celso Lafer e Haroldo de Campos (org. e revisão). São Paulo: Perspectiva, 1976. 320 p.
52. PRADO JR., Bento. *Alguns ensaios*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 294 p.
53. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. 231 p.
54. SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo: Cia das Letras. 1997. 144 p.

4. História e Ciências Sociais

55. ALENCAR, Chico et alii. *História da Sociedade Brasileira*. 14 ed. São Paulo: Ao Livro Técnico. 1994. 467 p.
56. BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. 403 p.
57. DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. São Paulo: Rocco. 2007. 126 p.
58. DAMAZIO, Reynaldo. Uma reflexão decisiva sobre o homem cordial. Dossiê: Intelectuais sob o Estado Novo. *EntreLivros — Biblioteca*. São Paulo, set. 2007. ed. especial n. 8, p. 28-33,.
59. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 46. ed. São Paulo: Record, 2002. 670 p.
60. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. 3 v.

61. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. 575 p.
62. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 758 p.
63. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. A invenção do mito da democracia racial. Dossiê: Intelectuais sob o Estado Novo. *EntreLivros — Biblioteca*. São Paulo, set. 2007. ed. especial n. 8, p. 22-7
64. HAAG, Carlos. O resgate do mestre de Apicucos. In: Dossiê Gilberto Freyre. *EntreLivros*. São Paulo, dez. 2005. v. I, n. 8, p. 28-42.
65. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 220 p.
66. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. 412 p.
67. LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1969. 340 p.
68. VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. 8 ed. São Paulo: Scipione, 1997. 495 p.
69. VESENTINI, José William. *Sociedade e Espaço — geografia geral e do Brasil*. 36 ed. reform. e atual. São Paulo: Ática, 1996. 351 p.

4. Outros autores

70. ANDRADE, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988. 203 p.
71. ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. 3 v.
72. ASSIS, Machado de. “Instinto de nacionalidade”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. v. 3, p. 801-804.
73. BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Escala, [19--]. 178 p.
74. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto — uma tragédia*. Parte I. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: 34. 2004. 552 p.
75. QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. 27. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981. 112 p.
76. RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985. 216 p.
77. RAMOS, Graciliano. *Infância*. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. 275 p.
78. VICENTE, Gil. *Obras*. Porto: Lello & Irmão, 1965. 1465 p.

5. Obras de referência

79. BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. 7 ed. Trad. Carmem C. Varrialle. Brasília: UNB, 1995. 2 v.
80. REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. 300 p.
81. ROSUT, Aleixo et alii. Melhoramentos. *Dicionário Prático da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1995. 1046 p.
82. SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. Trad. Mário da Gama Kury. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 253 p.
83. CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e de gramática*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 262 p.

6. Bibliografia Consultada

84. ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *O espelho – contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998. 260 p.
85. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. I.* 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p.
86. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 1978. 528 p.
87. BOSI, Alfredo. *O conto contemporâneo brasileiro*. São Paulo: Cultrix, 2003. 293 p.
88. BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin — conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. 223 p.
89. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: EDUNESP, 1992. 354 p.
90. CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento" (p. 343-62). In: MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo. Perspectiva, 1979. São Paulo: Ática, 1979. 506 p.
91. CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de história e teoria literária*. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1980. 193 p.
92. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2 v.
93. CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira. História e antologia*. 2 v. 11 ed. Rio de Janeiro. 2001. 896 p.
94. CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. "Fluxo da consciência como Método Ficcional" (51- 63). In: *Foco narrativo e fluxo de consciência*. São Paulo: Pioneira, 1981. 63 p.
95. COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Niterói: UFF, 1986. 6 v.
96. COUTINHO, Eduardo Franco (org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 579 p.
97. COUTINHO, Odilon Ribeiro. *Gilberto Freyre ou o ideário brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. 282 p.
98. FINLEY, Moses. *O uso e o abuso da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
99. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 114 p.
100. GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela-guerreira*. São Paulo: SENAC. 1998. 247 p.
101. ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: 34.1996. 2 v.
102. JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.
103. JAUSS, Hans Robert. *Pour une Esthétique de la Réception*. Paris: Gallimard, 1990. 336 p.
104. JOZEF, Bella. *Romance hispano-americano*. São Paulo: Ática, 1986. 207 p.
105. LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo. 2003. 374 p.
106. LAJOLO, Mariza. *Como e porque ler o romance brasileiro*. São Paulo: Objetiva. 2004. 174 p.

107. LAJOLO, Mariza. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001, 174 p.
108. LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Trad. Patrícia Zimbres. São Paulo: UNESP, 2001. 344 p.
109. LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2 v.
110. MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.
111. NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. 84 p.
112. NUNES, Benedito. "De Sagarana a Grande Sertão: Veredas". In: *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998. p. 247-262.
113. RAMOS, Maria Luiza. "O elemento poético em Grande sertão: veredas". p. 233-254. In: *Fenomenologia da obra literária*. 2 ed. São Paulo. Rio de Janeiro: Forense, 1972. 255 p.
114. RIVERA, Tânia. *Guimarães Rosa e a psicanálise — ensaios sobre imagem e escrita*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 103 p.
115. SANTIAGO, Silviano. "Para além da história social". In: *Nas malhas da letra*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989. p. 215-232.
116. SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 9-26.
117. SANTIAGO, Silviano. "Apesar de dependente, universal". In: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.13-24.
118. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5 ed. S. Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000, 240 p.
119. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão — Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 258 p.
120. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 596 p.
121. STIERLE, Karlheinz. "Que significa a recepção dos textos ficcionais?" In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 119 -171.
122. SÜSSEKIND, Flora & DIAS, Tânia. *A historiografia literária e as técnicas de escrita — do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa. 2004. 676 p.
123. WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 231 p.
124. VIANNA, Oliveira. *Ensaio inédito*. São Paulo: UNICAMP, 1991. 388 p.
125. VIANNA, Oliveira. *Instituições políticas brasileiras*. São Paulo: EDUSP. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. 2 v.
126. ZILBERMAN, Regina. *A estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. 124 p.